

REVISTA DA SEMANA

Nº 27-6.7.46

NA CAPITAL CR\$ 1.50 • NOS ESTADOS CR\$ 2.00





Jockey Club Mundano

Mais uma brilhante tarde turfística ofereceu o Jockey Club Brasileiro aos frequentadores do Hipódromo da Gávea, no último domingo. Para maior brilhantismo dessa elegante reunião concorreram as belíssimas "toilettes" exibidas pelas graciosas "turfwomen" cariocas que emprestaram ao "meeting" o aspecto de uma grande parada de beleza.



ANDARAM dizendo que o mundo ia se acabar. Ou, pelo menos, que seria partido em dois pedaços. Dois no mínimo, talvez mais. Que talvez ninguém escapasse da experiência de Bikini, além dos ratos, coelhos, porquinhos e outros bichos inofensivos, com exceção do homem que também é bicho mas nunca foi inofensivo. Garantiram que ninguém ficaria para contar como foi, nem nós aqui de tão longe. Soltaram um balãozinho extra, que se confundiu no céu carioca com os outros das crianças, remissantes deste São Pedro tão barulhentosamente festejado. Disséram até que um maremoto viria desde as águas do Pacífico às da Guanabara, devorando tudo, até devorar a última barca da Cantareira, e que as nuvens de ingredientes químicos, mais velozes que as de gafanhotos, chegariam até o Rio, desintegrando átomo por átomo, a cidade inteirinha, os morros e os jardins bonitos, o Corcovado e a Serra dos Orgãos, devorando mesmo os arranha-céus de Copacabana.

Céus, disseram tanta coisa, amedrontaram tanto o pobre cidadão-zé, que no domingo à tarde todos lá em casa nos preparamos para o desfêcho. Um jornal publicou: "O primeiro fim do mundo foi nas águas. O segundo, pestence ao fogo..." E à hora marcada, um nervoso locutor de rádio estertorou, macabro:

— Senhores ouvintes, atenção! Aí vem ela! Vamos ouvir dentro de alguns instantes, em primeiro audição, o estrondo da bomba atômica, numa gentil oferta da casa tal...

Mas os minutos passaram, o coração da gente voltou a pulsar, o ar encheu-se da expectativa de milhões, houve preces e despe-

ANTES E DEPOIS DA BOMBA

didias, "adeus querida até o outro mundo, cuidado com a viagem", namorados que aproveitaram o ensêjo para dar o "good bye" em abraços apertados nas chorosas namoradas, crianças deitadas nas suas caminhas com as cabeças cobertas pelo cobertor para não "vêr"... e ninguém viu, ninguém ouviu, ninguém sentiu nada!

Estava desmoralizada a bomba atômica. Mais tarde chegavam os telegramas e foi um alívio universal. Porque se ainda havia gente para transmiti-los, era porque Bikini não fôra desintegrada, nem a América do Norte, nem o Pacífico, muito menos o Mundo, este pobre mundo louco, cada vez mais louco varrido, que ainda mal saíu de uma guerra, já

V É R A M A R I A

se prepara — espontaneamente, meu Deus! — para outra, duas vezes maior...

★

Saimos de casa, fomos vêr de perto, lá fôra, si ainda havia Copacabana. Talvez fôsse arrastada no momento...

Qual! Copacabana, a soberba, lá estava cheia de luzes, naquela noite friorenta de 30 de junho do ano da graça de 1946. Com as calçadas vãs, talvez porque o medo, à maneira da confusão de Machado de Assis, fôsse geral... Mas com os "bars" repletos de gente que procurava afogar no "whisky", o perigo iminente.

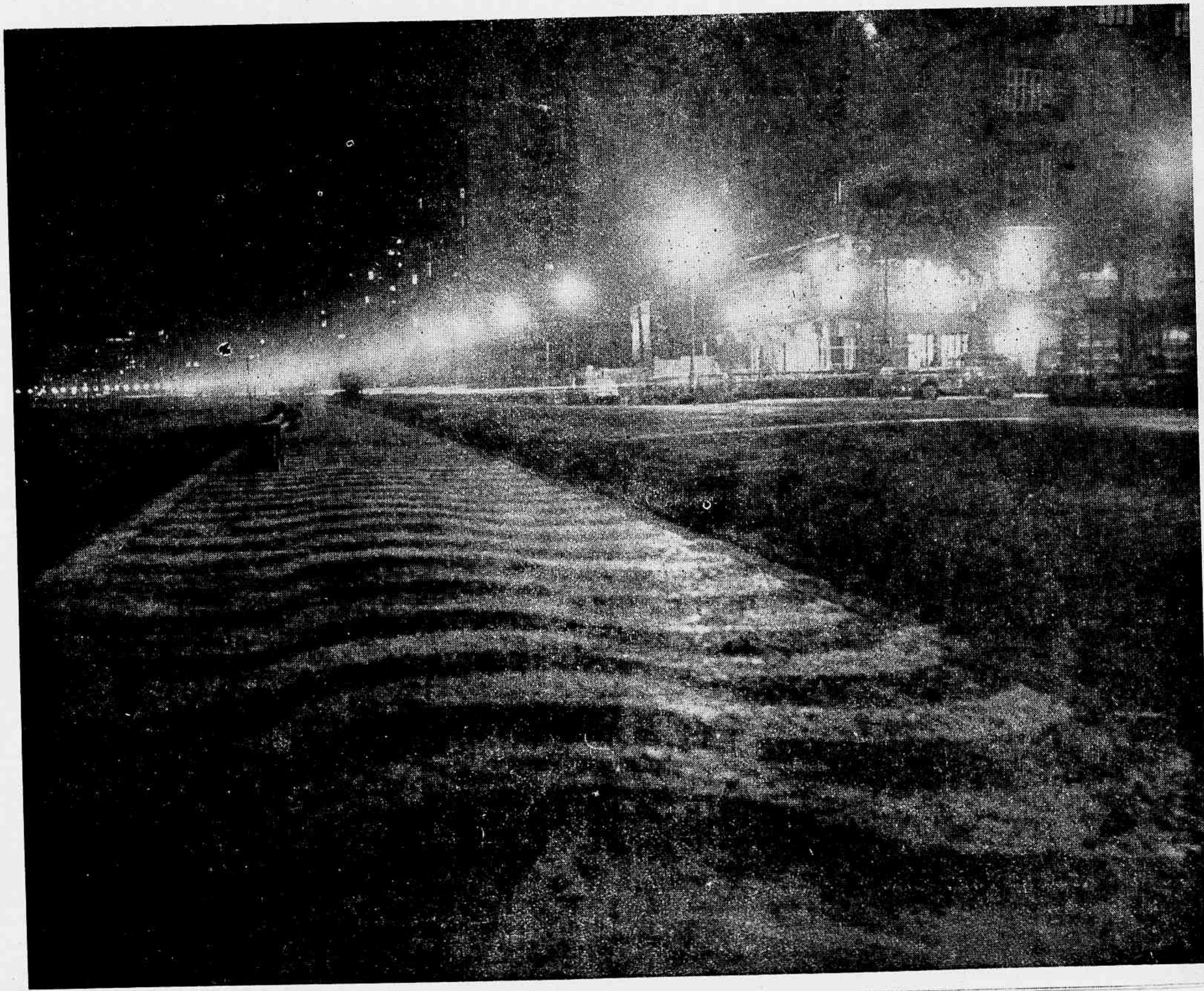
E não houve nada! Copacabana resistiu...

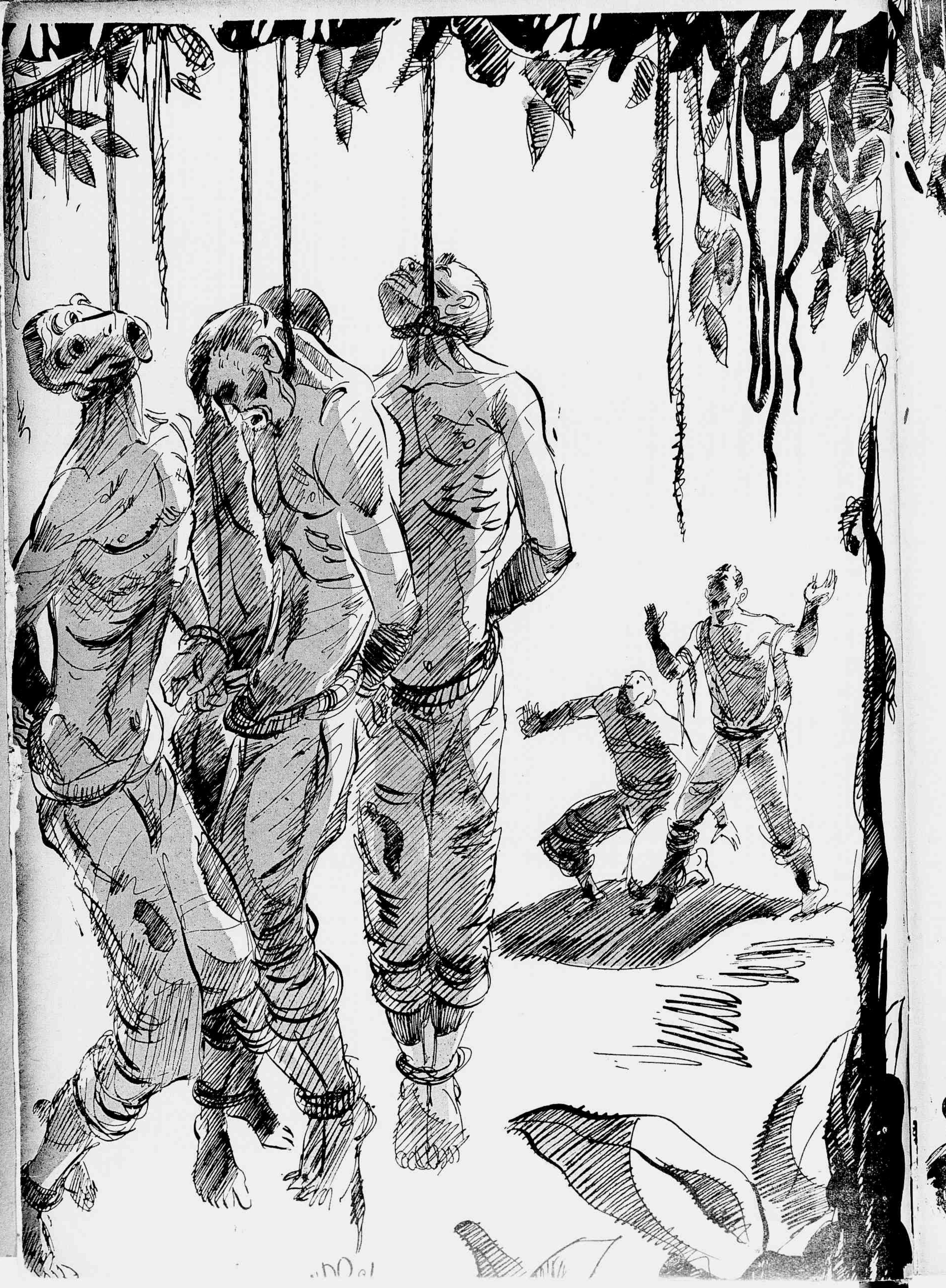
Minha Copacabana bem amada! Minha praia romântica, sempre môça e bela, sempre luminosa (quando não ha mais "black-out" nem namorados aproveitando-se das trevas para trocar beijos demorados...) Tranquiliza-te, porque ainda não foi desta vez...

Outras bombas virão, outros "bluffs" hão de pregar-nos, outros hão de repetir que o mundo vai se acabar — e não acabará não, Copacabana!

Como poderia ter fim esse pedaço bonito de céu, terra e mar, fascinante pela manhã, delicioso à tarde, misterioso e envolvente à noite, sempre invejado de outras, terras, outros mares e outros céus — oh, Copacabana, a única!

Sim, disséram que o mundo ia se acabar, e já acabava tarde. Foi pena não acabar logo de uma vez, deixando-nos, apenas a nós, os cariocas, e a ti Copacabana. Era o bastante, que os loucos não fazem falta, não...





Symbolismo...

CONTO DE ALBERTO LEAL - ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS

COM as suas dez braças de calado e os seus oito metros da carlinga ao convés, acastelada à proa e à ré, que se unem por um bailéu de dous andares, comprido de 15 metros, a carraca São Manoel vara, pesada mas segura, as águas esverdeadas da costa vicentina.

Nas suas seis cobertas, grupos de marinheiros conversam, contando-se as maravilhas do que fica para além da longínqua faixa de morros azueis. Nave de guerra seiscientista, é a maior que tem mareado em águas brasis: 850.000 quilos carrega, com as 28 peças de bronze, algumas das quais pesam bem 17.000 quilos.

É tão vasto o cesto da gavea, que dez homens aí ficam á vontade para a manobra de pequenas peças de artilharia.

Panda, no gurupés lançado, abre-se toda ao vento a véla branca, onde se desenha a mesma cruz que acompanhou Gil Eanes, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, Alvares Cabral, São Francisco Xavier...

O pinho de Alcácer, cortado em Janeiro e enterrado por um ano, garante-lhe solidez por dois quartéis de século.

Sentem-se nela seguros os trigueiros marujos de carapuças de lã: não temem a vaga do Atlantico, nem o ataque do francês.

Seguros e confiantes sobre a água, olham a terra lá ao longe, misteriosa e anilada, e sem querer estremecem...

Mas deve ser facil vencer o temor, quando a ilusão acena.

E assim, são baixadas mesmo ordens severas, não só para que se não embarquem indios para o Reino, como também para que a gente das naus não se lance ou não se abandone em terra, "causa muito odiosa ao trato e serviço reais".

A primeira medida tem por escopo evitar que, falecidos a bordo ou ausentes para sempre na metropole, possam os parentes dos indigenas embarcados supôr fôsem eles devorados pelos portugueses...

A segunda evitará a deserção, punindo-a severamente. Deserção curiosa em que se vê, ás vezes, o europeu dominado a tal ponto pelo meio, que chega a furar orelhas e beijos, onde pendura batoques, e se entregar ao horror da antropofagia, depois de bater o prisioneiro enleiado na mussurana.

São passados já 2 meses lunares que o Tejo os viu pela ultima vez. E todo este tempo vem o Torto — o dispenseiro — convencendo seus dous amigos para a deserção.

Diogo, o marinheiro, repete fracamente, pela centesima vez, os seus argumentos, tirados dos misterios e pavores da terra de Santa Cruz.

— "Dizem que ha cousas de assombrar: aí por estas praias, contam que os hipupiáras enormes e hórriidos, caçom marinheiros para lhes comerem os olhos!"

O grumete Pedro arregalava os olhos, e fazia: "Virgem!"

Mas o Torto negava: "qual nada! o que ha é muita prata e ouro e pedras. Disseram-me em Lisboa de uma carta a el-rei do governador Tomé de Souza em que assegura que "esta terra e o Perú é toda huma. "O Potosi é um só!" Diogo volta:

— "E então as serpentes de 20 palmos de comprido e 4 braços de largo, não existem?"

— "Qual! O que ha é uma lagôa onde as areias são pó de ouro, e uma ou muitas montanhas, cujos cimos são prata e diamantes brutos as fraldas!"

O grumete Pedro abria a boca, pasmo: "Virgem!" — "Ouvi dizer — insistia o marinheiro — que nestes matos mora um bicho estranho, com lingua de quatro palmos, que se abraça num qualquer e só o larga morto!"

— "Verdade, concorda o Torto, é o taman-duá, cuja carne comi na outra viagem: mais macia e melhor que vaca!"

O grumete também ouviu falar de cousas: — "Senhor Torto, me dizem que se encontram nestes brasis bichos que se empoleiram nas grimpas das matas, e com seus milhares de braços caçam os homens que passam ao seu alcance!"

— "São os hahís, grumete, bichos de lenda, tudo mentiras!"

— Contou-me um marinheiro, cujo primo veio com Pinzon, que o parente vira homens vermelhos altos de cinco metros, comedores de gente!" — interveiu Diogo.

— "Sei disto: os coruqueans; e anões guaiazis, e mulheres guerreiras que cortam o seio para empunharem melhor os broqueis contra o peito, como as que combateram numa guerra antiga, chamada de Troia. Tudo mentiras!"

(CONTINUA NA P. G. 52)

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"



A SEMANA EM REVISTA

GILDA VAI PROTESTAR !



Num requintado gesto de amabilidade e homenagem a Rita Hayworth, os marujos de Bikini batizaram a bomba atômica, aquela do último domingo, com o nome de sua mais recente criação cinematográfica: Gilda. Isso queria dizer que os efeitos destruidores da bomba, a tal que devia provocar maremotos e dividir o mundo em duas metades, só poderiam compararse á força incendiária da ex-esposa de Orson Welles. Sem dúvida, quando tomou conhecimento da idéia, miss Hayworth comoveu-se, telefonou para os estúdios valorizando a propaganda feita ao filme á custa dela, dona Rita, e contando com um aumento de tantos mil dólares no próximo contrato. Vaidosinha, importante, a "estrela" terá dito em família: — Vêjam vocês! Que "ferro" para a Ingrid Bergman! E como deve estar se roendo de inveja a "tal" da Joan Crawford, com estatuteta e tudo! Mas — o ditado é certo. Quem ri por ultimo, ri melhor. A bomba atômica, vulgo "Gilda", não foi tão destruída quanto se pensava. Não acabou com esta droga de mundo nem sequer um temporal de chumbo derretido espalhou por outros povos. As águas da Guanabara ficaram calmas, re-

pousantes, não houve ressaca, e com que os próprios elementos riram, á socapa, das pretensões de dona "Gilda"... Diante desse fracasso, a esta hora provavelmente Rita Hayworth lavrou um solene protesto, os estúdios vão exigir uma indenização pela propaganda contraproducente feita ao seu filme e as outras "estrelas" hão de contar aos grupinhos do Brown Derby, em que deram os "golpes" publicitários e cessivos da mãe do filho do Cidadão Kane... Houve, realmente, excesso de propaganda. O perigo da "Gilda", embora ainda grande, pois ninguém ha de querer levar com ela em cima do crânio, não são aqueles que se esperavam. Poderá o Barão de Itararé realizar em calma as suas conferências de Belo Horizonte, e todos os máus pagadores que no sábado á tarde prometeram aos "cadáveres" liquidar suas contas "segunda-feira, depois da bomba explodir, na certeza de não haver segunda-feira, ficaram com cara de palerma quando, quarenta e oito horas depois, o cobrador bateu á porta, dizendo num risinho de malandro escovado: — "Aqui estou eu, doutor... A bombinha já explodiu!"

Positivamente a "Gilda" não excedeu ás expectativas. Foi caluniada a reputação inflamável da "estrela" cinematográfica. Jogassem-na sobre Bikini e os estragos serão muito maiores...

"SALVE ÊLE"... AL CAPONE !



das corridas de cavalo foi agredido a tiros e sem demora acusou o "regenerado" quadrilheiro, da prática desse crime. Al Capone quer voltar ao antigo negocio do jogo proibido, disposto também a ser o guarda-costas "a muque", dos nego-

ciais telegráica procedente de Chicago, dando ciência da "reentrêe" de Al Capone e seu bando de "gangsters". A decisão do prefeito Kelly de "estirpar" o vicio e o crime daque'a cidade, considerada ultimamente um póço de virtudes, tipo da regenerada em boa hora, corria nestes últimos tempos, tranqüila e sem novidades, numa bonita vivenda de Miami, onde Al Capone esprovocou a volta do famoso bandito, cuja existencia taria curtindo a sua velhice, reabilitado com as autoridades. Mas que a reabilitação era uma farsa, prova-o o assanhamento em que anda agora, com os seus velhos parceiros. Para começar, um milionário

cientes de Chicago, dêles extorquindo vultuosas somas sob o pretexto de lhes garantir a vida. Caminhões camuflados, transportando "gangsters" que se armam de metralhadoras, estão percorrendo as estradas de Chicago e de Pittsburgh. Os jornais, saturados de falar na "bomba atômica", reservou o espaço precioso de suas "manchettes", ás novas atividades do inimigo público numero um, e tudo é como si estivessemos em plena vigência da lei seca. Os cenaristas de Hollywood exultam, porque vai aparecer motivo novo para suas historias filmadas, e James Cagney, Paul Muni, Humphrey Bogart e Edward Arnold serão escalados sem demora para as primeiras filmagens. Com a guerra acabada, a bomba desmoralizada e o nazismo reduzido ás proporções mais grotescas em certas partes do mundo mas só em certas partes, porque em outras continua firme que nem o Pão de Açúcar, os jornalistas e cinematógrafistas norte-americanos precisavam de material humano para seus novos trabalhos. E talvez — tudo é possível — o proprio Al Capone, velho, alquebrado, regenerado e mesmo virtuoso, esteja apenas pago, muito bem pago por essa gente para voltar ao cartaz e fornecer assunto...

VAMOS TAMBEM COMER VIDRO?



a cabeça do prégo desaparece. Péga então na gilete e com ela aparenta sectionar os pulsos. O sangue escorre, mas nem por isso o homemsinho fica perturbado. Limpa a gilete no lenço, trinca com os dentes fortes o aço da lamina, que fica reduzida a fragmentos, e mastiga o quitute. Depois, engole tudo. A sobremesa consta de dois ou três pedaços de vidro. Aos espectadores assiste o direito de examinar si houve "truc", e todos affirmam que não. O homemsinho

O homemsinho posta-se todas as tardes ali na Avenida, defronte da Galeria Cruzeiro, encosta-se á parede de uma casa de refrescos, estende na calçada um jornal velho coberto de pregos de bom tamanho, cópos de vidro despedaçados e laminas de barbear, mais ou menos usadas. Os curiosos juntam-se. Ha uma platêa renovada de dez em dez minutos. O homemsinho declara que não poderá fazer o trabalho sem prévio pagamento. Os niqueis e as pratas vão tirando, de encontro aos vidros e aos pregos. Quando attingem a uma determinada cifra, nunca a quem de cinco cruzelros, êle dá inicio á função. Começa enfiando um prégo de dez centímetros pelas narinas, até

mastigou o material do seu serviço e continua falando. Respira, com as narinas tapadas pelos pregos, como qualquer dos "mirones". E dá por encerrada a função, para repeti-la uns quinze minutos mais tarde, depois de renovado o auditorio e de outras tantas pratas e niqueis tirarem na calçada...

Homem feliz o excêntrico da Avenida! Para êle não ha falta de pão, nem manteiga, nem carne, nem nada, porque suas refeições fazem-se com o recurso dos solidos que ninguém mastiga. Enquanto nós todos pagamos para comer, êle é pago para fazer um "lunch", e deve andar de barriga cheia porque o repete de quarto em quarto de hora. Feliz, de bolsos cheios, o homemsinho sorri de quem vai para a fila, madrugada cedo, apanhar o pão e o leite, afirmando a inexistencia de gêneros alimentícios na capital da Republica.

O exemplo aí está, entretanto pelos olhos da população faminta. Almôço de cacos de vidro e ciletes fragmentadas... Jantar de pratos partidos e pregos ou paraosos mesmo enferrujados... Merenda de paralelepípedos besuntados com óleo de maquina de costura... Para quê mais? Ele está gordo e bem nutrido. Com o homemsinho encaixado na Avenida, os negociantes do "cambio-negro" perdem o tempo e o latim. Vamos fazer o mesmo, senhores?

Parece ser o unico meio de resolver o problema da falta dos gêneros alimentícios no Brasil. Com vistas aos esfalmados nacionais...

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N.º 27 :-: 6-7-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro
Telex. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5002.
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideu. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 — Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

Nº. 27

6-7-46

LITERATURA

Simbolismo (Alberto Leal)	4/5
O álibi (John Dickson Carr)	23
Os homens mais felizes do mundo (R. Magalhães Jr.)	24/25
Gonçalves de Magalhães, itinerante (Escragnolle Doria)	26
Romance Victoriano (André Maurois)	34
Livros Novos (João Luso)	35

REPORTAGENS

Quem foi São Thadeu	8/15
Atualidades Mundiais	16/17
Uma noite no Rio (Leon Eliaschar)	18/21
Figuras e Fatos	36/37

SECCÕES

A Semana em Revista	6
Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
A REVISTA em Hollywood	42/43
Teatro	50/51
Musica (Roberto Lyra Filho)	48

FEMININAS

O que a Mulher Exótica inspirou	28/29
Para o Municipal	30/31
Casacos Modernos	46

CURIOSIDADES

O Palacio de Luxemburgo	32/33
Éra uma vêz... um romance	40/41

HUMORISMO

Atletismo (Raul Pederneiras)	22
De Bom Humor	38

NOVELA

A Vidente (Amaral Gurgel)	57/58
---------------------------------	-------

Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pilulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convem limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na bôca, empachamento, pêsos e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dores, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



NA CAPA

Esta é a mais recente pôse de Margaret Chapman, da Columbia. Uma atriz cujos recursos de comediante associam-se aos de seus encantos físicos, e um nome que se tem impôsto pelos seus dotes naturais. Figura entre as dez "estrelas" mais elegantes de Hollywood, na redação do ano ultimo, e não está disposta a perder a colocação para nenhuma outra...

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

Exatamente há um ano, na edição comemorativa do 45.º aniversário, a REVISTA DA SEMANA instituiu, com o merecido relêvo, um grande certame literário, desdobrado em três setores: Um Concurso Permanente de Contos (Prêmio Aureliano Machado), dividido em séries de três meses, com o prêmio de Cr\$ 100,00 a cada autor de conto classificado; um Concurso de Romances "REVISTA DA SEMANA", e um Concurso de Peças de Teatro (Prêmio Apolônia Pinto), este com o prêmio de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) ao autor da peça premiada. Excedeu de muito nossas melhores expectativas esse empreendimento. Em relação ao concurso de contos, já se realizaram quatro séries, com um total de quarenta e oito originais premiados (doze por série). — O concurso de peças de teatro reuniu um total superior a cem originais, que estão neste momento distribuídos pelos membros da comissão julgadora, a saber: Daniel Rocha (Club Ginástico Português); Bandeira Duarte (Associação de Críticos Teatrais); Joraci Camargo (Soc. Brasileira de Autores Teatrais) e Floriano Faissal (Casa dos Artistas).

Esperamos dentro de breve tempo divulgar o nome da peça premiada e de seu respectivo autor, a quem será entregue o prêmio de dez mil cruzeiros, oferecido pelo Clube Ginástico Português. Também o julgamento dos romances está em vias de conclusão, justificando-se a demora nestes dois últimos, pelo volume de trabalhos recebidos.

★

De 1.º de julho a 30 de setembro, prevalecerá o prazo para recebimento das originais destinados à 5.ª série do Concurso Permanente de Contos, dos quais, como nos anteriores, serão posteriormente selecionados os dois melhores. Estas terão publicação feita em nossas páginas e seus autores também premiados respectivamente com Cr\$ 100,00.



PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Miss. Campos
FINO, ADERENTE E INDELEZIVEL
A VENDA EM TODA A PAZ

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



QUEM FOI SÃO TADEU

UM SANTO ESQUECIDO POR CAUSA DE UM XARA' COMPROMETEDOR — RENASCE O PRESTÍGIO — COPACABANA É O SEU QUARTEL GENERAL — 60.000 ALMAS CONVERTIDAS — SÃO TADEU CONTRA O I.A.P.I. — UM PALPITE INFELIZ

De alguns tempos para cá, as páginas de anúncios dos jornais do Rio trazem, vez por outra, um pequeno anúncio em que alguém agradece a São Tadeu pela sua interferência junto à divina misericórdia. E assim o santo ganha uma popularidade cada vez maior e é sempre mais avultado o número de pessoas que recorrem à sua graça.

Não sabemos se aos santos agrada essa forma de publicidade, já que eles não têm interesse cá na terra. É quasi certo que não. Mas, impossibilitados de se comunicarem com o poderoso advogado, os seus constituintes externam de público o seu agradecimento.

A nossa reportagem saiu em procura de uma explicação para essa aura de prestígio tão generalizado, numa época em que certos homens fazem formidáveis campanhas para conseguir uns magros 500 ou 600 votos numa eleição.

NA IGREJA DE SANTO ANTONIO

Na igreja de Santo Antonio, na Lapa, fomos encontrar, no dia 28, data consagrada à veneração de São Tadeu, grande número de fieis ajoelhados aos pés do altar.

Nos rostos pálidos, iluminados pela debil claridade da parca iluminação do templo e pelas chamas das velas acesas, lia-se a contrição dos que têm fé.

Enquanto pediamos algumas informações ao vigia e conservador da igreja, alguns devotos se levantaram lá permanecendo apenas

uma senhora de meia idade a quem nos dirigimos.

— Por que a sra. apela para São Tadeu?

— Ora, porque ele atende a todos os que estão em situação difícil. Agora mesmo, estou pagando uma promessa que fiz. Fui atendida. Por isso vim trazer o que prometi ao meu santo protetor, esta vela.

A vela devia medir, segundo calculámos, de um metro e sessenta e cinco a um metro e setenta. Parecia-nos um exagero. Mas a mulher explicou:

— Eu fiz uma promessa para trazer uma vela do meu tamanho. E aqui estou eu pagando o que prometi.

A nossa interlocutora conta outros casos em que o santo interveio em seu favor, como o seguinte:

— Faz pouco tempo, seu moço, pedi a São Tadeu para me socorrer, arranjando um emprego para Hélio, meu filho. Pois foi num instante. Poucos dias depois o rapaz se empregava.

— E desta vez, o que foi que a sra. pediu?

— Agora, eu apelei para ele porque me achava numa situação difícil...

— Emprego, novamente?

— Não, desta vez é mesmo uma situação bem difícil. Mas o sr. compreende. Eu não quero dizer de que se trata.

Alice Fausta dos Santos — este é o seu nome — contou-nos ainda que trabalhava no Casino Copacabana como costureira, achando-se atualmente sem trabalho. Mesmo as-

sim, fez um sacrifício e deu 42 cruzeiros por aquela enorme vela que é, por sinal, muito maior do que a pecadora. Alice dos Santos é uma mulher coerente com os tempos que correm. Pagou a promessa com juros...

Os fieis se sucedem, uns para acender velas, outros para trazer contribuições materiais e outros, ainda, como uma jovem colegial, "para conservar bem alto o cartaz junto ao santo poderoso".

— Sei lá o que pode me acontecer amanhã? Por isso, é melhor prevenir. E nada como uma boa proteção.

UM SANTO HUMILDE ENTRE OS GRANFINOS

Copacabana é por excelência o bairro aristocrático da cidade. Da aristocracia do dinheiro, bem entendido. É a zona dos palacetes luxuosos, dos arranha-céus cheios de milionários e dos milionários cheios de dívidas; dos casinos e dos salões de pif-paf, dos restaurantes caros e da imitação de Hollywood. Há por toda parte uma sofisticação generalizada.

Entretanto, o convencionalismo e a insinceridade não excluem a fé e Copacabana é o quartel-general de São Tadeu, no Rio de Janeiro.

"O GLORIOSO SÃO JUDAS TADEU! — Humildemente em vos rogo interceder junto à Divina Misericórdia..." E a pobre mãe, com a criança ao colo, era um monumento de fé inabalável no parente de Jesus Cristo. São Tadeu é, sobretudo, o advogado dos desesperados, o defensor dos que sofrem tragédias. Que calamidade, que desgraça teme esta pobre mãe?

te
E
to
ou
os
ne



PROMESSA BEM PAGA — Alice Fausta dos Santos fez uma promessa e alcançou a graça que pediu. Aqui está ela, na igreja da Lapa, pagando o compromisso para com o santo. Ela prometeu uma vela do seu tamanho mas, como se vê na gravura, pagou com uma pequena margem de juros. Sinal dos tempos...

Na igreja de Nossa Senhora de Copacabana havia terminado a missa daquele santo, quando chegámos.

Entretanto, ajoelhados nos bancos ainda permaneciam alguns fieis, dèsses devotos cem por cento, ou, (não desejariamos formular a hipótese) pessoas carregadas de uma formidável carga de pecados e conflitos de toda natureza que se julgam, assim, necessitadas de um demorado recolhimento para ver se ainda se salva alguma cousa da alma.

Ali dentro é o arraial de São Tadeu. Ele é o trunfo, o santo em quem todos confiam incondicionalmente, ameaçando o prestígio dos seus colegas do paraíso. Qualquer partido que o incluisse numa chapa eleitoral ganharia na circunscrição de Copacabana e ganharia folgado. Por que não se lembraram disso a 2 de dezembro?

Num canto da igreja, junto ao altar, alinham-se, parede acima, as placas de mármore em que os fieis consignam o seu agradecimento pela intervenção do milagroso santo. Os dizeres não têm nenhum interesse literário a assinalar, senão uma crase incômoda e irritante sobre o A da expressão "A São Tadeu". Se o homem foi gramático, antes de ir para o céu, deve estar bem incomodado.

O reporter conta as placas. Salvo engano, são ao todo 223, incluindo-se entre elas as de pessoas bastante conhecidas como aquela em que a proprietária de um sisudo e tradicional órgão da nossa imprensa agradece a intercessão do santo junto à graça divina.

(Para os leitores curiosos, aconselhamos procurar o nome na página 8).

MAS AFINAL, QUEM FOI SÃO TADEU?

A resposta, fomos encontrar na igreja de São Sebastião, na rua Haddock Lobo. O amável capuchinho frei Jacinto traçou-nos a história do querido santo, que foi biografado por um frade xará, frei Tadeu Strunck, O.S.B.

UM NOME COMPROMETEDOR

Durante muito tempo, os fieis se abstiveram de recorrer a São Judas Tadeu, uns por ignorância confundindo-o com o Iscariotes e outros porque, mesmo sabendo tratar-se de pessoas diferentes, temiam que a homonímia compromettesse o prestígio e a glória do poderoso santo.

O SANTO TEM UMA CHANCE

Talvez, por isso, mesmo Deus, na sua infinita sabedoria, resolveu dar uma chance a São Tadeu. E o fez numa aparição a Santa Brígida, na qual lhe recomendou que recorresse a seu primo, São Judas Tadeu. Este, posteriormente, revelou a várias pessoas que Deus lhe havia concedido um poder especialíssimo de proteção aos que estão em situação desesperadora ou de urgente necessidade.

Relacionando-se com esse poder de dar soluções imediatas às aflições dos fieis, o nome de Tadeu, palavra hebraica, significa homem de coração, corajoso, resoluto. E a epístola do santo, escrita em termos enérgicos, é coerente com a significação etmológica do sobrenome.

O fato é que ele era um dos mais zelosos apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tendo nascido na Galiléa, foram seus pais Cleofas e Maria, aquele irmão de São José e esta prima irmã de Cleofas. Assim, era primo de Jesus Cristo.

Chamado para a sublime missão apostólica, junto aos outros onze discípulos de Jesus Cristo, São Tadeu empenhou-se fervorosamente na pregação do Cristianismo.



Divulgou, por onde passou, a doutrina do Divino Mestre, converteu intieis e incrédulos, fazendo-os renascer para uma nova vida, foi o primeiro a evangelizar a Galiléa, Samaria e Induméia.

Pregava o arrependimento, conjurava o perigo da tentação e curava os enfermos, percorrendo toda a Síria, Mesopotâmia, Armênia e Pérsia. E assim conseguiu que fossem realizados inúmeros milagres.

Segundo reza uma antiga tradição, São Judas Tadeu teria convertido 60.000 almas em sua peregrinação.

A PEREGRINAÇÃO

Em companhia de Simão, outro apóstolo, São Tadeu pregou durante muito tempo, sofrendo ambos as perseguições que se moviam aos cristãos.

Os feiticeiros e sacerdotes pagãos, principalmente, cheios de ódio contra os pregadores da nova doutrina, planejam uma vingança.

Judas Tadeu, em companhia de Simão, chegou a Aradus, antiga cidade da Pérsia, ali, permanecendo intrepidamente, apesar do verdadeiro paroxismo da cólera dos inimigos. E' que Jesus já lhes havia dito: "Se vós fosseis do mundo, o mundo vos amaria como o que é seu, mas porque não sois do mundo, por isso o mundo vos aborrece. Lembrai-vos que, primeiro do que a vós, me aborreceu a mim".

O SACRIFÍCIO

Por fim, feiticeiros e sacerdotes pagãos, furiosos com a persistência de Judas Tadeu, incitaram contra êle a plebe, matando-o a sacetadas.

Os restos mortais do santo apóstolo foram depositados na Babilônia, no interior de uma igreja que o próprio rei mandara construir, donde vieram, posteriormente para Jerusalém. Segundo o Martirológio Galicano, Carlos

NEM SEMPRE TUDO E' VAIDADE... — A imperfeição humana justifica as palavras do Eclesiastes: "Vanitas vanitatum et omnia vanitas", porque todos os nossos atos estão, próxima ou remotamente comprometidos com um desejo, secreto ou velado, de conseguir notoriedade. Mas há exceções. Este flagrante, por exemplo, que a nossa objetiva fixou dentro da igreja de N. S. de Copacabana, traduz um instante de contrição espiritual tão veemente que nem a presença do fotógrafo comprometeu.



SÃO TADEU EM COPACABANA — Copacabana é, por excelência, o bairro de gente granfina, o bairro dos automóveis de luxo, dos casinos, dos restaurantes caros, das aparências cinematográficas, da sofisticação generalizada. Mas aqui, dentro dessa igreja, ao pé do nicho onde se encontra São Judas Tadeu, todas as vaidades se esboroam, caem todas as máscaras. E aquelas damas que dão 10.000 cruzeiros por um vestido também compram 10 cruzeiros de flores para o glorioso santo...

Magno mandou-os transladar para a igreja de S. Saturnino, em Tolosa, onde ainda hoje se conservam algumas relíquias. De Tolosa, foram, por fim transferidos para a Basílica de S. Pedro, em Roma, junto ao túmulo do Príncipe dos Apóstolos.

INDULGÊNCIAS

A 22 de setembro de 1548, um Breve do Papa Paulo III concedeu indulgência a todos aqueles que na festa de S. Tadeu, a 28 de outubro, visitassem o seu túmulo.

"A LUZ DO MUNDO"

S. Tadeu foi um modelo de virtudes cristãs

Sua glória não consiste somente na dignidade do apostolado que exerceu nem no lugar de honra que lhe cabe na igreja, mas, sobretudo nas virtudes, nas fadigas e nos padecimentos que sofreu pelo aumento da glória de Deus, pela defesa do reinado de Cristo sobre a Terra hoje tão traído.

Ele pertence ao grupo daqueles que foram chamados, pelo Rabi da Galiléa "a luz do mundo".

O SANTO NÃO ERA CABOTINO

E' de estranhar, pois, que tendo S. Tadeu um prestígio tamanho e sendo considerado como um guia para os desesperados, uma luz para as trevas do homem que rola, cá na Terra,



SÃO TADEU DOS CAPUCHINHOS — Os bondosos frades capuchinhos têm uma especial devoção por S. Sebastião. Mas isto não quer dizer que tenham se esquecido de São Judas Tadeu. Aqui está a sua imagem, humilde, é verdade, mas venerada com a mesma fé ardente que lhe de votam os fiéis. Contudo, Frei Jacinto não está satisfeito porque a imagem é por demais modesta. E garantiu-nos que vai substituí-la por outra mais bem trabalhada, mais artística

aos trambolhões, por entre mentiras e traições, a escritura quase nada nos fale a seu respeito.

Pois não gostava ele de familiaridade com Jesus Cristo além da condição de apóstolo do senhor?

Que sucesso político não faria hoje um "cartaz" como esse? Quanta propaganda não renderia um parentesco com Nosso Senhor? Que o diga o cônego Olympio de Melo.

Mas acontece que São Tadeu não era cabotino mas um homem cuja única preocupação era servir ao Senhor, pregando a concórdia e humildade entre os homens.

Não era desses que se aproveitam de sua nobre ascendência para invocar qualquer posição de prestígio ou superioridade. Não se deixava enganar por esse motivo. Como discípulo daquele que fora a próprio humildade em pessoa, sabia muito bem que os meritos pessoais não se aferem pela estirpe, pelo parentesco com pessoas de prestígio ou posição social. Daí o seu silêncio na Escritura, que é contrariado apenas por São João, contando-nos um significativo episódio, segundo o qual,

durante a última ceia, quando Jesus Cristo aludiu à sua futura manifestação aos discípulos, o apóstolo Judas Tadeu respondeu: "Senhor, qual a causa por que te hás de manifestar a nós e não ao mundo?" E com isso deu uma grande lição aos egoístas de todo o mundo.

O PROTETOR DOS DESESPERADOS

Certos Santos são invocados para determinadas necessidades. Santo Antonio, por exemplo; para achar objetos perdidos; Santa Escolástica, para obter chuva; Santa Gertrudes para pedir bom tempo; Santa Barbara e São Jeronimo; São Bento, para preservar contra mordeduras de cobras e ainda Santo Antonio para favorecer as moças casadoiras nos seus anseios para se unir ao seu príncipe encantado que é às vezes um refinado patife.

A S. Tadeu é concedida a graça de prestar socorro e auxílio nos casos mais sérios. Os desesperados têm nele o protetor solícito para as tragédias que não encontram solução nos meios comuns. É uma espécie de Suprema Corte que anula as sentenças da miséria la-

MAIS UMA GRACA — São Tadeu é primo consanguíneo de Jesus Cristo. Quando os fiéis descobriam o parentesco houve uma verdadeira corrida ao altar do grande apóstolo. E os apêlos desesperados foram atendidos, crescendo o falo de prestígio em torno do seu nome. Aqui, uma jovem devota acende uma vela que simboliza a sua fé. Qual a chama que durará mais? A da vela ou a do coração?

vradas contra esta pobre humanidade sofre-dora.

A RECUPERAÇÃO DA DEVOÇÃO PÚBLICA

Indagamos da Sra. Maria Efigênia que é uma fervorosa devota de São Tadeu, por que motivo o zeloso apóstolo permanecera durante séculos, talvez, no ostracismo, um santo que além de discípulo de Cristo foi seu primo legítimo.

— São Tadeu é chamado o "santo esquecido", por causa do prenome dele que é Judas, confundindo-o com o Judas traidor. Mas de uns tempos para cá, inclusive lá no Norte, S. Judas é considerado um santo milagroso, socorrendo a todos que o procuram.

S. TADEU CONTRA O I.A.P.I.

A sra. por acaso, já recorreu a ele alguma vez?

— Já e fui atendida.

— Poderíamos saber de que se tratava? Qual era a graça pedida?

— Não é segredo. E eu acho que até bom aproveitar a oportunidade para agradecer mais uma vez a S. Tadeu. Mas o caso foi o seguinte.

Quando morreu o meu marido, que era marceneiro, eu passei dois anos sem receber a pensão do Instituto dos Industriários. Recorri a Deus e ao mundo e nada. Já estava quase desiludida quando me aconselharam a recorrer a São Tadeu.

— E então?

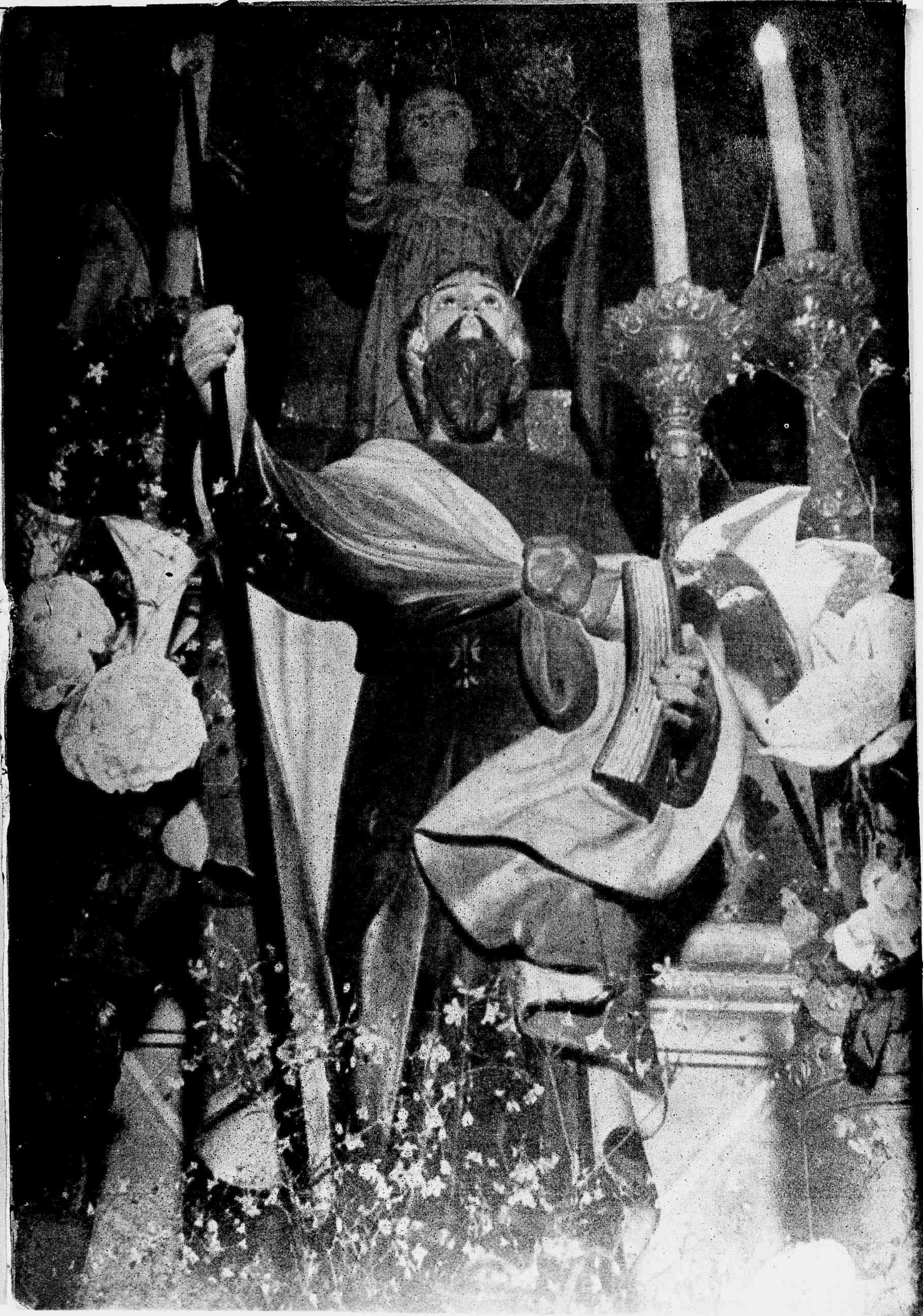
— Fiz uma promessa e poucos meses depois resolvia-se o caso.

— Mas foi mesmo por causa do santo? Não tinha ninguém se interessando pelo assunto?

"AU DESSUS DE LA MÊLÉE" — A pobre senhora entrou fatigada, na igreja da Lapa. De onde vinha? Talvez das filas, das discussões com o açougueiro, do quebra-cabeça do orçamento doméstico ou de outras misérias que entristecem este mundo infeliz que deveria ser um paraíso se não fosse aquela maldita serpente que enganou Eva. Viesse de onde viesse, o certo é que a mulher ajoelhou-se aos pés de São Tadeu e a sua face tomou um ar de súplica e seus olhos adquiriram a seriedade dos que conversam com os santos. As contas do rosário iam passando entre os seus dedos e sua alma subia, aos poucos, "au dessus de la mêlée".







O SÃO TADEU DA LAPA — A imagem de São Tadeu, na igreja de Santo Antonio, na Lapa, não é das mais ricas. É um ícono humilde como a fé. Mas, tanto na Lapa como em Copacabana, o santo conta milhares de devotos. Disse-nos, mesmo, uma delas que muitas pessoas têm deixado de recorrer a outros santos, à vista do prestígio de Tadeu, o primo de Jesus Cristo. Pudera...

— Tinha, sim. Mas se não fosse o poder de S. Tadeu não acredito que eu estivesse recebendo a pensão. Tanto assim que outras pessoas, nas mesmas condições que eu, ainda não estão recebendo. Se o sr. duvida, experimente. Quando tiver um problema na sua vida recorra a ele. Recorra a ele e depois me diga se eu não tenho razão.

Nós ficamos pensando no nosso salário mínimo... As negativas do patrão. E se tentássemos? Não custava nada uma promessinha modesta, dessas que não nos custam muito esforço, como por exemplo assumir o compromisso de ir a missa todo domingo, sacrificando um restinho de sono ou a leitura dos jornais.

Mas, refletindo um pouco decidimos por não fazer. Melhor conservar a admiração por um amigo em quem a gente tem confiança do que submetê-lo a uma prova de fogo e ficarmos decepcionados.

O CULTO A S. TADEU

O culto a S. Tadeu, se bem que sabotado pela comunidade de prenomes com Judas Iscariotes, vem de épocas distantes.

Entre outros, por exemplo, São Lulo, arcepo de Mogúncia, mandou construir em Hersfeld, em sinal de gratidão, um mosteiro beneditino e uma igreja a ele dedicados. Em 1050, o Papa Leão IX consagrou-lhe uma igreja que foi construída pelo imperador Henrique III em Goslar, na Alemanha. Ainda na Alemanha, em S. Maergen, há um lugar de romaria. (ainda existirá, depois do furacão do nazismo?) Os católicos de Buenos Aires veneram a sua imagem na Basílica de la Merced. Em São Paulo foi criada recentemente uma paróquia de S. Judas Tadeu.

UM PALPITE INFELIZ

O reporter voltava da rua com novas esperanças. Depois de ouvir tanta gente glorificar o poder de um santo, depois de presenciar a humildade com que os mais orgulhosos se arrojavam aos seus pés, parecia que nem tudo estava perdido. Não. A bomba atômica não vai rachar o mundo em duas bandas, S. Tadeu não deixa. Seria uma crueldade.

Na Lapa, havia uma fila de pão e três outras, de ônibus numa das quais podia se ver o contentamento dos pacientes ante a chegada de um coletivo, depois de meia hora de espera.

Então ocorreu-nos a ideia. Fazer uma promessa a S. Tadeu para acabar com as filas. Mas, conjecturamos:

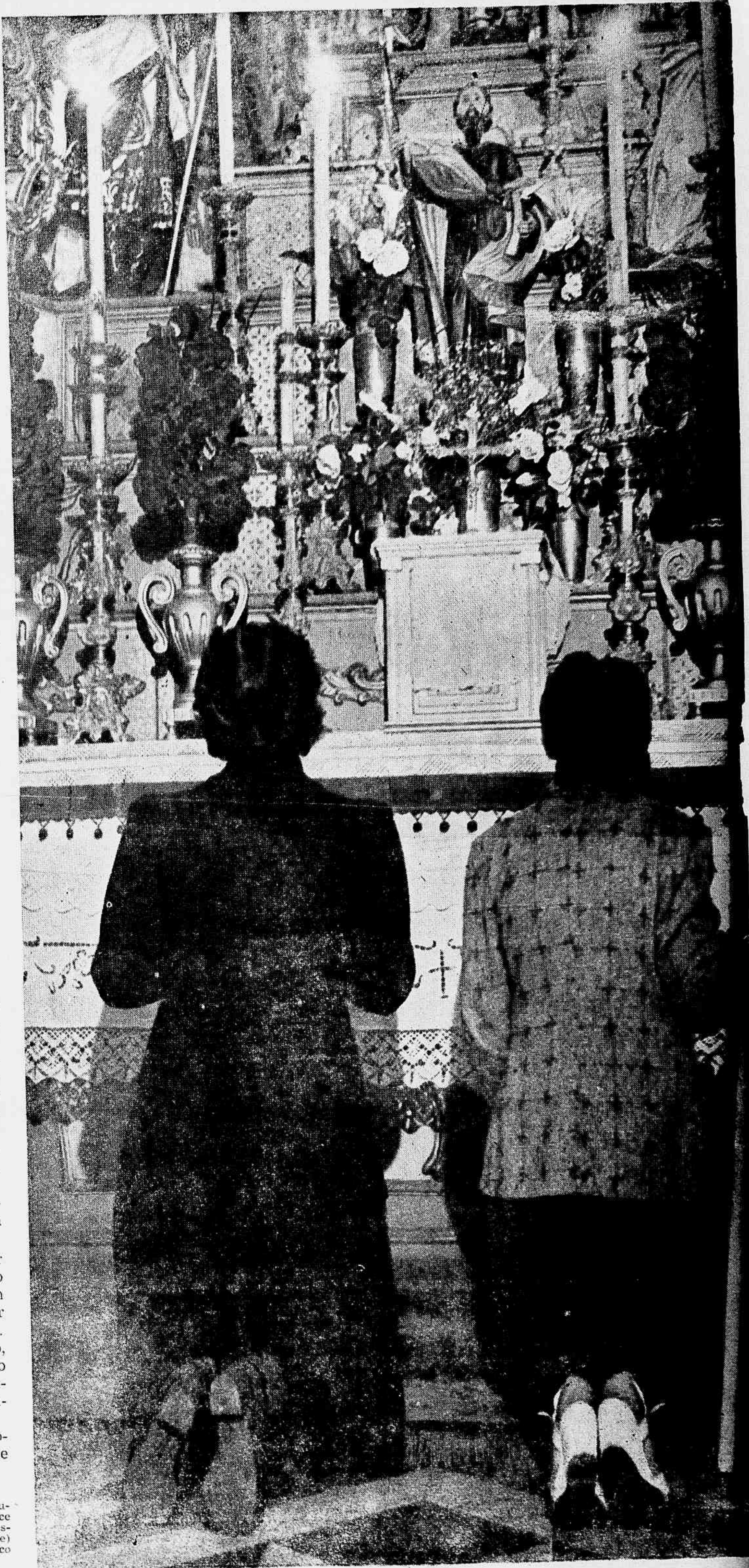
— Será que ele nos atenderá? A nós, simples mortais? Não seria melhor apelar para um pistolão?

Vicram-nos à memória vários nomes e por fim decidimos fazer uma sugestão ao cônego Olímpio de Melo. Como velho político, além de padre, ele convenceria o santo a advogar essa causa. Sim, seria o conego Olímpio...

Mas, Deus do céu! Mal pensamos nisto, nossa atenção foi desviada para uma discussão na fila de ônibus. Os passageiros gesticulavam, protestavam, mas ainda conseguimos ouvir, do motorista desapontado:

"Não sei o que foi. O carro estava funcionando perfeitamente. E agora enquiçou. Que azar!..."

O PRIMO DE JESUS CRISTO — As duas devotas genuflexas e contritas diante da imagem balbuciam uma prece comovida de agradecimentos pelos favores que lhes prestou a intercessão de São Tadeu junto ao primo (dê) Jesus Cristo. Aqui na terra como no céu o parentesco tem uma grande importância para se conseguir o que se deseja.





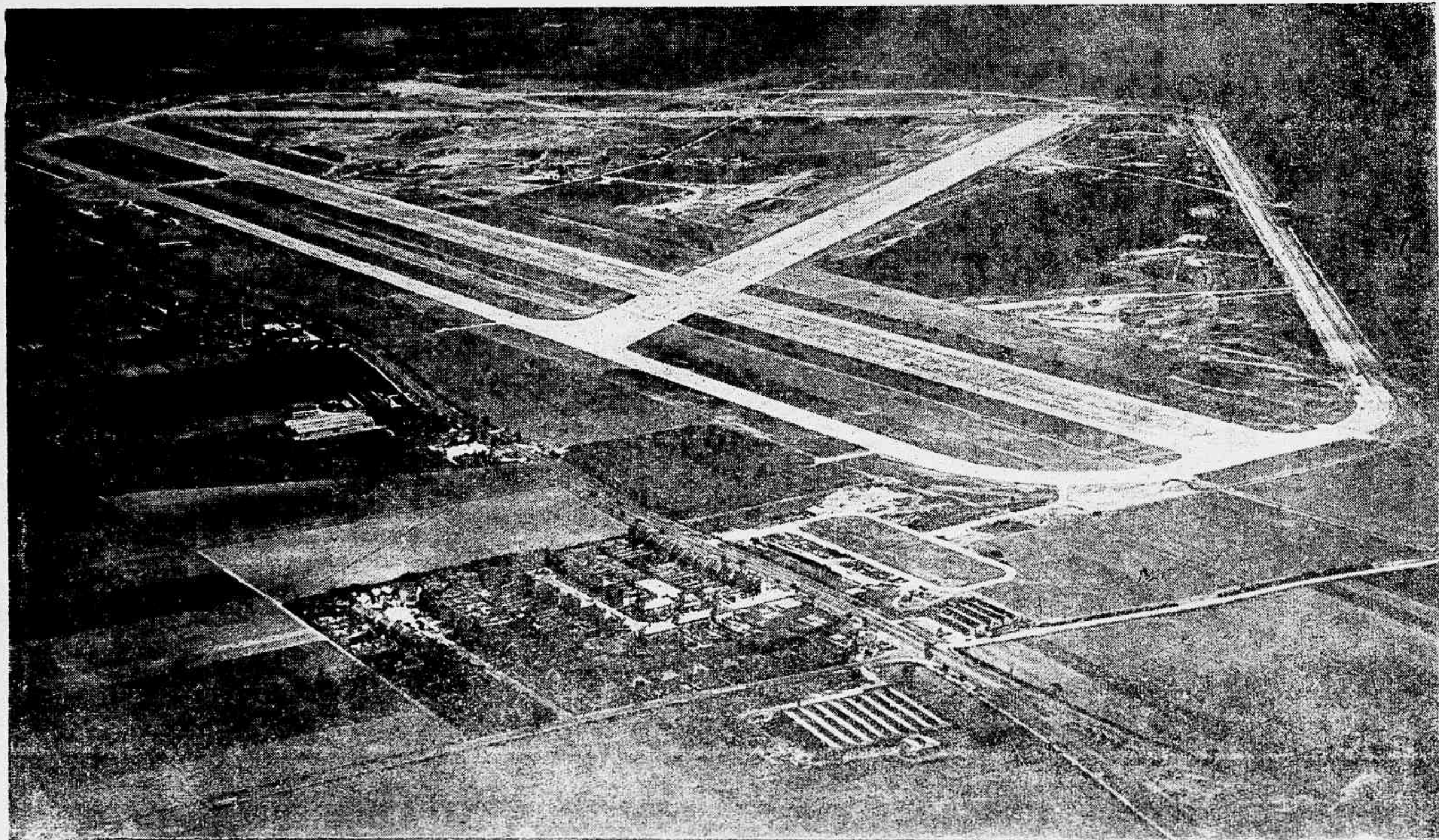
Quando a moda francesa procura recuperar o terreno perdido durante a guerra, principalmente nas Américas, é oportuno saber que Jeanne Lanvin, um dos grandes nomes da alta costura parisiense, vai empreender uma viagem a Nova York, com o propósito de ali apresentar seus últimos modelos, que o cinema também aproveitará (gravura à esquerda).
A direita, Miss Joan Hailey, que aos dezessete anos de idade vem de receber o título de "milionária do ar". É caso para uma consulta: Com que idade Miss Hailey levantou seu primeiro vôo?

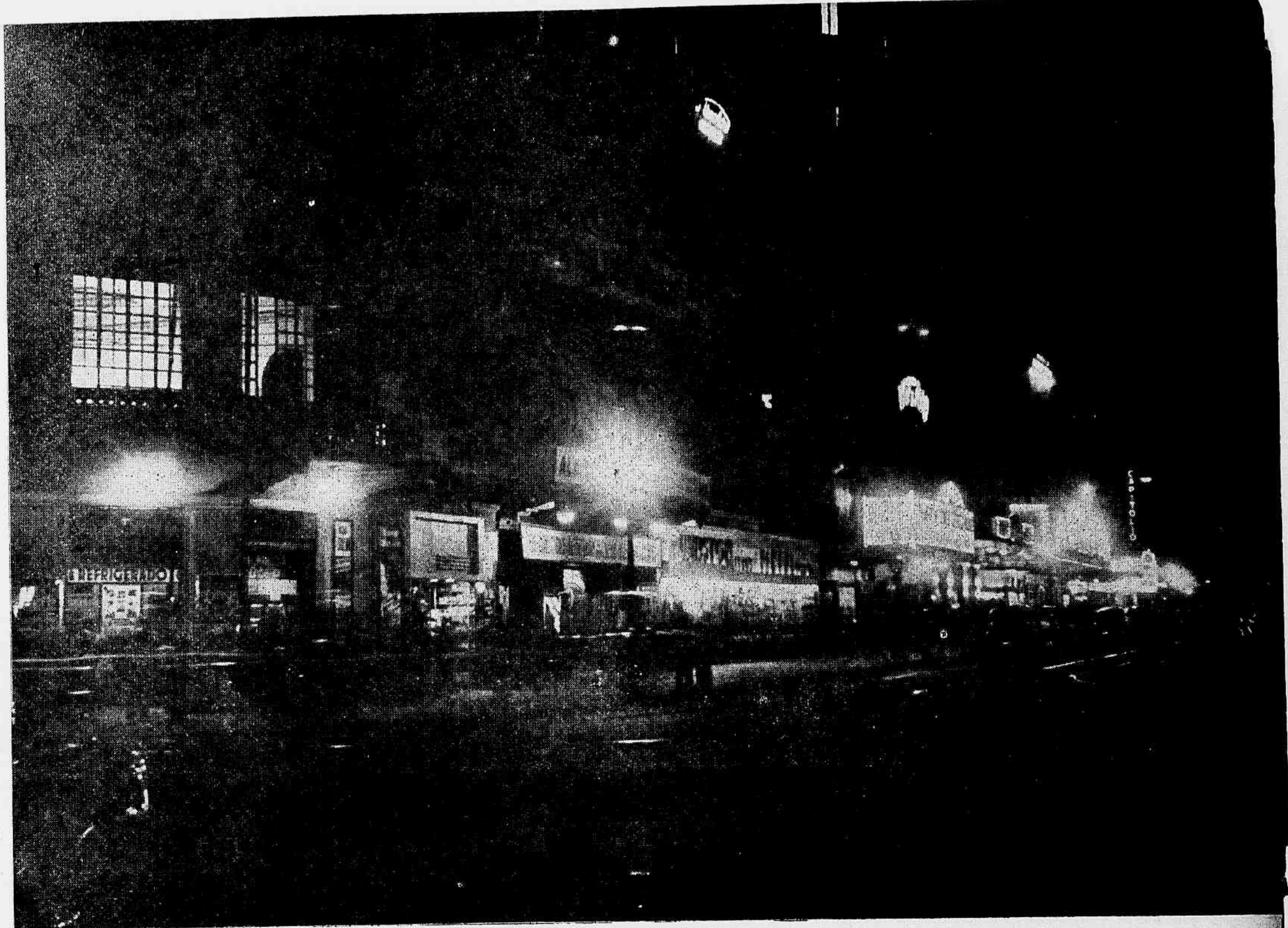
Mais tratores para lavrar as terras, e novos pelotões de agricultores, incumbidos dessa nobre tarefa — eis a campanha que ora se intensifica na Inglaterra. Moças da melhor sociedade, moças que em outros tempos seriam educadas para os mistérios de salão, seguem rumo ao campo, fazendo da vida ao ar livre, um motivo de orgulho e cuidando de germinar sementes que dentro de breve tempo ajudem a alimentar uma geração quase na miséria extrema. É um flagrante dessa útil campanha o que nos mostra a gravura superior da página em frente, vendo-se cinco bonitas inglesinhas, em trajes esportivos, pilotando

ATUALIDADES MUNDIAIS

uma delas o trator que vai deixando os sulcos fortes na terra pronta para a grande sementeira, depois de convenientemente adubada. São agricultoras voluntárias, resolvidas a trocar o conforto das cidades pelos prazeres e o trabalho febril da agricultura. E enquanto as mulheres trabalham, divertem-se as crianças. Na gravura de baixo, também da página adiante, vêem-se os três filhinhos da Duquesa de Kent, assistindo ao almoço de "Panda", um filhote de urso do "Zoo" de Londres. Durante os dias tormentosos da guerra, também essas crianças tiveram de ser evacuadas dos grandes centros.

A guerra fez desenvolver na maior escala, o gosto pela aviação dentro dos países que mais de perto sentiram seus efeitos. Os ingleses estão se brevetando aos milhares, e ainda na flor da idade, exigindo esse incremento da aviação, gigantescos aeroportos, iguais ao que nos mostra a gravura. Este é um dos muitos existentes em Londres, com várias residências para os pilotos e suas famílias. Há diversos bairros de moradias para os aviadores britânicos, profissão considerada das mais importantes para os dias vindouros, embora não se cogite de novas guerras.





Acima: A Cinelândia à noite. Mas só até meia-noite, quando as "marquizes" se apagam, as portas são fechadas, e os





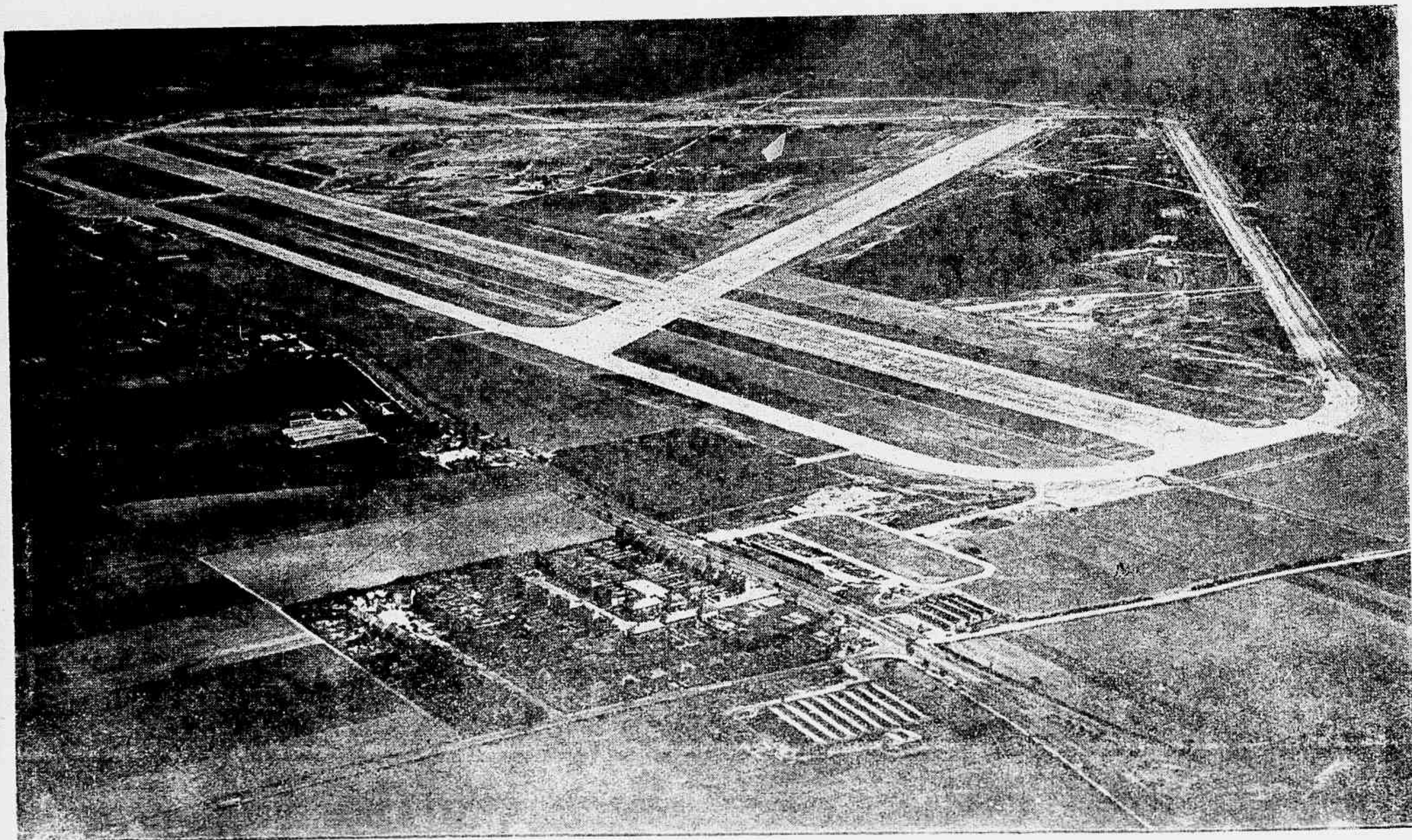
Quando a moda francesa procura recuperar o terreno perdido durante a guerra, principalmente nas Américas, é oportuno saber que Jeanne Lanvin, um dos grandes nomes da alta costura parisiense, vai empreender uma viagem a Nova York, com o propósito de ali apresentar seus últimos modelos, que o cinema também aproveitará (gravura à esquerda). A direita, Miss Joan Hailey, que aos dezessete anos de idade vem de receber o título de "millionária do ar". É caso para uma consulta: Com que idade Miss Hailey levantou seu primeiro voo?

Mais tratores para lavrar as terras, e novos pelotões de agricultores, incumbidos dessa nobre tarefa — eis a campanha que ora se intensifica na Inglaterra. Moças da melhor sociedade, moças que em outros tempos seriam educadas para os mistérios de salão, seguem rumo ao campo, fazendo da vida ao ar livre, um motivo de orgulho e cuidando de germinar sementes que dentro de breve tempo ajudem a alimentar uma geração quase na miséria extrema. É um flagrante dessa útil campanha o que nos mostra a gravura superior da página em frente, vendo-se cinco bonitas inglesinhas, em trajes esportivos, pilotando

ATUALIDADES MUNDIAIS

uma delas o trator que vai deixando os sulcos fortes na terra pronta para a grande sementeira, depois de convenientemente adubada. São agricultoras voluntárias, resolvidas a trocar o conforto das cidades pelos prazeres e o trabalho febril da agricultura. E enquanto as mulheres trabalham, divertem-se as crianças. Na gravura de baixo, também da página adiante, vêem-se os três filhinhos da Duquesa de Kent, assistindo ao almoço de "Panda", um filhote de urso do "Zoo" de Londres. Durante os dias tormentosos da guerra, também essas crianças tiveram de ser evacuadas dos grandes centros.

A guerra fez desenvolver na maior escala, o gosto pela aviação dentro dos países que mais de perto sentiram seus efeitos. Os ingleses estão se brevetando aos milhares, e ainda na flor da idade, exigindo esse incremento da aviação, gigantescos aeroportos, iguais ao que nos mostra a gravura. Este é um dos muitos existentes em Londres, com várias residências para os pilotos e suas famílias. Há diversos bairros de moradias para os aviadores britânicos, profissão considerada das mais importantes para os dias vindouros, embora não se cogite de novas guerras.





...e a noite acabar.

...comida, haja ou não jantado. A profissão é aquela.

UMA NOITE NO RIO

Reportagem de LEON ELIACHAR

Haverá vida noturna no Rio? Não digo nada; quero que você mesmo me acompanhe esta noite. Vamos dar um passeio nesta cidade maravilhosa. Talvez você não saiba o que existe por aí afora, o que ocorre durante a noite. E' razoável, meu amigo, você talvez tenha regressado com dificuldade ao seu lar, depois de enfrentar uma penosa fila; ou talvez mesmo não goste de divertir-se. E se gostasse, o que pretendia fazer? Vamos, não tenha receio; as despesas correm por minha conta...

Agora devem ser dez horas da noite. Você já jantou, já descansou, já leu o seu jornal e, quem sabe?, ouviu algum programa de rádio e deve estar disposto a divertir-se. Se tem um emprego fixo, sujeito a horário, deve estar no "batente" no dia seguinte às oito em ponto. Nesse caso, vamos ao cinema. Aliás, se você é casado, chefe de família, é o mais aconselhável. Se tem muitos filhos, cuidado com a carteira — os preços dos ingressos não estão para extravagâncias... Mas você é solteiro. E é para você que deve haver uma vida noturna. Claro, pois para as famílias nada se encontra além de um cinema ou teatro...

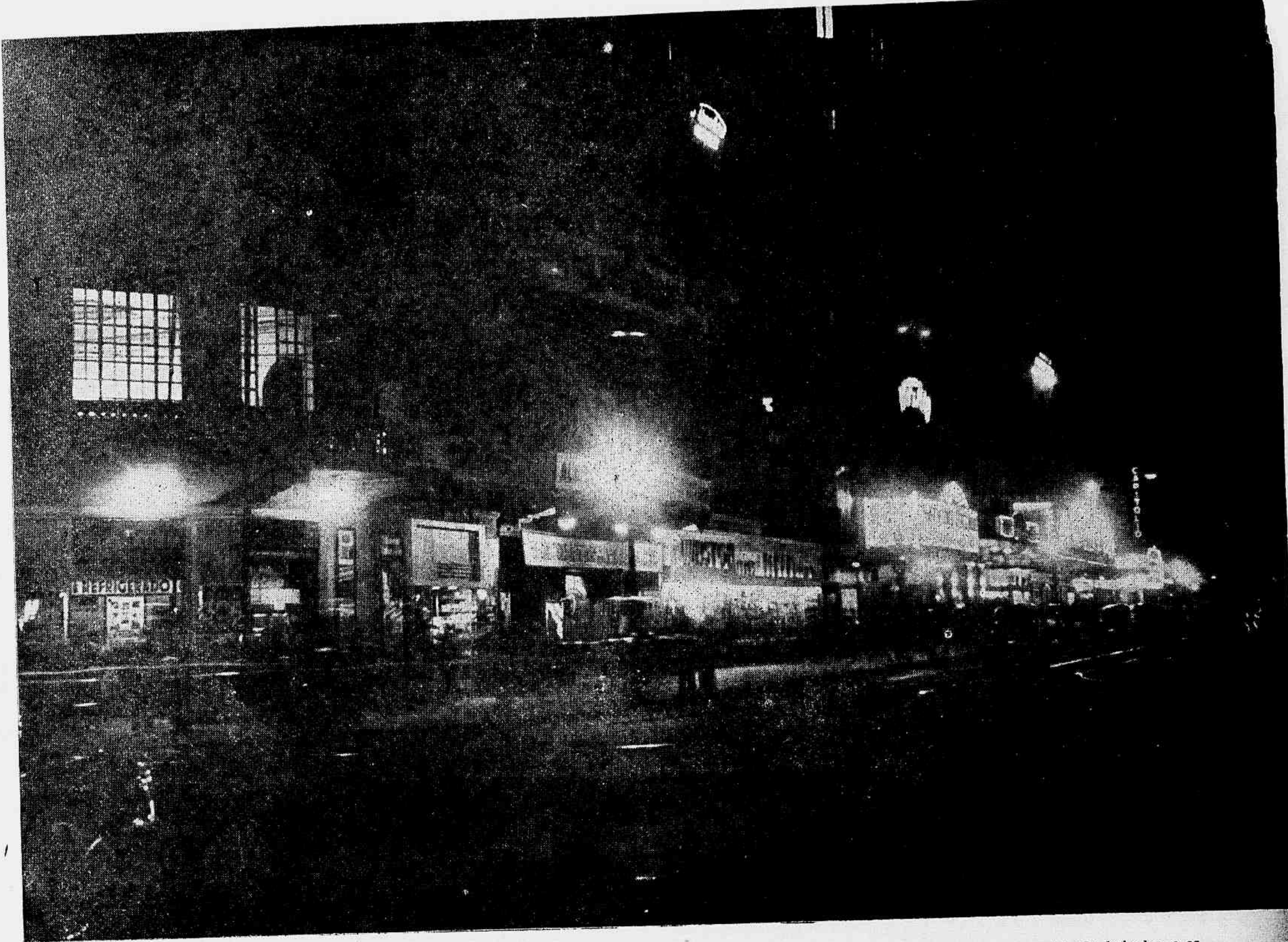
— Só isso?!

— Veremos...

Meia-noite. Na Cinelândia, que é "o coração de uma cidade", a nossa, no caso, os teatros e os cinemas despejam as multidões nas calçadas. Com passos sonolentos, algumas pessoas reclamam o "abacaxi" a que assistiram, outras exaltam o valor interpretativo de algum artista (talvez Ingrid Bergman ou Jaime Costa) enquanto se dirigem para as filas. "Elas" — eternamente... Dentro de pouco tempo não haverá mais ônibus, e se não puderem pagar um lotação terão de



Muito tempo não tem nada a ver com isso. Só mesmo a bebida. E ele bebe. Não sabe, mas a noite...



A cidade parece dormir com os olhos abertos... Assim é a Cinelândia à noite. Mas só até meia-noite, quando as "marquizes" se apagam, as portas são fechadas, e os passos dos retardatários soam no asfalto: toc-toc, toc-toc...

ir mesmo de bonde, junto com milhares de analfabetos que abandonam cedo as "gafieiras", que conversam a altas vozes, chamando-se de todos os nomes — menos os nomes próprios... E tudo isso dentro de um único carro, aos apertões, pendurados nos balaustres, raramente conseguindo firmar algum dos poucos pés que têm no estribo...

Aos trinta minutos depois da meia-noite, a cidade parece querer pegar no sono. Co-chila. Fisco os olhos — letreiros luminosos, cansados de apregoar o produto de seus donos. Vitrines fechadas. Ruas desertas. Pouco movimento, para não dizer nenhum. Dentro de alguma redação, os funcionários da imprensa preparam os "tipos", as "manchettes", e armam as notícias de sensação, que os homens lerão, ao café, no dia que se inicia, ou, talvez, parados em torno de um jornaleiro, no meio da rua, onde eles expõem os jornais...

— Bem, vou para casa. Preciso dormir...

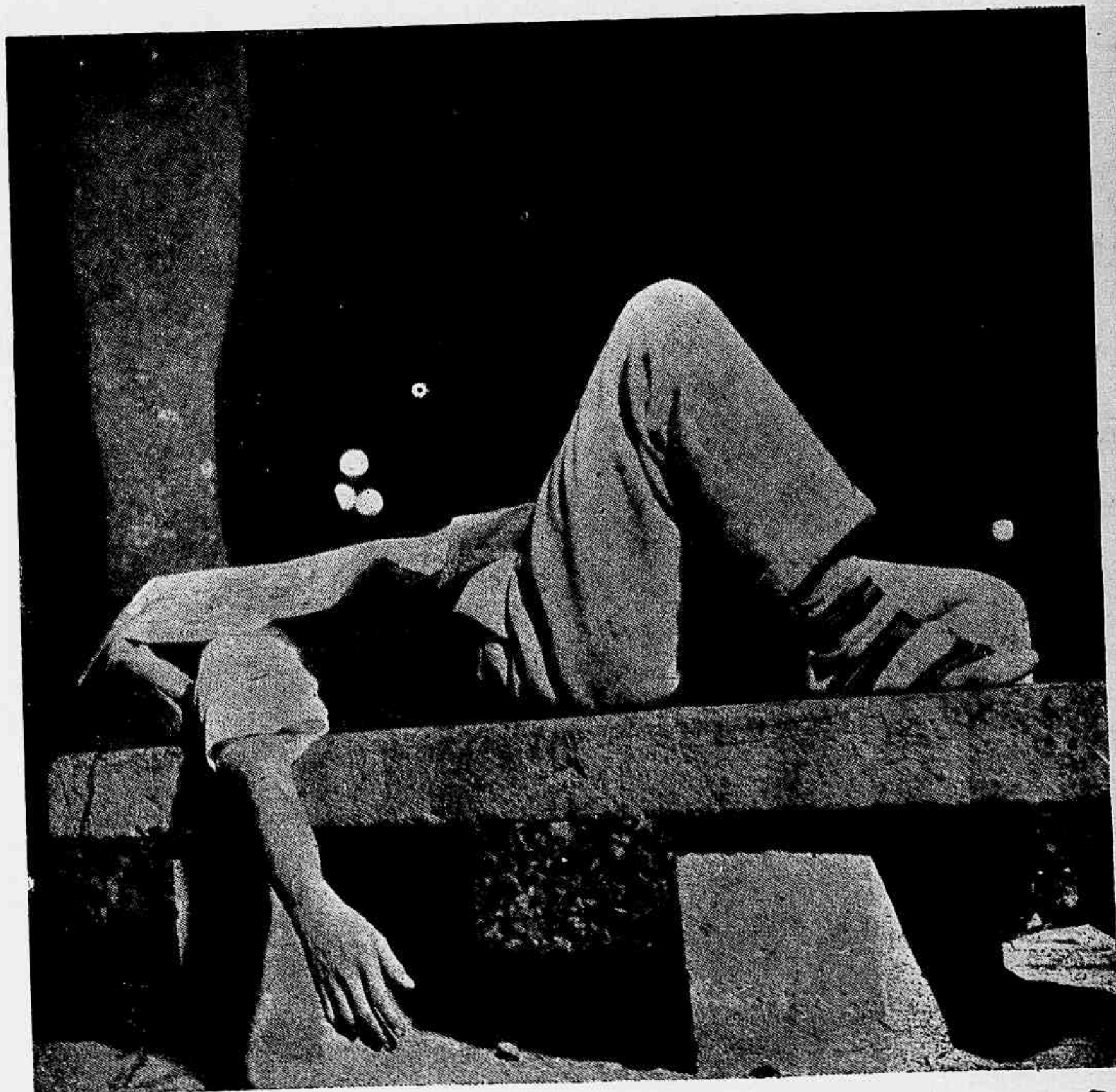
— Espere, meu amigo. Vamos até aquele "dancing", ali!

O som metálico das melodias aumenta, à medida que os nossos passos avançam. Um ambiente luxuoso está envolto numa atmosfera fumacenta. Garçons levam e trazem garrafas de cerveja. Rapazes, em redor de muitas mesas, conversam, discutem, e apontam alguma coisa na "pista". Geralmente é uma pequena "boa" — como dizem... Elas dançam, sorriem. Um sorriso que pode valer àqueles homens todo o seu trabalho diário. Talvez mais. De dois em dois minutos, cada uma está ganhando três cruzeiros, sendo a metade para ela e o resto para o dono do "night-club". Ali a dança é paga à vista. E quando se dança apenas uma vez, a garota olha com desprezo. Tudo se justifica. Estão ganhando a vida... E o ritmo forte e acen-

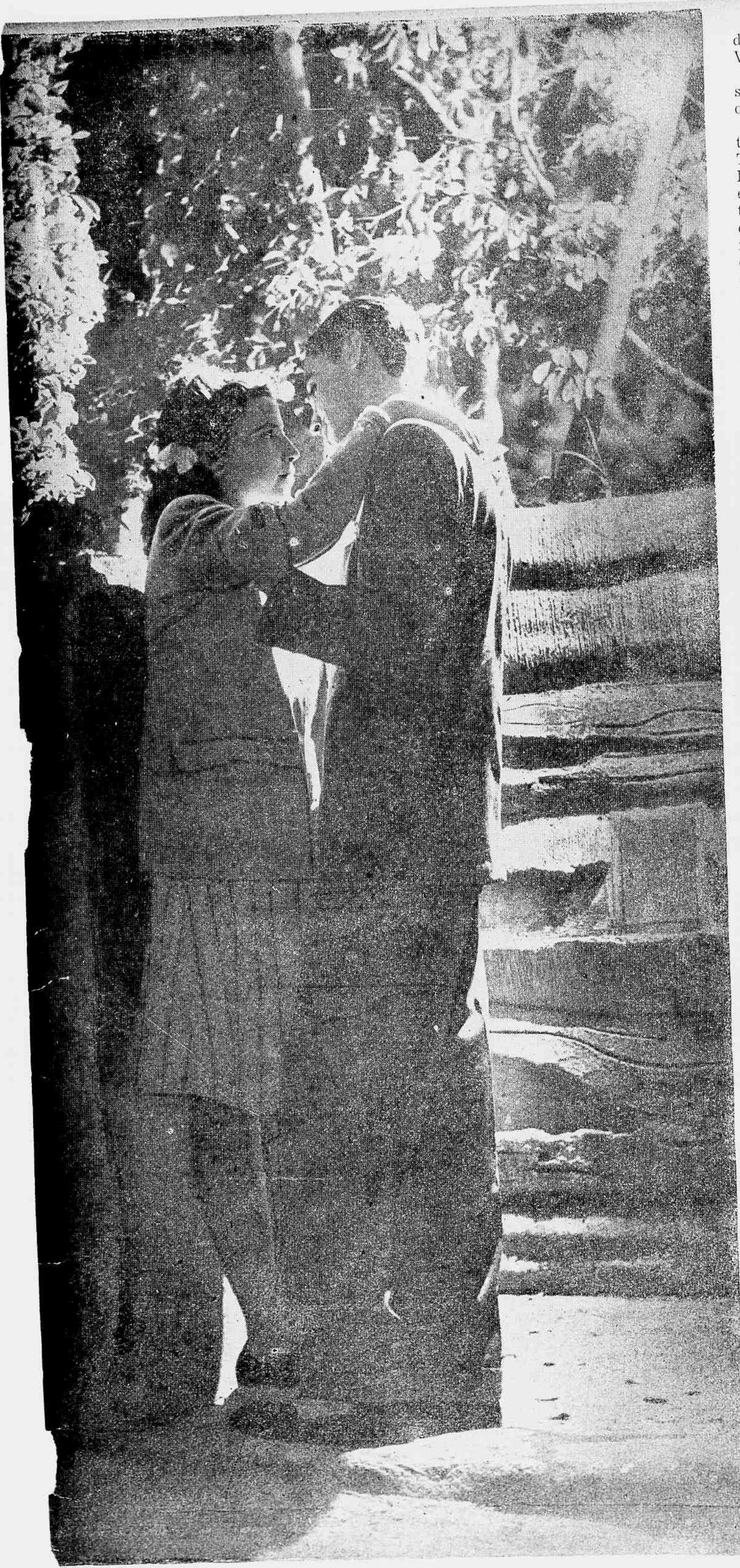
tuado de um samba ou de um "swing" não cessa, emoldurando as curvas harmoniosas das sereias, tentando os rapazes, num convite

sedutor para uma dança, duas, três, quatro — quem sabe lá?

— Não estou gostando.



Esses não tem vida noturna. A cama é dura, o jornal velho ainda tem a sua utilidade, e eles sonham...



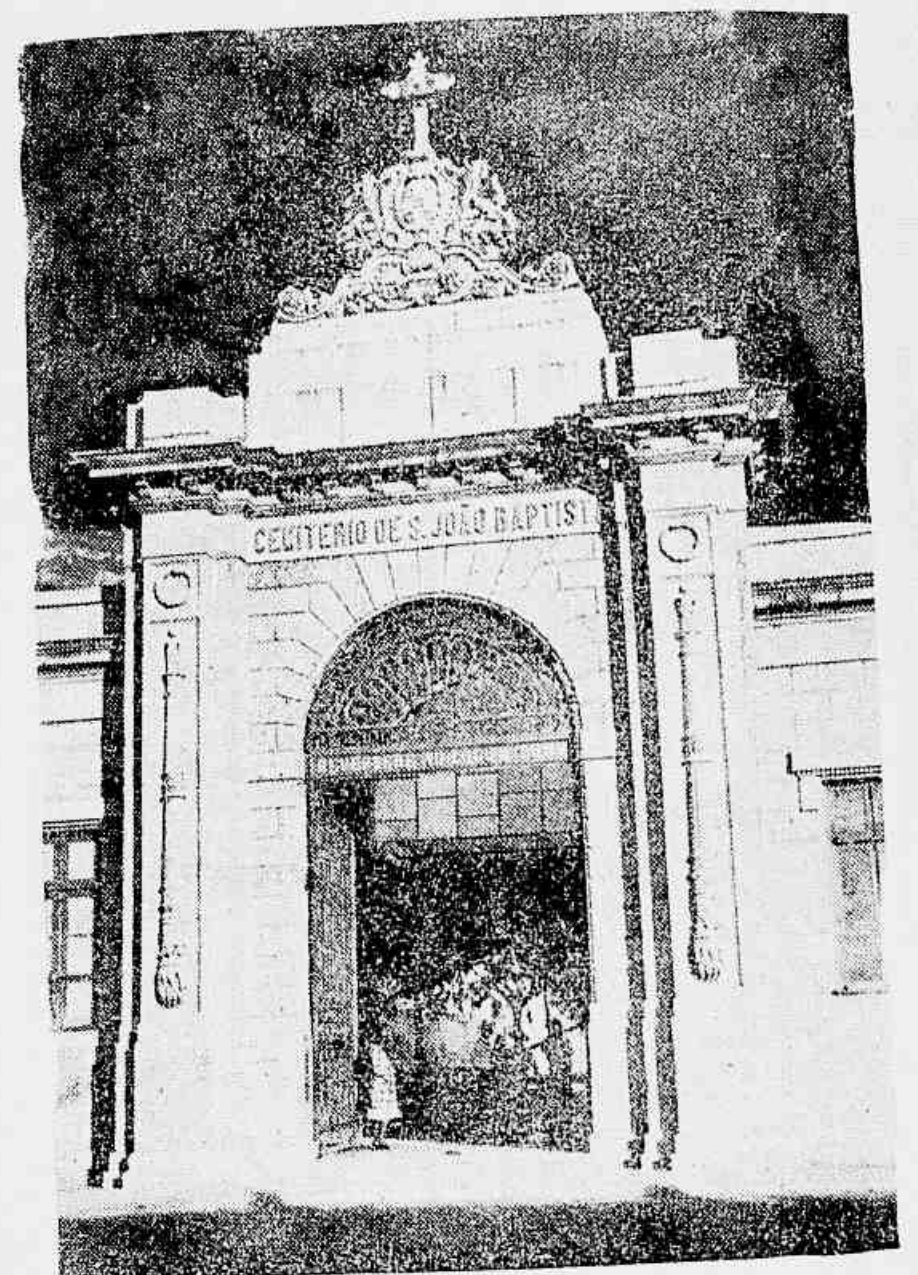
— Ah! isso vai de hábito. E' o que na de melhor, depois que os casinos fecharam. Vejamos a opinião daquele sujeito.

Sôzinho, duas garrafas de cerveja na mesa, sendo uma vasia, aparentando uns trinta anos, o homem diz:

— “Frequento os “dancings” tôdas as noites e danço algumas vêzes. Gosto muito. Trabalho na marinha mercante, no Lloyd Brasileiro, e já estive em várias cidades daqui e de fora do país. Em Nova York a vida noturna é muito mais intensa, mas só frequentei dois cabarês. O processo é mais ou menos idêntico ao adotado aqui, sendo o ingresso de um dólar e vinte cents, e os “tickets” por dança vinte cents. Nos que frequentei não havia mesas e sim um bar, com balcão, onde os freguêses podiam beber. A vida noturna de Buenos Aires é também muito mais movimentada, havendo inúmeros “night-clubs”, inclusive familiares, com “shows” e boas orquestras. Mas gosto daqui. Não tenho compromisso com nenhuma pequena e encontro nos “dancings” um bom divertimento.”

Abordamos outros clientes. Um rapazinho, bem novo ainda, nos disse o seguinte:

— “Só tenho frequentado “dancing” de



Vida noturna... Perpetuamente noturna...

umas duas semanas para cá. E' porque gosto de uma destas pequenas — e ela parece gostar de mim...”

Outro rapaz é também entrevistado. E nos diz:

— Aqui não existe vida noturna; só venho a êste lugar porque não há o que fazer. Em S. Paulo há muitos “night-clubs”, com pequenos “shows” e boas bandas, havendo alguns com a frequência mais selecionada, podendo-se levar a namorada e a família. E dêsse gênero aqui só existe um — mas é muito caro...”

Procuramos falar a uma das “taxi-girls”. Com o cartãozinho na mão ela nos atendeu sorridente:

— “Sou desquitada. Trabalho aqui por necessidade, mas creio que vou abandonar esta vida. Faço em média Cr\$ 1.500,00 mensais. Mas há outras que conseguem quatro contos aqui mesmo.”

— Prefere dançar com os velhos ou com os moços? — aventuramos.

— “Com os velhos, porque têm pouco cabelo e muito dinheiro...”

Sorrimos e nos despedimos ali mesmo, en-

elas constroem castelos dentro da noite, que o dia seguinte talvez destrua. Para elas a vida noturna veste-se numa forma feita da pequena de seus sonhos. Quando amanhecer, a vida continua, como na véspera. E outras noites virão.



quanto um ótimo solo de piston nos prendeu mais alguns minutos para ouvir "Sleepy Lagoon"...

Na saída falamos com o chapeleiro, perguntamos-lhe o que achava da vida noturna do Rio:

— Nada posso dizer, pois há vinte e pou-

Recolhendo os últimos passageiros...

coz anos estou prêso a esta profissão, sempre trabalhando em "dancings".

— E não tem nada de interessante para contar? — insistimos.

Rua suburbana. Postes e árvores. Cêrcas de madeira. Garotos. Aves ciscando. O resto é silêncio...

— "Nada. Tudo se repete tôdas as noites..."

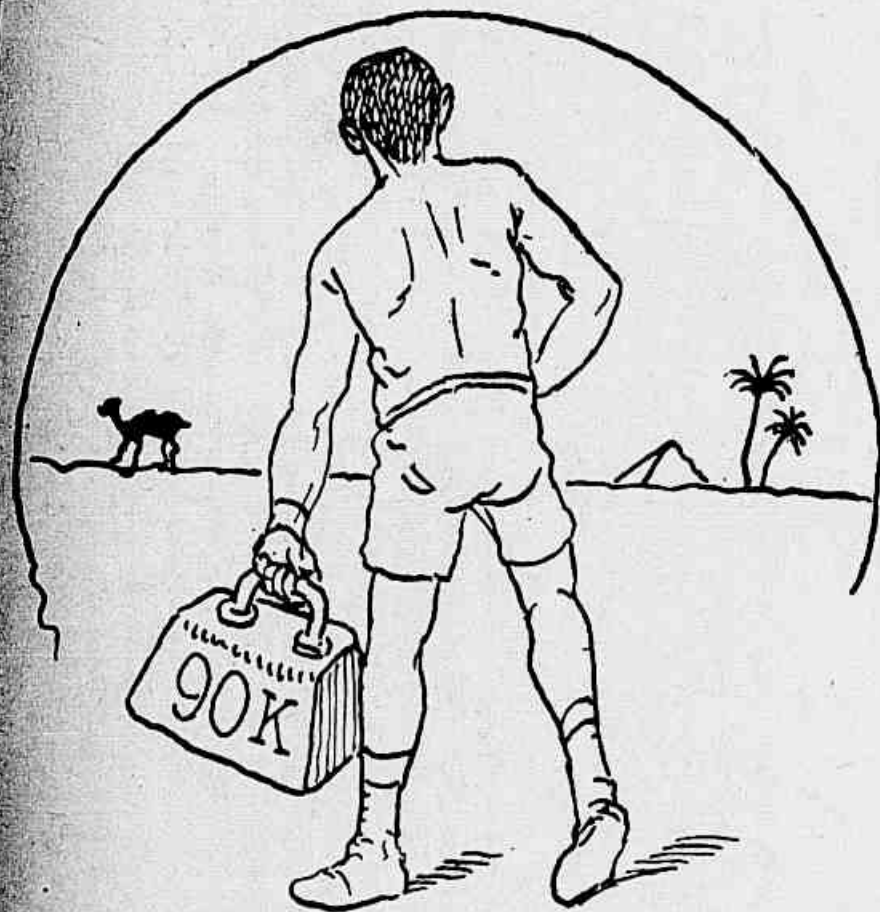
Sáimos. A noite estava calma, e uma humidade fria nos gelava o rosto. Pegamos um taxi e indicamos ao chofer: "Copacabana!" Ele nos olhou com má vontade e, ao

(Continua na pág. 52)



ATLETISMO

Depois de muito parafuso, Brederodes descobriu que a mais eficaz e rendosa profissão é a de atleta. Dono de um **muque** para uso interno, somente conhecia a marcha



a pé, que não é meio de arranjar a vida e os sapatos, ambos, hoje, pela hora da morte. Meteu-se-lhe na cachimônia o atletismo. A princípio pensou tomar lições com um



hércules de feira, mas isso traria muito **pêso**, porque, uma vez preparado, continuaria sozinho.

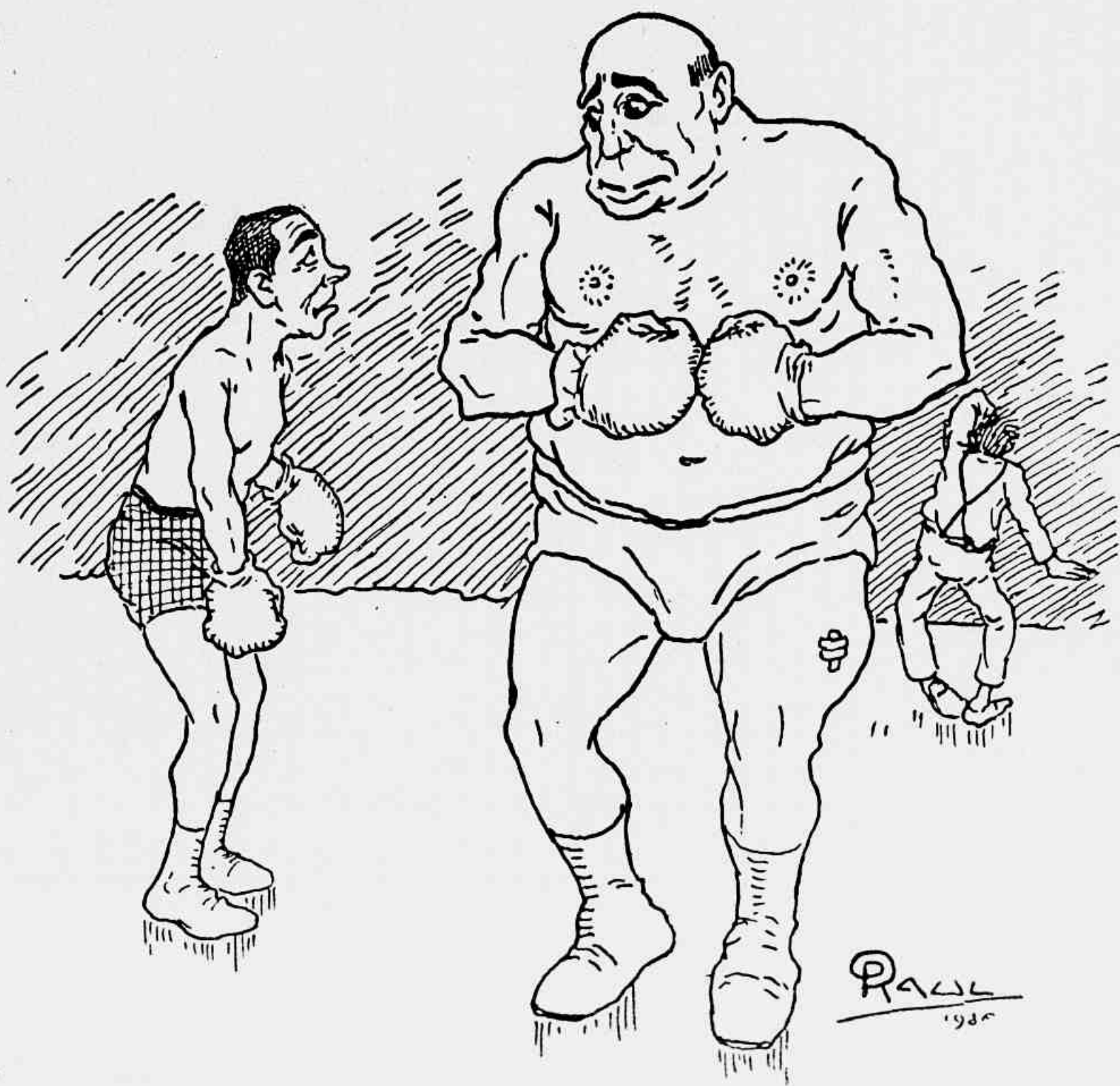
A luta, a competição, isso sim, deveria ser nobremente e grandes lucros; prefeível juntar o útil da dinheirama ao agradável da fama, a correr mundo. Pensou então na **luta romana**, com escalas pela bordada grossa da luta livre; a febre dos **aficionados** abarrotaria o bilheteiro e, no caso da sorte ser avessa, seria fácil um conchavo para o antagonista sair perdendo... Na primeira lição experimental apanhou um torcicolo que o pôs de molho uma semana inteira, sem feriados nem **week-end**. Desistiu. Deu preferência à **nobre arte**, sem dúvida mais lucrativa. A pedido geral de um amigo íntimo, procurou alguém que lhe ensinasse a **arte nobre**, vulgo pugilismo, — que leva qualquer de nós ao xadrez, mas dá proveito e obêsa maquia, quando **desportiva** e profissional. Não foi fácil encontrar professor da matéria, que lhe ensinasse o **treino**, apesar dos anúncios publicados na secção dos "precisa-se". Impaciente com a delonga, arranjou boa dose de coragem e lançou mão do desafio, a quem quisesse "medir luvas" empelcadas, com taludo prêmio ao vencedor. A verba seria emprestada pelo amigo íntimo, o Baléla, entusiasta da arte do murro nas trembas do próximo. Que aluvião de pecúnia alcançaria! Que fortuna colossal daria a venda de entradas com as apostas legalmente permitidas! Ao cabo de dois meses de desafio e propaganda, o Baléla descobrira, afinal, um pugilista aposentado, campeão de vários encontros e avariadas derrotas. O Brederodes, o atleta **in herbis**, ficou radiante. Quando, porém, foi apresentado ao bruta-montes, mirou-lhe o vulto, de alto a baixo, remirou, "tremeu, tremeu e ficou silencioso". Conforme a chapa, um calafrio correu-lhe pela espinha dorsal. O Baléla, na



qualidade de empresário, meteu-o em brios e pediu ao "professor" que iniciasse o curso; a hesitação do discípulo era comoção de estréia e nada mais. Preparava-se o professor para dar começo às lições, mas Brederodes atalhou:

— "Acho melhor fazer o curso por correspondência"...

RAUL



RAUL
1985

ANTES de se despedir dos amigos, êle contou o dinheiro que lhe restava. Vinte dólares. Isto é, fazendo as contas, perdera quase cem dólares. Mas valera a pena. Bom jogador, habitualmente, naquela noite êle não pudera concentrar-se nas cartas. Alguém observara:

— Você anda distraído, James.

Aquilo não era bom. No momento de prestar seu testemunho, um deles poderia lembrar-se daquilo e repetir a observação. Já ouvia a voz do promotor acusando:

— O réu parecia transtornado?

E a confirmação hesitante (eram seus amigos):

— S...sim.

Harvey sobretudo que falava muito, não conseguiria encobrir sua impressão, apesar da lealdade que o caracterizava. Contudo, não havia motivos para temer o fracasso de seu plano. Mesmo que ficasse definitivamente estabelecido que êle estava perturbado, preocupado, que provava aquilo? Êle não fizera a menor tentativa para esconder a sua desavença com Jane. As criadas haviam os ouvido. Talvez mesmo os vizinhos porque Jane falava muito alto. Bastava-lhe o álibi.

Tranquilo, encaminhou-se para casa. Restava-lhe completar a obra, representando o último ato do drama que encenara.

Chegou à sua residência, abriu a porta, encaminhou-se para a lareira e lá, encontrando o que esperava, tratou de cortar o barbante e tirar o relógio de dentro da chaminé. Depois, sorrindo, encaminhou-se para a porta e deu o alarme.

Estava pronta a sua tarefa. Cabia, agora, à lei tentar apanhá-lo.

— Uma bala no coração, disse o detetive.

Clara Dane, caída na poltrona, ainda conservava os traços de sua beleza. O corpo alvo, coberto por uma peignoir leve era maravilhosamente proporcionado. As feições delicadas e a longa cabeleira impressionavam. O detetive, perturbado, disse:

— Levem-na.

Uma auxiliar cobriu-a com um lençol. Estava terminado o exame. Dentro de poucos instantes uma maca aparecia e a levava. Então, o detetive voltou-se para o homem que estava sentado ao sofá com a cabeça entre as mãos:

— Agora vamos conversar, Mr. Dane.

James levantou a cabeça e encarou o policial:

— O que o senhor quiser. Tudo para que seja descoberto o assassino.

O detetive veio sentar-se ao lado dele, no sofá.

— Conte-me tudo, sem esquecer nenhum detalhe.

O homem fez um esforço evidente para conter-se. Em seguida, principiou numa voz trêmula de emoção:

— Nós tínhamos discutido tôda a tarde.

— Qual o assunto?

— Não gostaria de divulgá-lo.

— O sr. precisa compreender, Mr. Dane, que estamos investigando um crime e não fazendo perguntas por simples curiosidade.

— O senhor deve compreender também que é extremamente penoso para mim discutir certos assuntos relacionados com minha vida conjugal, especialmente agora que...

O final da frase perdeu-se num soluço.

— Está tudo muito bem, sr. Dane e eu respeito, sem dúvida a sua sincera dor, mas o que não posso deixar de fazer é interrogá-lo sobre o que se passou, uma vez que pode estar diretamente relacionado com a morte de sua esposa.

— Isso não! Foi uma discussão sobre assunto particular...

— Eu estimaria que o senhor deixasse ao nosso cargo julgar o que é e o que não é relevante.

— Eu...

— Não vamos perder tempo com rodeios. O senhor altercou com sua esposa a respeito do quê?

— Bem... ela... ela queria pedir o divórcio.

— Isso foi a causa da discussão. Muito bem. Era novidade para o sr? Só ontem veio a saber disso? Ou já sabia antes? Que motivos tinha sua esposa para pedir o divórcio?

— Ela... ela me confessou que não me amava mais.

— E que... amava outro?

— Não. Não disse isso. Disse simplesmente que queria ser franca, leal, que verificara que não me amava e queria sua independência.

— O resultado dessa discussão foi o seu consentimento?

— Não. Eu não consenti no divórcio. Pedi-lhe que esperasse.

— E ela?

— Defendeu enérgicamente seu ponto de vista até que impaciente, eu resolvi sair.

— Foi somente isso?

— Sim.

— E, depois, que aconteceu?

— Quando eu voltei para casa, encontrei-a morta, com um revolver aos seus pés.

— Não notou nada de estranho ou alguma coisa fora do lugar?

— Absolutamente nada. Somente o revolver e... e o corpo.

— Diga-me: que fez nesse ínterim — entre a discussão e a sua volta a casa?

— Encontrei-me com alguns amigos. Fomos jogar poker. Estava amolado. Depois de algumas horas de jogo, melhorei. Perdi algum dinheiro. Mais tarde, depedi-me e voltei para casa, disposto a apelar à minha esposa, pedir-lhe que continuasse a viver comigo, disposto a aceitar quaisquer condições que ela desejasse impor: encontrei-a morta...

Disfarçadamente, sem parecer que estava dando as informações de livre e espontânea vontade, a fim de não despertar suspeitas, deu os nomes dos amigos, suas residências. Como por acaso, na conversa.

Estava terminado um ato do drama. O álibi estava declarado. Restava esperar que a polícia em pacientes pesquisas, descobrisse que era a prova de qualquer investigação. E então êle estaria livre de qualquer suspeita.

(Continua na pág. 49)

O ÁLIBI

(Conto de JOHN DICKSON CAR)





Mr. Chase come cigarros como se estivesse comendo macarrão. Devora uma esponja com ose estivesse saboreando uma couve-flor... Entra numa porção de algodão do garfo e faca, como se fôsse um bom talhador... Come cravo com sal como se fôsem alcachofras...





E engole fósforos como se estivesse comendo "crepe Suzette"...



E mastiga o peitilho de sua própria camisa como se estivesse saboreando um "petit four"...

Os homens mais felizes do mundo

Por R. MAGALHÃES JUNIOR

OUTRO dia, no jornal em que trabalho, surgiu um moço moreno, forte, simpático, dos seus vinte e seis a vinte e oito anos de idade. Queria obter publicidade, — coisa que, em geral, toda gente deseja, muito especialmente os que visitam jornais. Ia eu martelando um suelto na minha máquina de escrever, quando o moço, delicadamente, se aproximou, fez um cumprimento e de disse:

— Doutor (para êsses caçadores de notícias toda gente é doutor...), desejava falar-lhe por alguns instantes... Não tenha receio, que não lhe roubarei muito tempo...

— Muito bem. Tenha a bondade de se explicar. Que deseja o senhor?

— Não vê, doutor... eu tenho uma especialidade... Queria que o jornal dissesse alguma coisa... E, para convencer o senhor, estava disposto a dar uma demonstração...

— Mas demonstração de quê?

— Eu lhe explico... Queria demonstrar o que eu faço... O senhor sabe... Os tempos estão bicudos... Então eu comecei a fazer o meu treino... E o senhor não calcula com que resultado!

— Meu amigo, seja breve... Eu não tenho tempo. Estou ocupadíssimo... Cheio de trabalho até à raiz dos cabelos. Tenho que sair às pressas, para entrevistar o ex-presidente dos Estados Unidos, que veio pedir alimentos para socorrer os famintos da Europa. Fale a outro redator.

— Ora, doutor... Tenha paciência. Seja bonzinho. Agora que eu já ia terminar... Olhe: o senhor vai ficar surpreendido. Eu

garanto. Sim, porque não há quem não se surpreenda. Eu mesmo, quando comecei a fazer isso, me surpreendi um bocado. Sabe, doutor? A verdade é que eu sou um pouco maluco. Pensei comigo mesmo, — Chico, — sim, eu me chamo Francisco, mas para a minha família sou Chico e morrerei Chico. Bem, como ia dizendo, pensei comigo mesmo, — "Chico, fazes isso, mas morres..." Também, se morresse, não me incomodava. Não fazia mal. Pouca gente, doutor, bem pouca gente choraria a minha falta...

— Bolas! Que é, afinal de contas, que o senhor faz?

— Ah! Está vendo? Eu vi logo que o doutor ia acabar interessado... O senhor também é curioso, não é, doutor? Bicho danado, a curiosidade... Posso dizer que foi ela que me arrastou para êsse negócio. Pensei: passarinho come pedra, não come? Come! Ora, se come! Por que é que eu não havia de comer também? E comi! Comi, doutor! Comi, sim, senhor... Não vá pensar que é mentira. Depois, comi capim...

— Fez muito bem...

— Mas não gostei... Aí, resolvi comer madeira. E' engraçado o que a gente descobre quando dá para comer madeira. Começa a distinguir um gosto desta árvore do gosto daquela outra e, às vezes, até o gosto dos brotos do gosto do galho, do gosto do tronco e do gosto das raízes... Assim como os senhores, que comem carne, distinguem o

sabor do "filet mignon" do sabor do lagarto, o sabor da língua do sabor do mocotó...

— Ah, então é isso o que o senhor faz?

— E', sim, doutor. Se o senhor quiser, eu faço já uma demonstração. Como logo aqui um canto da sua mesa... Parece que é pe-roba, não é? Tem gosto de alcatra... Se o senhor me der uma semana eu como a mesa inteira...

— Não me toque nessa mesa! E' nova e foi envernizada outro dia!

— Bem, doutor... Nesse caso, o senhor vai me ver comer um pedaço de uma tábua de pinho que eu trago aqui...

A essa altura, o visitante desembrolhou um jornal, dentro do qual havia um pedaço de tábua, algumas lâminas de barbear e velhas lâmpadas elétricas, fora de uso. Primeiro, começou a roer a tábua, com o apetite de quem estava comendo um pedaço de rapadura. Fez sorriso de triunfo, ante o espanto que devia transparecer nos meus olhos, e em seguida ajuntou:

— Com o treino que adquiri hoje como tudo... Como vidro de garrafa, de lâmpada elétrica... e como também lâminas de barbear... Hoje estou com um apetite! O senhor me viu comer o almoço... Agora veja a sobremesa: doce e frutas!

Meteu na boca primeiro uma lâmina de barbear, trincou-o no dente, reduziu-a a pedacinhos, que enguliu ou fingiu que enguliu. E logo depois quebrou a lâmpada e entrou a

(Continua na pág. 49)



DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES
Visconde de Araguaya
1811 - 1882

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES, visconde de Araguaya, foi personalidade do Segundo Reinado tão fecunda em personalidades.

Nascido no Rio de Janeiro, a 13 de Agosto de 1811, na cidade natal preparou-se em humanidades e formou-se em medicina, no tempo da Regência.

Antes enfermidade grave ameaçara-lhe a vida, quasi em hora de véla na mão, sobre seu peito mãe em prantos, ao vê-lo se escapar a vida do filho.

Disse-o ele proprio quando a morte o largou.

Magalhães reviveu, recomeçou destinos, para apenas medico almejar viagem á Europa, em Julho de 1833.

Na época o lar era instituição brasileira, representava pois muito. Magalhães deixou o lar paterno, saudoso dele já antes de partir, entre desconsolados pois, irmãos, e amigos. Não é isto fantasia, romancear, a confissão partio do proprio viajante de 1833.

O navio de transporte a Magalhães vio-se em alto mar aos apertos de tempestade no habitual cortejo de ventos desencadeados, nuvens negras correndo á luz de coriscos uns sobre outros, num tudo de entre vida e morte.

Pela segunda vez Magalhães a via de perto, ao ferrar de velas, ao soar da busina do capitão, ao tocar de bomba por passageiros, partilhando perigo no dar auxilio, á propria salvação, mulheres tremendo, crianças chorando.

Enfermo, Magalhães escapava da morte entre os seus, viajante esteve a perecer longe dos seus nas vagas ululantes.

Acabo de tormentos mais um veleiro escapou de naufragio, a viagem proseguio, todos refeitos de angustias.

Chegado à França, apresentou-se Magalhães á nossa legação em Paris, a cargo do ministro Luís Moutinho, de nome inteiro Luís Moutinho de Lima Alvares e Silva. Era um antigo official-maior, isto é diretor, da Secretaria dos Estrangeiros, na qual, no Primeiro Reinado e Regência se revelára funcionario zeloso de tradições, um ante Cabo Frio.

Sobretudo no momento agudo da Independência e seu reconhecimento Moutinho prestára relevantes serviços.

Em 1838, Moutinho foi alvo de homenagem da colonia brasileira em Paris, a colonia mandando cunhar em honra do ministro do seu paiz uma medalha de ouro, o ouro então nada musaceo.

Moutinho morreria em Paris, em 1863, no decurso de vida inamistosas as suas relações com Magalhães.

Registrando obras deste, Sacramento Blake consigna uma sátira entre elas uma sátira intitulada *Episodio da infernal comedia, ou viagem ao inferno, inferno da rua do Fogo, canto da do Sabão*.

O título da sátira pede explicação. No Rio de Janeiro antigo a rua do Fogo valia pela atual rua dos Andradas, a do Sabão pela desaparecida rua General Camara.

A *Viagem Infernal* traz prefacio e notas, attribuido tudo a Porto Alegre, amigo de unha e carne do satirizador. Sacramento Blake aponta a *Viagem* como do adido de

legação extranumerario Gonçalves de Magalhães "desforrando-se de desgostos" que teve com o chefe da legação brasileira em Paris".

Cousa não estranhavel, os moços pouco propensos a amigos dos velhos. Bem muito depois de 1833, Cabo Frio não recebeu de boa sombra, sim com ceticismo o ministro dos Estrangeiros da Republica que conhecera pouco antes simples adido de legação no Imperio, e isto testemunha o ministro francês Augusto Gérard em suas Memorias.

Com ou sem razão, lá se foi Gonçalves de Magalhães arejar magoas na Italia em companhia de Porto Alegre.

O que não importa é traçar o itinerario da excursão. Para um joven, e o era Magalhães, as viagens oferecem especial encanto, a primeira viagem então desdobrando a olhos de inexperientes o mundo universo.

Quem vai ajudar-nos a estabelecer o itinerario do caminho de Magalhães? Ele proprio, por meio dos *Suspiros Poeticos e Saudades*, o livro de 1838 que se tornou brado primeiro do Romantismo no Brasil.

Muitas das poesias dos *Suspiros Poeticos* trazem datas permitindo acompanhar a viagem de Magalhães, via Italia. Nesta, em 1882, teria tumulto. Isso era futuro que, para todos, tem no véo, o seu melhor simbolo.

A 7 de Outubro de 1834, consignava Magalhães ter estado em Poligny, cidade francesa nas abas do Monte Jura. Com Porto Alegre realizou ascensão ao Jura pelos estreitas e tortuosas ruas de Poligny, escalando a penedia não trilhadas, e perigosas sendas, vencendo caminho até o topo da montanha.

Eis Magalhães, a 11 de Outubro de 1834, em Genebra, a Roma protestante, seguindo o viajante para Milão. A 17 de Outubro, Magalhães data extensa poesia visivelmente inspirada por visita á catedral milanesa, após uma ascensão aos Alpes a 14 de Outubro.

Passado a Florença, a 20 de Outubro, Magalhães não se limita a celebrar em verso o genio da Musica na pessoa da Catalane. Pede audiencia á cantora celebre e, em composição poetica, promete a si mesmo, tornado ao Brasil ao louvor da artista acrescentar: "Eu a vi, fallei com ella".

No dia de Anno Bom de 1835 estava Magalhães em Roma... Ai seguia o costume humano de imprecar o ano que finda e saudar o que alvorece. Atribuindo "continuos tormentos" a 1834, despedia-se dele o poeta:

*"Vai-te, vai-te... Nem mais lembrança tua
A mente atribulada me ennegrece."*

Andar em Roma é calcar poeira de seculos, o passado é alma da Cidade Eterna. Magalhães visita-lhe os monumentos, enleva-se contemplando Roma ao luar vestindo de prata a cidade que Augusto encontrou de tijolo para deixala de marmore. Ante o espetaculo de Roma á claridade lunar, o poeta exclama

"Tu és, ó lua, o astro das ruínas!"

Em Roma, que monumento se equipara ao Coliseu no seu semi-desmoronado? Por ele Roma ainda parece de pé, as aguias de suas legiões voando da Europa á Asia.

Não quis Magalhães vêr o Coliseu apenas batido de sól, intentou vê-lo nos soturnos da treva.

Ajuntado a Porto Alegre, Magalhães dirigio-se ao Coliseu, á noite, noite béla e de luar. Sentaram-se os dois amigos em degrãos do vetusto circo. Eis que de subito negros vultos apparecem, os de tres bandidos, armados de punhais, ameaçando os visitantes noturnos, afinal salvos entregando a bolsa para salvar a vida.

Deu Magalhães conta da aventura numa poesia dos *Suspiros Poeticos*, dedicando a produção a Francisco de Salles Torres Homem, dizendo ao amigo ausente:

Mais que o aureo metal é cara a vida,

na lembrança dos ladrões do Coliseu, indignos romanos.

A salvo destes, os viajantes brasileiros continuaram viagem. Em Maio de 1835 hospedavam-se em Ferrara, ás recordações de Tasoo, em Bolonha ás da sua escola de pintura luzindo pelo Guido, em Verona ás sombras de Romeu e Julieta.

Onde melhor recordaria Magalhães, mais e melhor, do que em Veneza, palacio a palacio, do Canal Grande aos canais augustos onde as aguas se esgueiram e enegrecem no proprio sulco da gondola impelida.

No *Album de Uma Veneziana* intitula-se uma poesia, em seis quadras, dos *Suspiros Poeticos*. Que veneziana seria?

De Veneza se transferio Magalhães para Turim, capital de reino que havia de baixar á de provincia. Regressando á Paris, passou Magalhães por Bruxelas de onde proximo o campo de Waterloo. Visita-o Poeta. Inspirado por quanto vira ou adivinhára, escreve o cantico de sua maior laurea na poesia brasileira, *Napoleão em Waterloo*, dedicado ao Coronel Antonio de Souza Lima de Itapirica.

Aquele cantico o Brasil do seculo passado o leu e decorou, os decassilabos de Magalhães de entusiasmo e convidando á declamação, a voz do declamador tomando pausa e sentido e pressa o ao chegar a versos como estes:

*O echo da floresta, e o peregrino
Que indagando visita estes logares
Waterloo!... Waterloo... dizendo, passam.*

Percorrida a Suissa, Magalhães depois de adeus a Paris, dizia-o á Europa, em Agosto de 1836, declarando "vou morrer no meu paiz".

Neste o esperava Caxias, tomando-o para secretario nas pacificações do Maranhão e do Rio Grande farroupilha. No Brasil o Maranhão daria a Magalhães cadeira de deputado sem duvida por influencia de Caxias, este do tempo em que os chamados a altos postos timbravam em rodear-se de auxiliares valiosos.

Sempre fiel ás letras, Gonçalves de Magalhães, fixou-se na diplomacia, nela morrendo nosso ministro em Roma, de 1847 a 1882, encarregado de negreiros em Napoles, Madri, São Petersburgo, na Sardenha, ministro na Austria, Washington, Buenos Aires, junto á Santa Sé e, para dizer a italiana, *presso il Quiniale*, campos opostos até na sociedade aristocratica de Roma, nobreza branca de um lado, nobreza negra do outro procurando distanciarem-se.

A bom diplomata esposa de valor. Tave-a o visconde de Araguaya na joven Januaria de Sá Pinto Ribeiro que, entre véos de noiva a 23 de Outubro de 1847, Gonçalves de Magalhães levada aos pés de altar da antiga igreja de Santa Anna, no Campo de tal nome, o cortejo nupcial da tarde de Outubro entrando e sahindo pela alameda de casuarinas que conduzia ao templo, no sitio onde hoje existe a estação ferroviaria D. Pedro Segundo no seu alfujo de passageiros, no seu bufar de locomotivas.

GONÇALVES DE MAGALHÃES, ITINERANTE

ESCRAGNOLLE DORIA

NOS BASTIDORES FEMININOS

Emagrecer... eis o sonho de muita gente... No entanto, poucas são as pessoas que têm força de vontade suficiente para empreender um regime sério, mesmo porque êsse regime requererá sacrifícios. Mas, cremos que uma silhueta elegante e delgada compensa qualquer sacrifício. E' para aquelas que têm "disposição", que deixo aqui alguns conselhos para emagrecer-se:

1.^o — Não dormir mais do que sete ou oito horas diárias. Não tirar a "sesta" depois do almoço. Nada engorda mais do que uma boa "soneca" após as refeições.

2.^o — Terminadas as refeições procure ficar de pé durante uma hora. Uma pequena caminhada será de grande utilidade.

3.^o — Ande, ande o mais possível, de preferência pela manhã.

4.^o — Faça com regularidade os seus exercícios para emagrecer. A êles dedique pelo menos 20 minutos diários.

5.^o — Não beba água logo após as refeições. E quando o fizer, adicione à mesma algumas gotas de limão.

6.^o — Organize com inteligência a sua dieta. Tenha força de vontade bastante para eliminar doces, massas e gorduras.

7.^o — Também o álcool deve ser completamente abolido.

8.^o — Levante-se da mesa com a sensação de que poderia comer um pouco mais... Nunca fique "empanturrado".

9.^o — Faça, durante o regime, massagens especiais no rosto a fim de evitar que ao emagrecer você tome aparência de velha.

10.^o — Use roupas adequadas. Listras só verticais. Dê preferência às cores escuras. Nunca use trajes de duas cores.

Com êstes conselhos básicos e com um bom regime que naturalmente você obterá do seu médico, dentro de poucos meses você possuirá aquela figura esbelta que tanta inveja desperta.

Mais uma vez, minha amiga, tudo depende de força de vontade. Com ela você conseguirá realizar verdadeiros milagres.

KITTY

★
JANIS PAIGE -- W. BROTHERS



O QUE A "MULHER EXÓTICA" INSPIROU

INSPIRANDO-SE nos figurinos de 1875, usados por Ingrid Bergman no filme "A Mulher Exótica", Leah Rhodes, desenhista da Warner Bros, criou êstes modelos que apresentamos às nossas leitoras. Aí estão, pois, quatro interessantes sugestões, duas para passeio e duas outras próprias para a noite.



Leah Rhodes



Leah Rhodes

Da esquerda para a direita: 1 — Modelo para a tarde, em cetim preto, com estamparia rosa, azul e branco. Ombros largos em feitiço de pala, sob os quais saem as mangas em georgette rosa plissado. Saia franzida ao redor da cintura. 2 — Modelo em fina lã quadriculada para a blusa e lisa para a saia. Corpo ajustado, bastante comprido, decote em "V". Mangas três-quartos. Saia "godet" com originais bolsos dos lados. 3 — Deslumbrante vestido para a noite em tafetá branco, com listras verdes. Corpete bastante justo, ombros nus, mangas formadas por margaridas brancas com lacinhas verdes. Saia bastante ampla, armada nas cadeiras. 4 — Outro modelo para a noite, de grande originalidade e beleza. "Moiré" branco, com aplicações de morangos na saia e nas mangas. Corpete bastante ajustado, terminando em "V". Botões da mesma fazenda. Decote bem acentuado, mangas "bouffant", saia ampla e armada nas quadris.





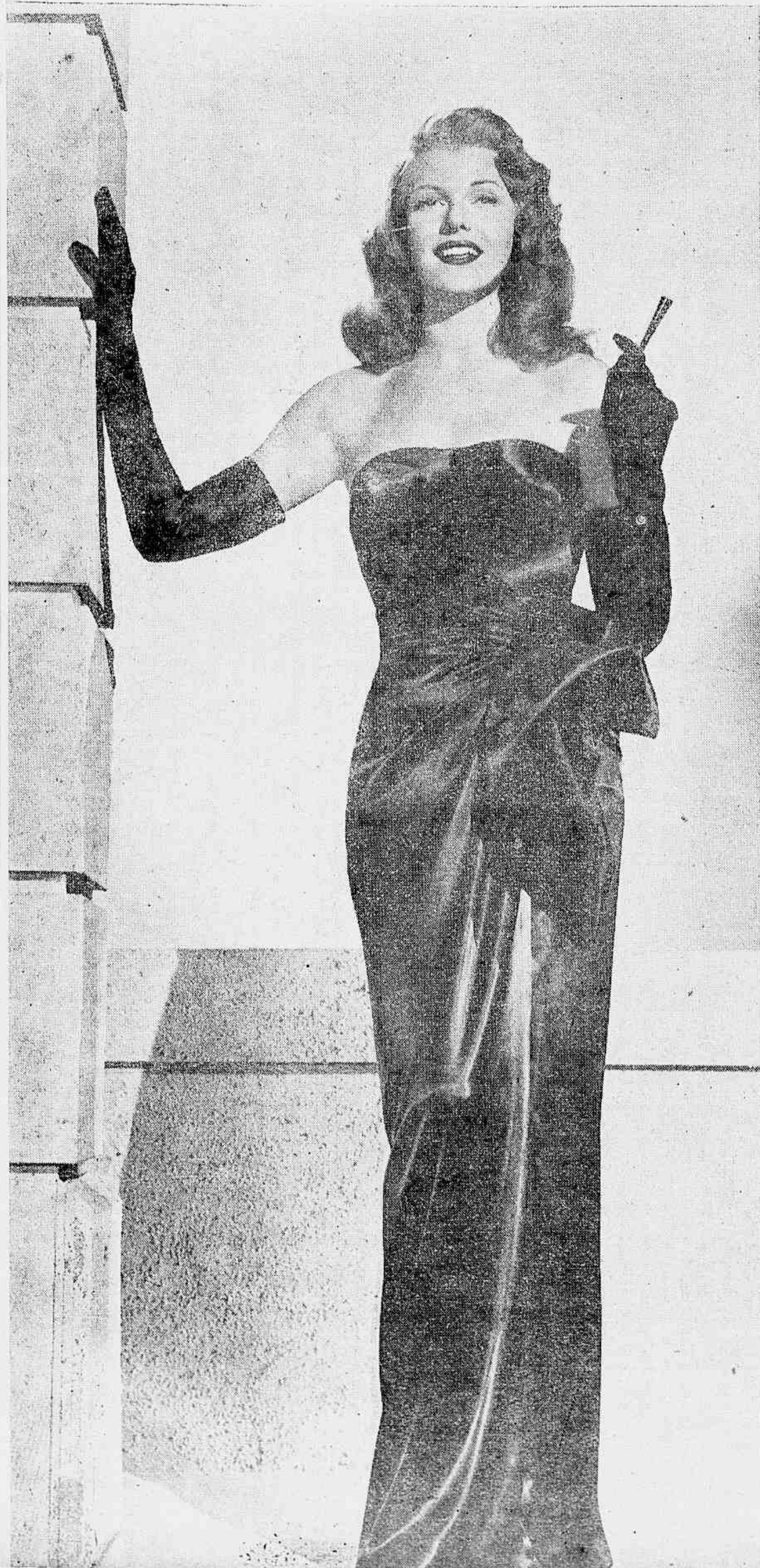
PARA O MUNICIPAL

SUNTUOSÍSSIMO é esse modelo que a famosa Ginger Rogers da RKO sugere às nossas leitoras. O vestido é todo feito em renda branca, armado com "tulle". Três grandes babados formam a saia, o último terminando em ligeira cauda. Corpo ajustado, terminando em "V" na cintura. Ombros nus e formando as mangas grandes rosas de tafetá. As mesmas rosas ela usa no cabelo. Salpiques de lantejoulas de tamanhos diferentes.

Sempre atraente! Rita Hayworth, da Columbia, apresenta às nossas leitoras um modelo deveras sedutor. É feito em setim preto, corpete ajustado, saia com drapeados para o lado, arrematados com grande laço. Luvas longas, também de setim preto.

Mais simples, porém de grande elegância, é este modelo de Marguerite Chapman, da Columbia. Feito em crepe de seda verde, tem pequena abertura sobre o estômago. Ligeiros "drapés" na blusa. O mesmo na saia, terminando em laço na frente.

Elegantíssimo modelo em veludo negro, com uma original gola presa por um lindo broche de brilhantes. Um modelo próprio para as grandes ocasiões.



O PALÁCIO DE LUXEMBURGO

Por JEAN BALENSI

O Palácio de Luxemburgo, onde os chanceleres dos quatro grandes se encontram reunidos, teve seus alicerces cavados por uma italiana, há três séculos.

Abandonada por Henrique IV, Marie de Médicis achava o Louvre insuportável, suas proximidades mal-cheirosas.

Preferia o Palácio de François, duque de Luxemburgo e de Pinay. Acabou por adquirir, em 1611, a habitação e seus parques. Instalou nela antes de tudo, uma fábrica de espelhos, um atelier de bordados orientais, servido por orientais e um galinheiro.

Por fim enviou um mensageiro a Florença para copiar os planos do "Palácio Pitti" que ela queria dar, para modelo, a seu arquiteto. E foi a Salomon de Bresse que encarregou de construir a residência que sonhava.

Acabada em 1630, a obra deste arquiteto constitui o corpo principal do edifício atual. Trabalharam para lhe decorar os interiores, artistas, como Rubens, Nicolas Poussin, Philippe de Champaigne.

Pouco após morria a rainha. Luiz XIII desapareceu, por sua vez, antes de terminada a liquidação de seus bens. Quando da partida, Luiz XIV deixou o Luxemburgo, a seu irmão Gaston d'Orléans, bibliófilo e colecionador. A Grande Mademoiselle, sobrinha do rei, aí recebia Condé, os partidários da Fronde, os preciosos, La Fontaine e Madame de Sévigné. Foi o Conde de Provence, o futuro Luiz XVIII, o último locatário principesco.

Transformou a Revolução este Palácio em prisão. Aí encontramos, mais tarde, Danton, Camille Desmoulins e Fabre d'Eglantine. As mulheres dos detidos invadiam os jardins para poder, pelas janelas, conversar com os maridos. Foi aí que Napoleão guardou o tratado de Campo-Fórmio e as bandeiras conquistadas ao inimigo. Após o 18 Brumário, deu-lhe ele o destino que desde então conservou: sede do Senado.

Lá por 1835 foi o Palácio reformado e ampliado. Nêle se localizara ma Côte dos Pares e o governo de 1843. Em 1870 foi o Senado abolido pela Comuna. E o edifício teve seu batismo de fogo: recebeu o primeiro obús. Foi ameaçado de incêndio. Salvo pelos marinheiros, uma corte marcial condenou à morte, no mesmo momento, os assaltantes.

E foi novamente o palácio entregue ao Senado. Hugo e Baudelaire, Murger e Mimi Pinson, após Rousseau e Diderot, à sombra das centenas de estátuas de seus parques, sonharam...

Finalmente... Era 24 de agosto de 1940. E... os alemães chegaram. Nêle instalaram o Estado Maior da Luftwaffe para todo o front ocidental: da Noruega aos Pirineus. Eram 1.800 homens, oficiais em sua maioria, às ordens do Marechal Sperle.

Não era o Marechal tão ornamentado Goering. Mas mais volumoso. E gostava de se tratar. Por isso, mandou construir uma banheira com suas medidas: 2 metros de comprimento, 80 centímetros de largura, outro

A sala de conferências (ao alto), onde se realizou a conferência da paz. — Fachada do velho palácio (à esquerda) cujos alicerces foram cavados por uma italiana há três séculos.





Pelos jardins do palácio, desfilaram os chanceleres da Rússia, França, Inglaterra e Estados Unidos, rumo à segunda sessão da Conferência da Paz. Aqui fora, a humanidade ficou esperando que essa importante reunião chegasse a um resultado satisfatório.

tanto de profundidade, e paredes de 10 centímetros de espessura e de cimento armado. Com o peso da água e do ocupante, o conjunto excedia 3 toneladas. Tudo muito prussiano.

Mas o marechal era "delicado". E intimou, a um funcionário francês, a retirada de um motivo alegórico do Palácio: um pelicano que devorava as próprias entranhas.

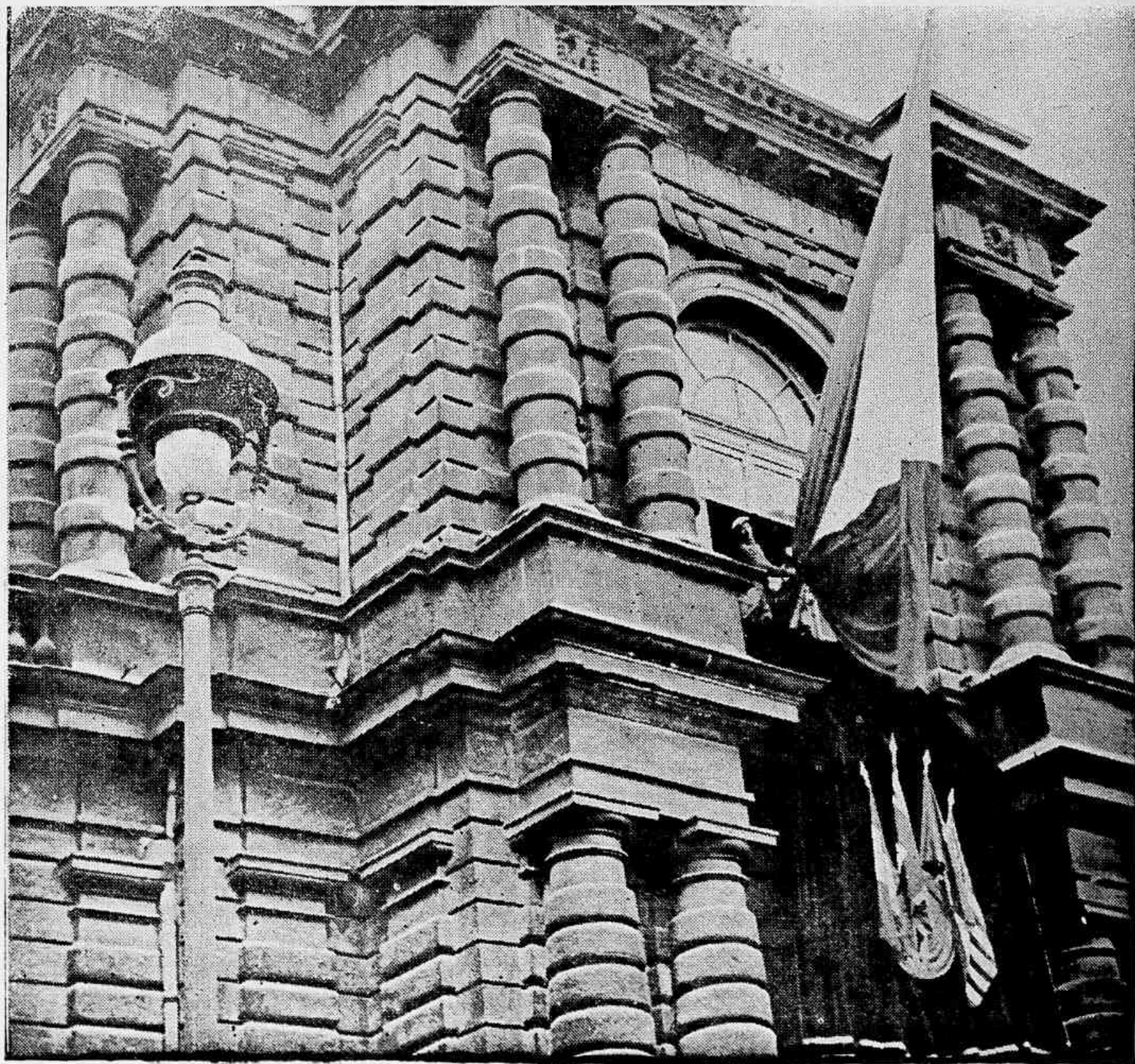
— Isto é mal são. Não o quero mais ver.

O francês foi delicado em sua resposta. Eis seus pontos principais: 1.º — pertencia o pelicano à antiga fachada do convento das "Filhas do Calvário", estabelecimento católico (O marechal estava enganado); 2.º — revolucionários de 1789, os russos em 1814, os prussianos em 1870, passaram sem que o palmípede os incomodasse; 3.º — enfim, o conhecidíssimo Dicionário de Larousse diz que o pelicano traduz um artigo de catecismo em que se declara que ele representa "Jesus Cristo dando seu sangue para salvação da humanidade".

Rendeu-se o marechal. E não viu a malícia.

Esta a história do "Palácio de Luxemburgo" onde estão reunidos os chanceleres da Rússia, França, Inglaterra e Estados Unidos para a segunda sessão da "Conferência da Paz". E a humanidade espera que a nova conferência evite um novo "Tratado de Versalhes".

Vista lateral do palácio cuja construção foi concluída em 1630, e cujos interiores foram decorados por artistas da expressão de Rubens, Nicolas Poussin e Philippe de Champaigne.



côrte, quem lhe promettesse tudo. Ela, porém, apesar do temperamento irascível do marido, apesar de ter bastantes motivos para abandoná-lo, permaneceu fiel. Uma verdadeira figura estoica, digna e majestosa, aceitou o seu destino com simplicidade, dando aos filhos o carinho e a ternura que não poderia certamente dedicar ao marido.

Assim passaram os anos. As crianças cresciam e ela continuava a ser, naquela sociedade, a figura indispensável, bela, porém sempre, de certo modo, longínqua, inspiradora de muitas paixões.

O marido, porém, teve, certo dia, um ataque muito sério que quase o matou. Uma apoplexia, fê-lo perder a fala. E ela transformou-se, desde então, em paciente enfermeira. Sua existência corria naquela tonalidade cinzenta das vidas sem alegria, exceto no que dizia respeito aos filhos. Esses eram a razão pela qual ela ainda não desesperara.

Poucos anos depois, apesar dos seus cuidados, morreu-lhe o marido e ela ficou sendo a viúva mais cortejada de Londres. Não lhe faltaram pedidos de casamento, porém ela afastou a todos os admiradores com o mesmo gesto benevolente mas decidido.

— Não posso! Não posso!

A verdade é que um grande amor ainda não tinha vindo iluminar-lhe a vida. Tivera simpatia por muitos de seus admiradores, mas nunca sentira a necessidade imperiosa de dedicar-se inteiramente.

Foi quando conheceu Ted Grove. Era muito mais mômico do que ela. Já os primeiros cabelos brancos estavam aparecendo na sua cabeleira negra quando ele chegou, como um raio de sol. Mômico, inteligente, imediatamente pôs-se aos seus pés, com respeito e adoração, não ousando nunca levantar os olhos ou aspirar mais do que aquilo. Mas a verdade, apesar de tudo o que não viram os curiosos, foi que Louisa mudou, tornou-se outra, depois que conheceu Ted.

Passou por afeição maternal, em virtude de sua idade, aquilo que foi o único ímpeto amoroso de sua vida, regalada pela razão. Ímpeto louco, impulso que não poderia tornar-se realidade — e que a fez sofrer.

Certo dia, ela criou coragem suficiente, confessou-lhe o seu amor e pediu-lhe que partisse.

(Continua na pág. 44)

SEM dúvida é difícil fazer compreender a um francês a importância que os ingleses atribuem a esses casos, mas a verdade é que, sobretudo no tempo da Rainha Vitória, o reino era da hipocrisia. Não acredito que eles fossem mais decentes do que os contemporâneos: eram mais dissimulados. Mas não é uma análise da sociedade vitoriana sob esse aspecto que eu estou pretendendo

apresentar e sim um dos seus casos mais genuínos de amor e galanteria que, hoje, nos aparece com toda a sua graça antiquada, pois seria um tanto ridículo se não fosse patético ver os laços da sociedade prendendo dois seres que queriam ser felizes a todo o custo.

Aliás, pela primeira vez, os maledicentes se enganaram, não por terem agravada uma situação que nada tinha de signifi-

cativo, mas por terem, justamente, deixado passar como um caso de simples afeto maternal um dos maiores amores da história.

Lady Whitney casou-se muito mômica. De acordo com os costumes da época, fez a vontade dos pais. Não amava o marido — nem era costume, no tempo em que viveu, o casamento de amor. Mas foi sempre fiel.

Não faltou quem lhe fizesse a

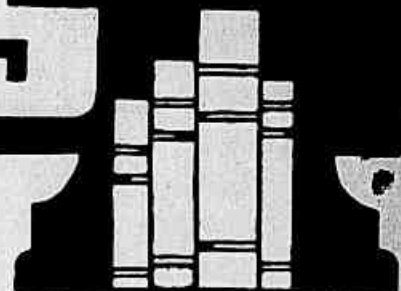
ROMANCE VITORIANO

Conto de André Maurois

X livros

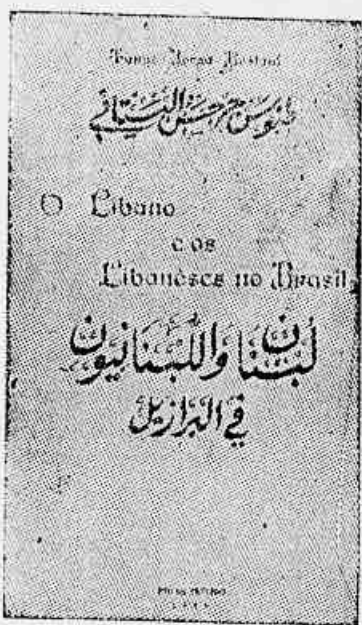
NOVOS

Por JOÃO LUSO



O LIBANO E OS LIBANESES NO BRASIL, por Tanus Jorge Bastanio — Rio de Janeiro, 1946.

O presente livro começa rendendo homenagem ao pai do autor, o libanês Jorge Mançur Bastane (Giries Mançur Bustani) que "emigrou em 1895 para o Brasil, onde, durante quarenta e nove anos cooperou para a grandeza da pátria dos seus filhos". Oferece, pois, antes de mais nada, uma nota de atraente, comunicativa ternura. É esta feição sentimental que domina a obra inteira.



Brasileiro de nascimento, o autor se possuiu de grata veneração por aquele paiz onde os seus antepassados lutaram pela liberdade, o engrandecimento, a honra e a glória nacionais. Toda a terra libanesa lhe é imensamente cara ao espírito e ao coração. A página de piedoso preito à memória de seu pai, seguem-se os retratos, com ligeiras biografias, de libaneses notáveis radicados na vida brasileira. E por todo o livro, na sua parte histórica como geográfica e na relativa às modernas condições políticas e sociais da bela e nobre nação, se sente um trabalho mai que atento e metódico, realmente enlevado, de sincera comecção. O estudo histórico nem dos primeiros tempos conhecidos da enicia até à participação do Libano na guerra de 1914. Sucede-lhe relação das cidades vilas, e aldeias do território libanês. E as últimas quatro partes do Brasil compreendem as seguintes matérias: A emigração para o Brasil — A emigração para os países americanos — Influências dos libaneses na expansão comercial e industrial do Brasil — s libaneses no Brasil — O comércio ambulante no Brasil — O matraca — Índícios da vinda dos seniores ao Brasil — Fatos sobre os libaneses no interior do Brasil — O libanês e o brasileiro — Brasileiros descendentes de libaneses — O brasileiro no Libano — Cânticos ao Brasil e ao Libano.

O volume, de vasto formato e de perto de duzentas páginas, é enriquecido por grande numero de fotografuras: retratos, panoramas, monumentos, etc.

DE NÁPOLES A PARIS, "contos da vida expedicionaria", de Celso Furtado — Edição do autor — Rio de Janeiro, 1946.

Uma nota liminar nos adverte de que os fatos narrados nestas páginas são "substancialmente" verdadeiros. Está visto que tal circunstância não favorece nem prejudica, em principio, o valor da obra literária. A questão de ter ou não acontecido na vida real aquilo que o escritor nos conta pouco interessa ao geral dos leitores e nada deve influir no animo de quem tenha de dar a respeito a sua opinião. Há, porém, no presente caso uma condição especial de simpatia e de respeito, um factor a que, parece-nos, se não pode, se não deve fugir. O Sr. Celso Furtado, o tenente Celso Furtado fez a campanha da Itália.

Antes de ser militar, fôra novelista e jornalista; nessas duas qualidades, exercidas com igual brilho, apurara os seus dotes de observação e apreciação, adestrando a faculdade de exprimir com desenvoltura e clareza aquilo que os olhos viram e a emotividade experimentou. Quem começou a fazer literatura e a trabalhar na imprensa fica para sempre com as duas tendências e, dependentes embora da veemência do treino, as duas capacidades. Por isso, no correr das operações e incidentes da guerra, não deixava o joven oficial de atuar como cronista. Era outra disciplina, disciplina do espírito e do gosto, a que ele se não poderia furtar. Assim foi colhendo impressões e organizando assuntos de conto ou fantasia, para quando tivesse mais vagar ou melhor ensejo de os converter em letra redonda — se é que lá mesmo, nos intervalos de combate, nas pousadas de acaso, no relativo socego das cidades, não ia já dando largas à ansiedade de escrever. Assim se formaram as histórias que compõem o presente volume.

Quase todas elas de amor. Namorico efêmero, afeição mais ou menos profunda, paixão verdadeira... ou pouco menos — variam os temas conforme as criaturas, as "italianas ternas e gentis" a quem o autor envia "as suas saudades" e gratamente dedica o livro. Variam os cenários e os episódios, mas o estilo se mantém leve e límpido, com indeclinável prestígio cativante. E, repetimos, não deixa de influir no gozo da leitura pensar a gente que o autor esteve entre os homens a quem fora confiada a missão de defender a integridade territorial e a dignidade da sua pátria.

BANANA BRAVA, romance de José Mauro de Vasconcellos — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1946.

O Sr. José Mauro de Vasconcellos não seguiu o exemplo de tantos, tantíssimos autores de romances ou contos, cuja acção decorre em regiões onde eles nunca puzeram os pés. Os cenários estão, nessas obras, pintadas com as cores na aparência mais realistas, mais flagrantes; os personagens podem dar a impressão de criaturas que existem ou existiram de verdade e entre as quais o escritor viveu familiarmente; tudo parece copiado do natural, *sur place*, ou interpretado ao vivo sem nenhum artifício, nenhum recurso de imaginação... Mas quase sempre alguém deveras conhecedor dos lugares, da gente, dos costumes vem revelar o que em tudo aquilo entrou de falsidade ou disparate. E de tais erros devidos à falta de probidade bem como à suposição de se poder ludibriar a critica e abusar do público, largamente se abasteceu o famoso *Sol-tisier* do *Mercurio de France*.

O autor do presente romance andou pelas terras que havia de descrever, lidou com os homens a quem havia de retratar. Não é só ele que o afirma; plenamente o atesta o prefaciador do volume, Sr. Luiz da Câmara Cascudo. Para se documentar, ou simplesmente porque a sorte o levou para as bandas do Oeste, onde o diamante desafia a cobiça dos homens, lá permaneceu o Sr. Vasconcellos certo tempo, o bastante, sem dúvida, para conhecer os diversos tipos de ambiciosos ou aventureiros, de criminosos puros e simples, que labutam na "areia manteiga". Uns aos outros se disputam o possível achado magnífico. Ouviu os diálogos ar na galarrólice, a coragem verdadeira, os amores e as rivalidades, a amizade, acompanhadas e traições de toda sorte.

Frequentou os cabarés onde a Venus mercenária desce ao aviltamento derradeiro; presenciou a prepotência das autoridades locais; os castigos sumários, os assassinatos em nome da Ordem e da Lei; e não estamos longe de acreditar que alguma coisa da sua pessoa se encontre num dos heróis do romance, Joel, chamado o Menino, e o qual, tendo-se feito consagrar, apesar de tão moço ainda, como virtuoso do piano no Rio de Janeiro, um dia resolveu abandonar a família e a arte para se tornar outra espécie de homem e trabalhar, fazendo com as mãos outra coisa que não passeá-las pelo teclado.



O acaso conduz esse tal Menino à companhia dum Gregório, vulgo Gregorão, hercúleo e temente ao extremo, insaciável bebedor de cachaça, apaixonado de alcoice e, como diz o povinho, com muitas mortes às costas. Talvez pelo contraste das naturezas os dois se afeiçoam mais que fraternalmente. O brutamente protege o companheiro defende-o de perigos e ciladas, por ele se arriscando ou sacrificando como nem todos os pais fariam pelos filhos; e, com aquela superioridade de força, aquele gênio sempre à espera de pretexto para se incendiar ou explodir, obedece ao Menino que nem a um amo e senhor, como se realmente o temesse, não lhe pudesse resistir. Armado já o conflito no cabaré, quando Gregorão vai levar toda a gente a murro e a tiro, apreço o Menino e logo o gigante se modera, se contém até de todo se acalmar e acompanhar o outro, submissamente. A solidariedade desses homens que em nada se parecem a não ser a mútua dedicação, constitui no romance o principal elemento de interesse. E a página mais impressionante é a final, e a que Gregorão, certo de que será esfarrapado pelas piranhas, se atira ao rio para ir buscar o barco em que o Menino, "adormecido" com um murro, há de fugir dos homens da policia já próximos e possivelmente se salvar.

O livro é quase todo em diálogo, com o falar daquela gente rigorosamente observado. E de vez em quando um palavão torpe ou imundo surge, bem escusadamente, bem lamentavelmente, no pitoresco das conversações.

RECEBEMOS:

NOVO MUNDO, "órgão de intercâmbio cultural entre todas as Américas", que se publica em Guaratinha (ex-Lageado) Mato Grosso, sob a direcção de Raymundo Maranhão Ayres.

RELATORIO DO SENAI

Recebemos um exemplar do Relatório dos Trabalhos realizados pelo Departamento Regional do Senai em São Paulo, do qual é diretor o Eng. Roberto Mange. Referindo-se ao ano de 1945, traz muitas ilustrações completando o texto e os gráficos que constituem a exposição da materia.

Uma epopéia paraense, estudo histórico de Amílcar Salgado dos Santos, oficial superior do Exército — São Paulo, 1945.

TEIXEIRA DE QUEIROZ (Bento Moreno) conferência de João de Barros sobre o autor das séries de romances e contos *Comédia do campo* e *Comédia burguesa*. — Edição da Seara Nova, Lisboa, 1946.

O primeiro bandeirante, conferência de Eurico Branco Ribeiro no Centro de Estudos Bandeirantes, de São Paulo. 1946.

BODAS DE SAUDADES, diálogo rimado de Hélio Bastos Couto, com uma apresentação de Catullo da Paizão Cearense. — Rio de Janeiro. 1946.

OFERENDAS, alguns sonetos de Laudinier Martins, nos quais ha sentimento inspirador e espontaneidade de factura.

A INVEJA, novela de Nabor Fernandes, consagrada pelo Rádio.

Ciclo de conferencias en homenaje a Franklin Delano Roosevelt, al buen vecino, publicação da Asociacion Rosarina de intercambio cultural argentino — norte-americano.

Uma interpretação do "Quixote", conferencia pronunciada por José Paredes perante o Congresso de Unificación Hispana. Cultura Moderna, São Paulo, 1946.

Mensagem à Academia Brasileira de Letras sobre o 4.º centenario do nascimento de Cervantes, por José Perez. — São Paulo. — 1946.

PSICOLOGIA CRISTÁ E PROFILÁTICA, de Amandus H. S. de Silva Schoen. — São Paulo, 1946.

Discursos, proferidos na Academia Brasileira de Letras pelo recepiendário A. Carneiro de Leão e o acadêmico que o saudou, Barbosa Lima Sobrinho. — Rio de Janeiro, 1946.



Realizou-se no dia 25 de maio último, às 17 horas, na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, o enlace matrimonial da senhorita Maria Emilia Gomes, filha do sr. José Fernandes Costa e d. Gracinda Marques, com o sr. Mario Rodrigues, filho do sr. José Rodrigues e Carolina de Jesus. Na gravura, os nubentes após a cerimônia religiosa.

EXPOSIÇÃO MANUEL FARIA — Este flagrante foi feito quando se inaugurou a exposição de pintura do paisagista Manuel Faria, no Museu de Belas Artes, que teve uma avultada concorrência. Na gravura, um distinto grupo de senhoras e senhoritas, ladeando o artista expositor.



INSTITUTO NEUROCIRÚRGICO — Flagrante apanhado em Porto Alegre, em junho p. passado, quando da inauguração do 1.º Instituto Neurocirúrgico do Brasil e segundo do Continente sul-americano. Aparecem na foto, entre elementos destados da Santa Casa de Misericórdia, o sr. Ministro Carlos Luz, que presidiu à importante solenidade, o interventor Cilon Rosas, médicos e pessoas gradas.



BÓDAS DE PRATA — Comemorando o 25.º aniversário de seu matrimônio, o casal sra. Icléa de Figueiredo Prates - Major Rodolpho Prates fez rezar missa votiva, no altar-mor da Igreja de São José, no dia 8 de junho último, cerimônia da qual o clichê acima nos dá um aspecto.

FIGURAS E FATOS



amor.



ROTARY CLUBE

O Sr. Presidente Eurico Gaspar Dutra, acompanhado de quase todos os Ministros de Estados, almoçou na sexta-feira, 21 de junho p. passado, no Rotary Clube do Rio de Janeiro, tendo sido saudado pelo Presidente Sr. Dr. Carlos Brandão de Oliveira, em brilhante improviso. A seguir

S. Excia. o Sr. Presidente de República agradeceu com palavras que muito sensibilizaram os rotarianos.

Retribuindo a saudação que lhes foi feita por motivo do cabal desempenho que deram a recentes missões no estrangeiro, falaram os rotarianos Alm. Dodsworth Martins, Ministro da Marinha, recém-chegado dos Estados Unidos, e o Sr. Carlos Luz, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, que acaba de regressar da Argentina. Ambos fizeram uma exposição a respeito das importantes missões

de que se haviam desincumbido, recebendo, afinal, calorosos aplausos.

O Sr. João Neves da Fontoura recebeu, na mesma oportunidade, o símbolo de rotariano, na qualidade de sócio honorário do Rotary Clube de Lisboa, o que motivou que S. Excia. pronunciasse, no seu agradecimento, emocionante voto pela paz do mundo.

Este flagrante foi tomado durante a memorável reunião, vendo-se o Sr. Brandão de Oliveira ao lado do Sr. Presidente da República.

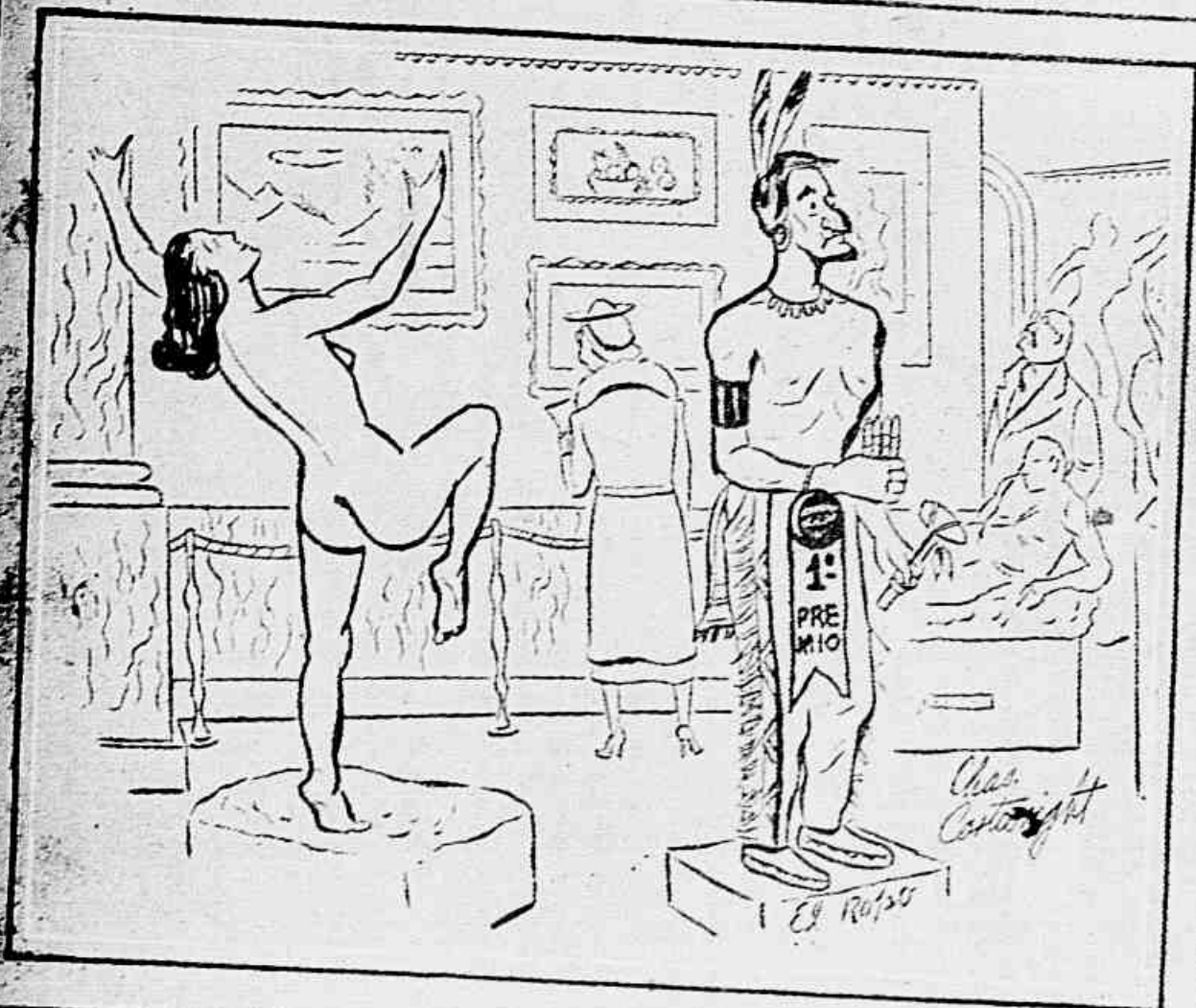


ASILO PARA VELHICE DESAMPARADA



DE BOM HUMOR

— Doutor, é bom o senhor examinar direitinho a certidão de idade desse aí...



MATERNIDADE



VACILOU AO ACEITAR O SEU PRIMEIRO CONTRATO

INGRID BERGMAN, a adorável estrela premiada pela Academia, que figura no papel principal do magistral filme Selznick International "Quando Fala o Coração", estava muito ocupada para prestar a devida atenção, quando Hollywood bateu pela primeira vez à sua porta para oferecer-lhe a grande oportunidade sonhada por todas as artistas. Quando chegou uma chamada telefônica diretamente dos Estados Unidos à sua residência em Estocolmo, ela estava fisicamente incapacitada para atendê-la.

Katherine Brown, editora da Selznick International, que havia falado a David O. Selznick a respeito do excepcional talento artístico de Miss Bergman, depois de tê-la visto atuar em um filme sueco, soube a razão pela qual Miss Bergman não havia podido responder ao telefone quando, por ordem de Mr. Selznick, desembarcou naquele país escandinavo.

"Eu estava muito ocupada", disse Ingrid, talvez receando ser tachada de descortês. "Quando o telefone tocou... eu ia ser mãe". Jamais houve uma razão mais poderosa que essa.

Em sua vida privada, Ingrid é a sra. Peter Lindstrom, esposa de um proeminente médico que exerce sua profissão atualmente no Hospital Stanford Lane, de São Francisco.

Depois de uma longa conversa com Miss Brown, Ingrid resolveu experimentar a sorte em Hollywood, abandonando o glorioso futuro que lhe estava assegurado no cinema sueco.

Sua primeira película em Hollywood foi um estrondoso sucesso. Vieram, em seguida, muitos outros, em que o seu prestígio artístico continuou em absoluto ascenso. Mas, ainda restavam novos êxitos, que ela conquistou com filmes do calibre de "Casablanca", "Por Quem os Sinos Dobram", "À Meia Luz" e outros.

Na produção Selznick Internacional "Quando Fala o Coração", dirigida por Alfredo Hitchcock e distribuída pela United Artists, ela caracteriza uma alienista que salva a vida de um homem (Gregory Peck), acusado de assassinato e que deveria ser sentenciado à morte, por um crime supostamente cometido por ele.

Ingrid Bergman nasceu em Estocolmo e estudou durante onze anos no Liceu desta cidade, escola que se especializa no ensino de idiomas. Hoje ela fala inglês, sueco, francês e alemão — com excelente domínio de todos eles. Atuou, antes de ir para a Meca do Cinema, na Califórnia, em vários filmes suecos.



INGRID BERGMAN TEMIA HOLLYWOOD

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL



Ela

"BRILHA" SEMPRE !

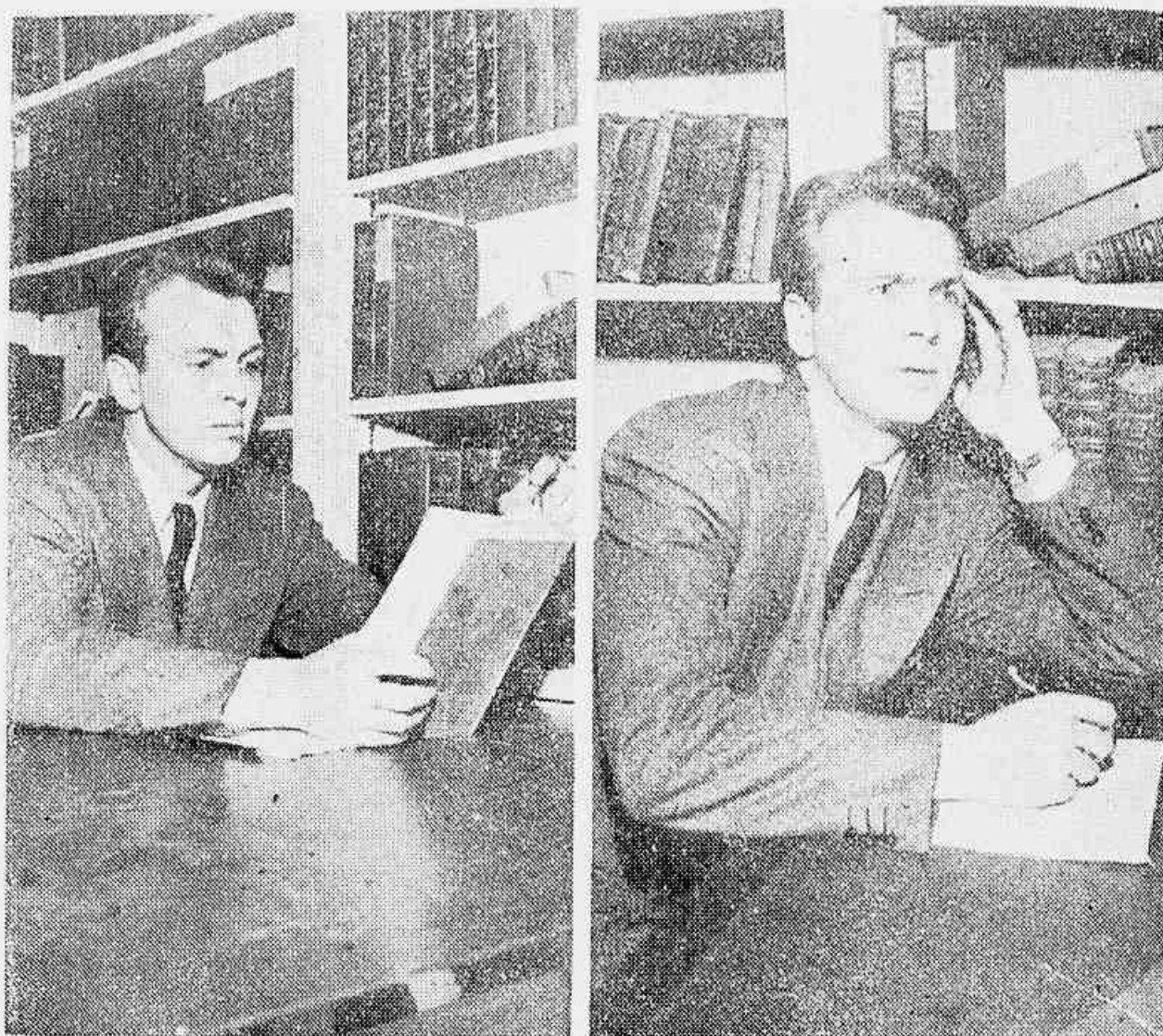
Em todas as atividades, ela brilha sempre porque a par do apuro no vestir, mantém seus cabelos bem penteados, brilhantes, sadios e juvenis. E consegue-o usando Brylcreem que dá brilho, fixa sem emplastar, permitindo repente. Brylcreem tonifica a raiz do cabelo evitando a caspa. Isento de goma, amido, alcool e sabão. É produto positivo e científico! Experimente após o permanente. Brylcreem comprado, cabelo penteado!

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TONCO FIXADOR DO CABELO

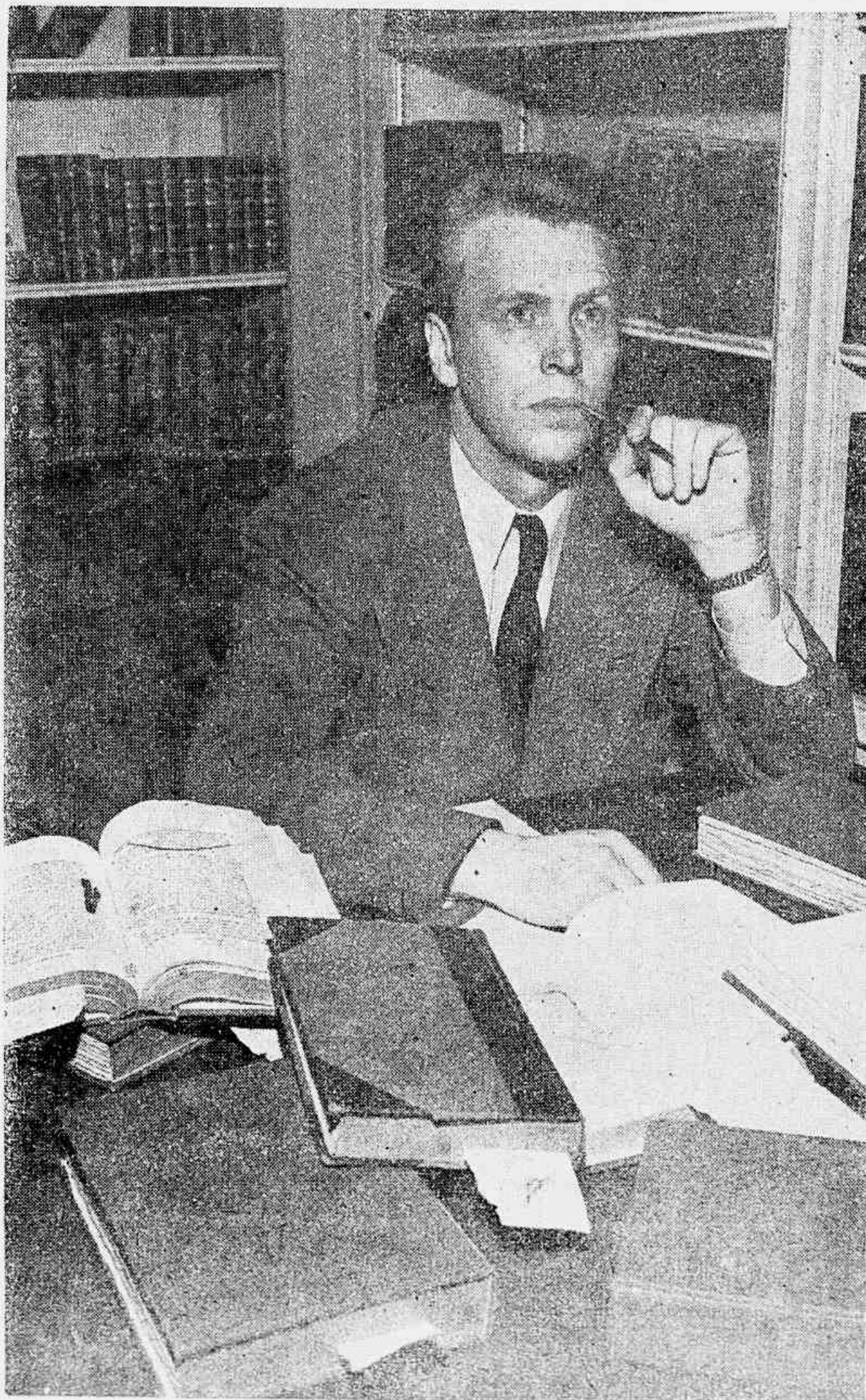
ERA UMA VEZ...



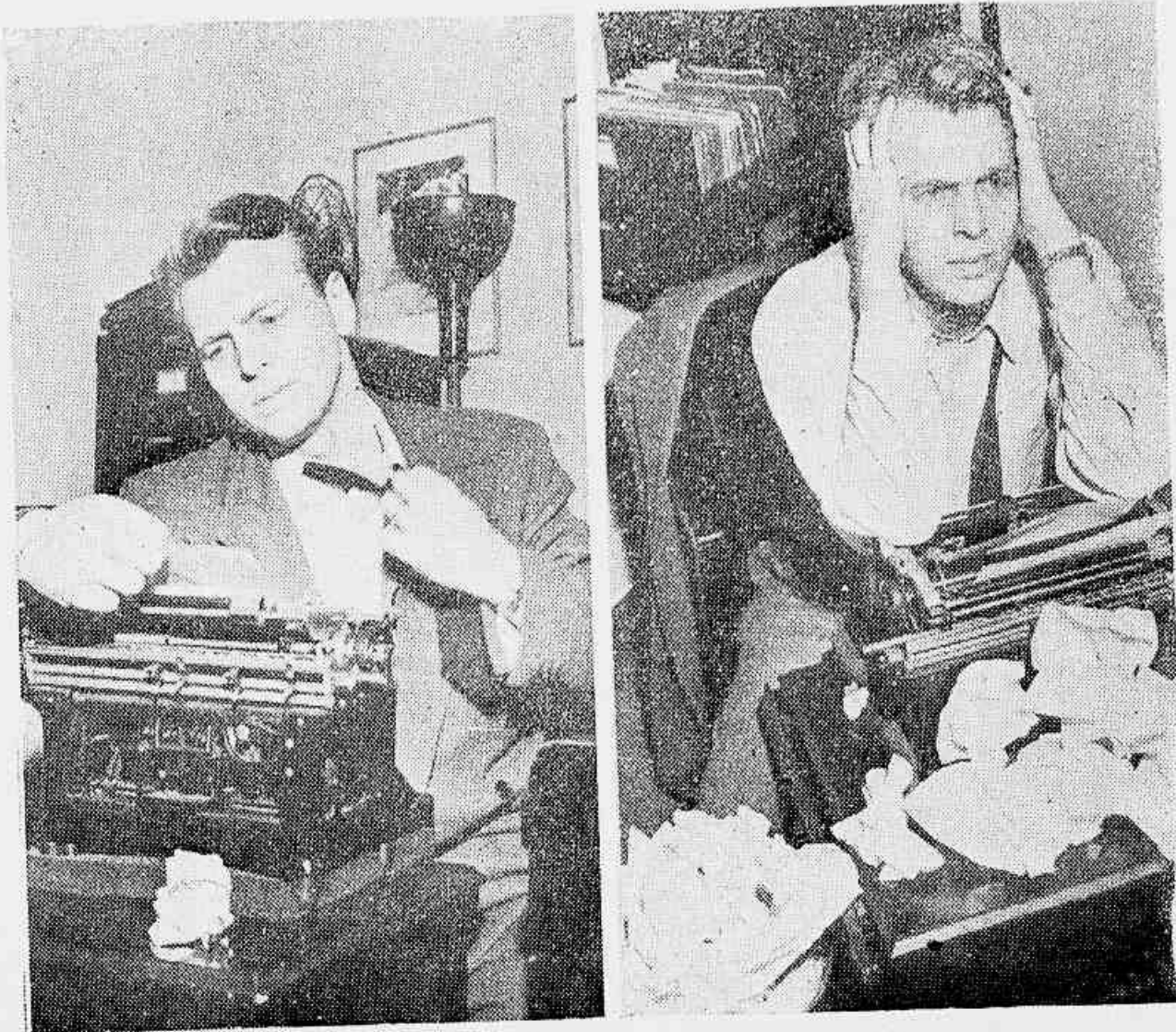
— EUREKA! O rapazinho teve uma idéia para um romance! (Não digam a ninguém que ele a teve lendo um romance de outro — mas assim fazem tantos...)

— BONITO! A idéia é "do barulho", mas o rapazinho não sabe como passá-la para o papel! Que tal se a mocinha fosse pobre... Não! Não estou gostando!

— DIABO! Parece que escrever um romance não é tão fácil quanto ler outro romance! Sim, talvez estes apontamentos recolhidos de vários livros, ajudem! Que mal pode existir em reforçar a inspiração com o pensamento dos outros? Bem, Vamos lá. Mary apaixonou-se por John, quando ambos se conheceram no High School...



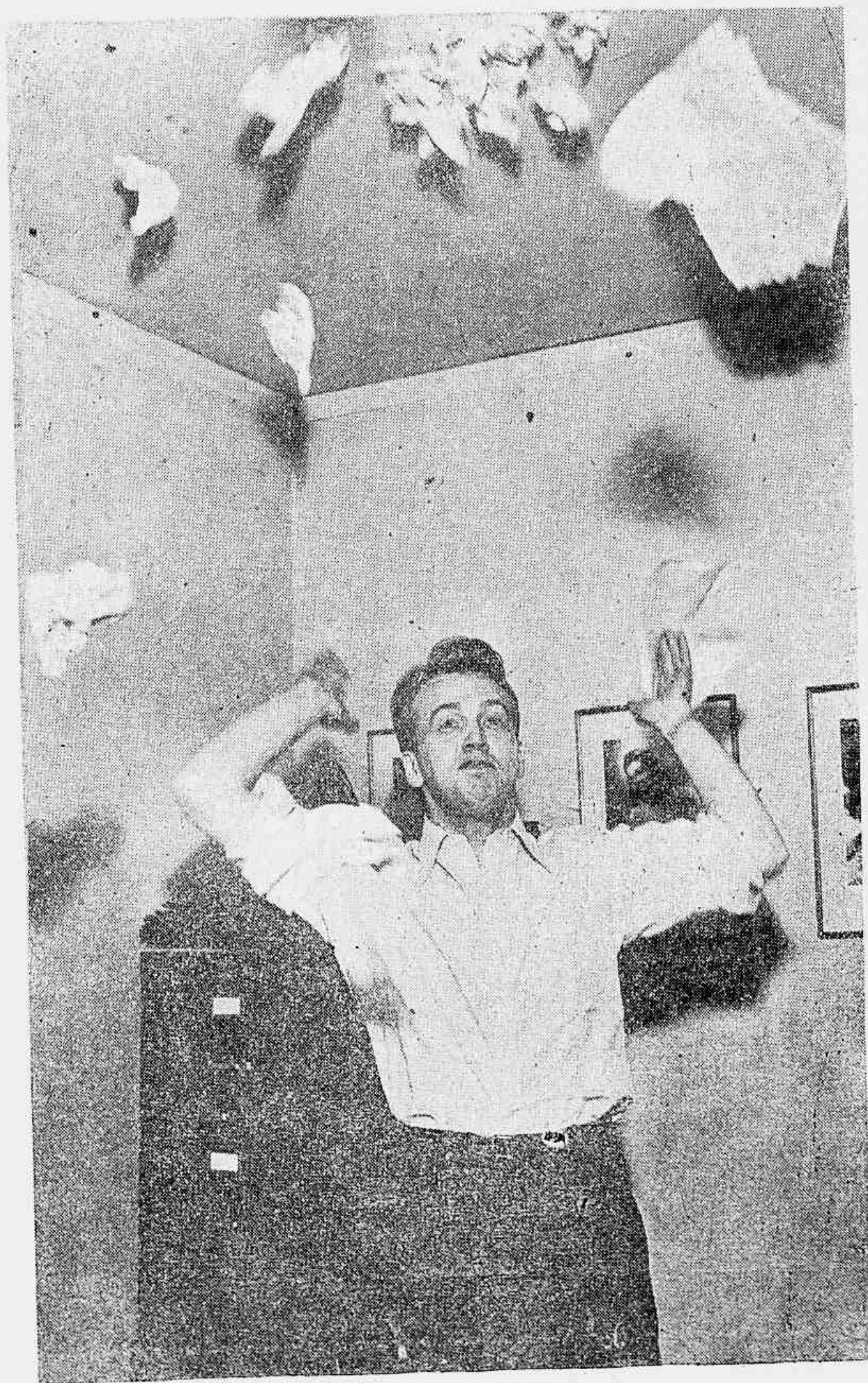
UM ROMANCE



— QUAL! Quando a gravata e o colarinho começam apertando o pescoço do escritor, é porque as idéias não estão saindo com muita facilidade. Que calor!

— E AGORA? Tanto papel inutilizado... e nem uma página ainda se aproveitou! Mary e John não há maneira de se enamorarem. Que tal um vilão aparecendo?

— BOIAS! — E o rapazinho desiste de uma vez por todas. Qual romance, qual Mary, qual John, qual carapuça! Ele quer é tornar-se "astro" cinematográfico... E acabou-se a história! (Pôses de John Lund, escritor de argumentos, que agora vem de ser experimentado em um filme, como intérprete para a Paramount, com Olivia de Havilland).



PRÍNCIPE DE GALLES

QUE CHARUTO DE GOSTO BOM!

MAS... PARA PESSOAS DE BOM GOSTO!

Produto COSTA PENNA BAHIA BRASIL

CYMA

RELOGIO SEM IGUAL



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE AO SEU CABELO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agrada.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peca no nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40-Sob. Rio de Janeiro

Nome.....
Rua.....
Cidade..... Estado.....

A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD, junho (Por Louis Serrano) — O velho Lionel Barrymore andou em cartaz "extra", nestes últimos dias, por motivo do filme sobre a bomba atômica ideado pela Metro. Teria sido ele escolhido para viver a parte de Franklin Delano Roosevelt, e embora em outros tempos Mr. Barrymore fôsse adversário político do sauloso presidente, não se importaria de agora encarnar a sua figura na tela, se não viesse a saber-se que talvez a escolha recaísse no intérprete do "dr. Gillespie", só pelo fato de ser também paraplégico das pernas, facilitando assim o desempenho do papel. De rosto e de corpo, é fora de dúvida que Lionel Barrymore não tem semelhança com o físico de Roosevelt, e daí o início do conflito. Também a sra. Eleanor Roosevelt andou mencionada nos comentários dos jornais, e enfim, Mr. Barrymore parece que vai ser substituído.

★

Um acontecimento de magna importância em Hollywood nestes últimos dias: a morte do veterano William S. Hart, ator que os mais novos não conheceram, mas cujas criações prendem-se às evocações mais gratas da gente que já vai além das trinta "primaveras"... O velho William Hart faleceu com a idade de 77 anos, não tanto de qualquer enfermidade física, porém em consequência de uma série de aborrecimentos, sobre motivos de herança em que se envolveram pessoas de sua família. A morte do grande "cow-boy", contemporâneo de William Farnum e de George Walsh, embora muito mais velho do que ambos, foi sentida e chorada bastante.

Aqui estão as primeiras fotos de Dorothy Lamour, que trocou o sarong pelo vestido de baile e assim se apresenta em "Festival no México". Não teve o dançarino grandes apuros para executar com a "estrela", os mais difíceis passos mexicanos, porque a aluna era de fácil aprendizagem e muito talento... nas pernas... Ao que se diz, novos destinos se abriram para a carreira de Dorothy Lamour depois desse filme.





Mitchel Leisen, o diretor de "Suddenly it's spring", ensina alguns passos novos a Paulette Goddard (gravura ao alto, à esquerda), para mostrar que ainda é bom na valsa... — À direita, outra bailarina — Vera-Ellen — oferece bonbons ao garoto Tommy Ivo, num intervalo da filmagem de "Carnival in Costa Rica". — À esquerda, em baixo, Peggy Ann Garner (como cresceul), prepara-se para filmar "Home Sweet Homicide", e, finalmente, Barbara Stanwyck pronta para posar a heroína de "California", com Ray Milland e Barry Fitzgerald.

Romance Vitoriano

(Continuação da pág. 34)

— Nunca, nunca eu poderia esperar que você me amasse. Mas, agora que me confessa isso, me manda embora!...

— Não posso casar-me com você. Que diriam meus filhos se me vissem casada com um homem que tem quase a idade deles!

— Mas é justo sacrificar tanto pelos filhos?

— Não sei. Minha vida foi toda construída em torno deles. Não posso tomar uma decisão dessas.

— Mas...

Fôram inúteis todos os apelos. Em vão ele tentou se rebelar contra aquela decisão inabalável. Ela não cedia. Nem poderia ceder, dentro do ponto de vista implacável em que colocara a questão.

Ele afastou-se. Foi para o Sudão e lá, na guerra, feriu-se.

O general Park me contava essa história, uma tarde, no jardim florido de uma propriedade senhorial. O gramado se estendia até perder-se de vista. As árvores, de troncos bem tratados, se interpunham, a intervalos regulares, entre a varanda e

o fundo da paisagem, a linha do horizonte que se esboçava, em tonalidades róseas. A tarde caía, lentamente.

Eu ouvia em silêncio essa história, e refleti na diferença extraordinária de duas mentalidades, dois países tão próximos e tão distantes, ao mesmo tempo. Na França, esses impulsos grandiosos talvez pudessem ter ocorrido no tempo de Madame de Lafayette, quando a Princesa de Cleves tinha alguma coisa de Louisa Whitney.

— E como terminou a história, general?

— Como terminam todas as

histórias? A vida continua até chegar a morte...

— Lady Whitney faleceu?

— Não. Vive ainda. Mora perto daqui.

— Deve ser muito idosa...

— Tem noventa e dois anos.

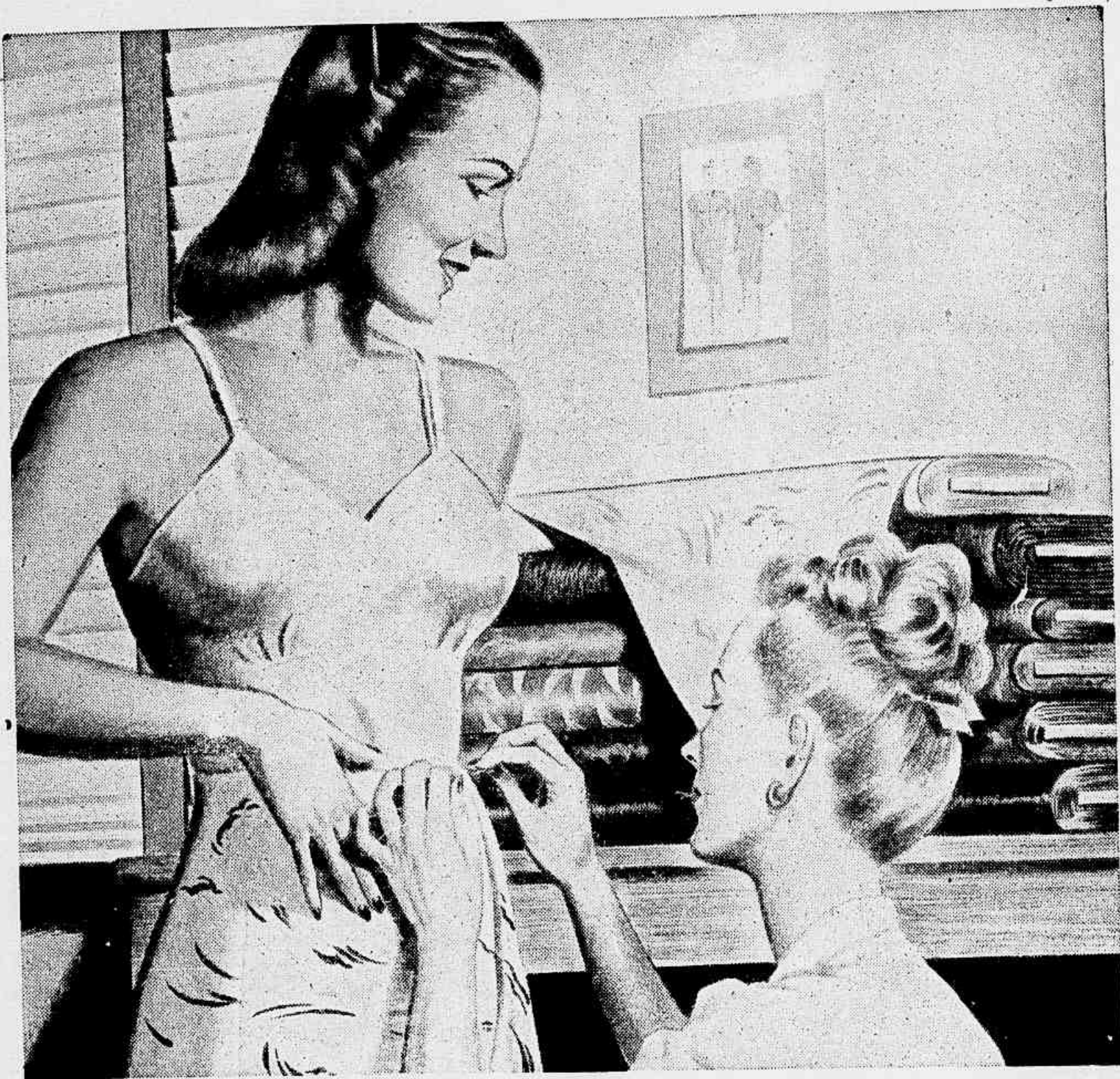
— Tinha vontade de conhecê-la.

— Leva-lo-ei lá, qualquer dia.

No dia em que fui apresentado a Lady Whitney senti-me como quem penetra numa outra época. Ela deu-me a mão a beijar, com um gesto elegante, sem esforço e ao mesmo tempo cuidadosamente estudado. Ao seu lado, o general Parks, bem mais moço, mostrava-se solícito. Entretanto, a gôta o estava alcançando, também. O general quis se abaixar para apanhar uma colher que caíra e não conseguiu. Lady Whitney sorriu:

— Estamos ficando velhos, meu querido amigo!

Somente muito tempo mais tarde eu soube que Ted Grove era o general Parks. A notícia veio como um choque. Mas só então compreendi realmente a história que ouvira. O general morava ao lado de Lady Whitney, sempre solícito, como um cavalheiro para protegê-la. Ela dizia-lhe amabilidades, em tom controlado. Velhos amigos... Que restaria ainda da antiga paixão naquelas duas figuras enrugadas, ele dobrado pela gôta, ela consumida pela idade, mas mantendo ainda alguma coisa da antiga graça e da beleza extinta?



McC

PETROLEO... Colaborador da Elegancia

Uma luva! E a jovem, satisfeita ao experimentar o novo vestido, nem sabe que, além dos dedos ágeis da costureira, o petróleo contribuiu também para sua elegancia. Sim, pois é grande a intervenção do petróleo na indústria textil moderna. Um solvente de nafta limpa a graxa da lã bruta. O rayon e a lã são tecidos com maior perfeição quando suas fibras levam uma leve camada de óleo. E as fazendas, depois de prontas, apresentam então melhor aparência, com mais fino acabamento. São estas algumas das muitas contribuições da Organização Esso para o conforto quotidiano... e também uma das muitas razões porque Esso lidera a indústria petrolífera desde 1870.



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE.

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo **CATALOGO de OCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fosse pessoalmente pelos nossos técnicos.

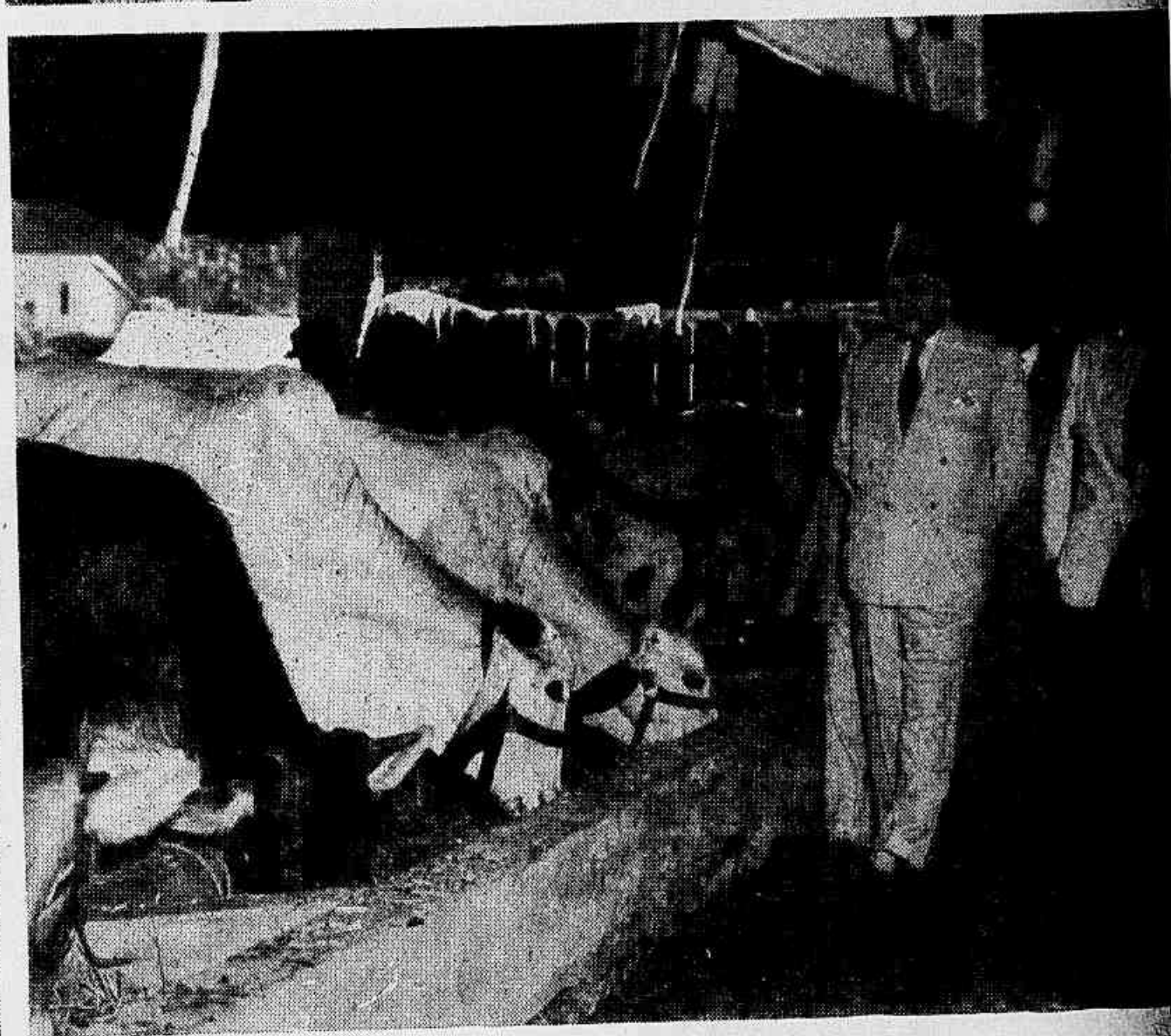
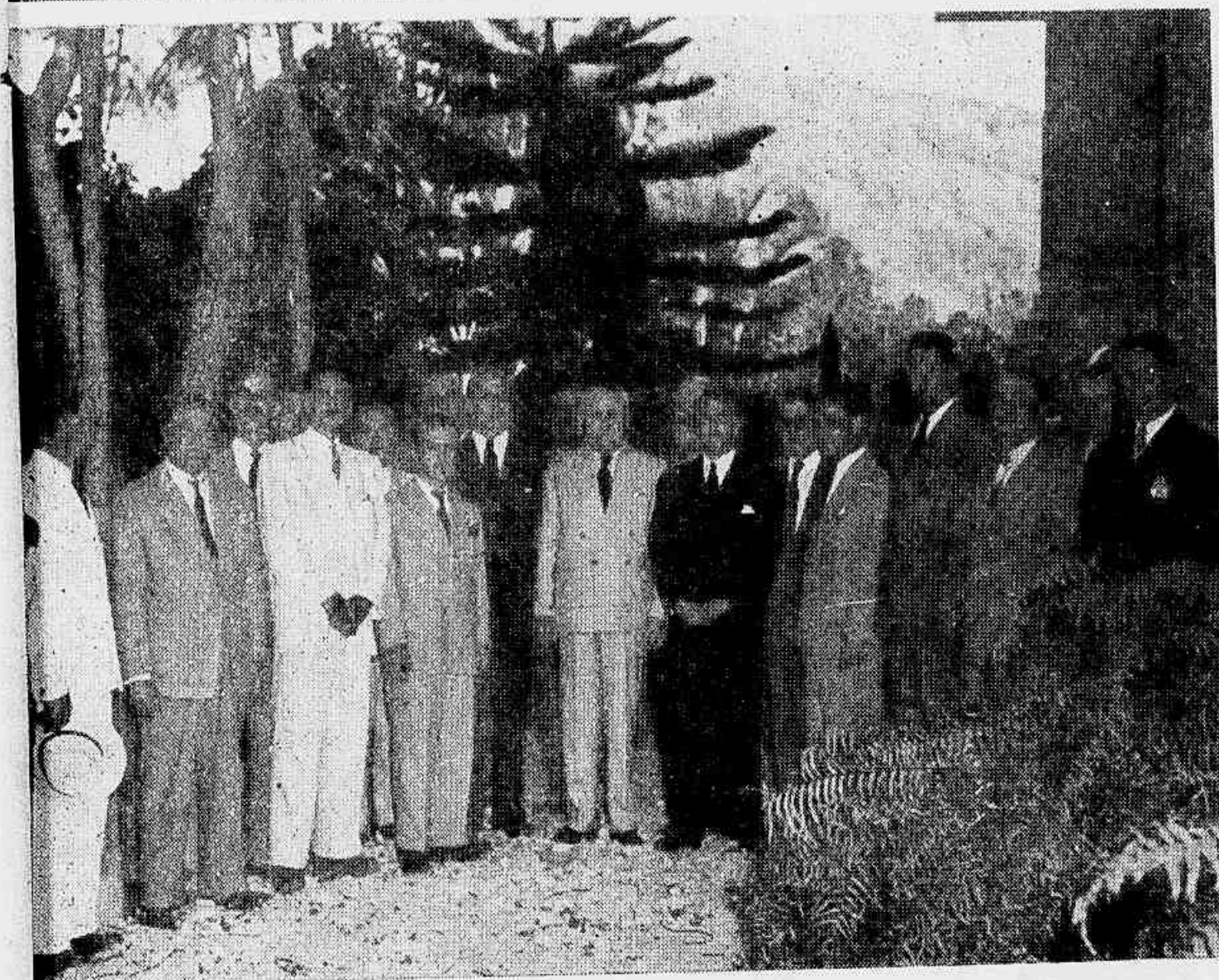
LUTZ FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente calibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATALOGO GRATIS À



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 83 - RIO DE JANEIRO



ASPECTOS da excursão à Leopoldina (Minas Gerais) do presidente Eurico Dutra. Foi essa a primeira excursão de S. Excia. ao interior. O povo de Leopoldina, onde se realizava a 10.^a Exposição Agro-Pecuária, ficou muito grato ao Presidente, havendo a multidão, que para ali fluíra de todos os municípios da Zona da Mata, feito ao Chefe da Nação calorosas manifestações. O ministro Carlos Luz, que acompanhara o Presidente, agradeceu em seu nome, tendo realçado, ao mesmo tempo, o que exprimia para Minas Gerais o gesto do Presidente em sua visita à Leopoldina. Vemos a recepção aos prefeitos da Zona da Mata, pelos quais falou o prefeito Levindo Ozanan Coelho, tendo o prefeito Osvaldo Vieira interpretado os sentimentos dos leopoldinenses. O Presidente e sua comitiva composta, entre outros, do srs. Ministro da Agricultura, drs. Neto Campelo, Oscar Fontenelle, diretor geral do D.N.I., Hugo Meira Lima e Luiz Maranha, respectivamente, chefe e oficial de gabinete do Ministro da Justiça, almoçaram na residência do dr. José Ribeiro dos Reis. Em seu percurso até Leopoldina, o Presidente foi alvo de manifestações de apreço e grande estima por onde passava; assim, em Além Paraíba e em Sapucaia, onde falou o dr. Carlos Roberto de Aguiar Moreira inaugurando, na Prefeitura, um bronze, em homenagem ao Chefe da Nação. No discurso que, em Leopoldina, proferiu sob entusiásticas aclamações, o Ministro Carlos Luz disse do significado, para Minas, especialmente para Leopoldina e a Zona da Mata, de terem sido escolhidos pelo Chefe do Governo para sua pri-

O PRESIDENTE EURICO DUTRA EM SUA PRIMEIRA EXCURSÃO AO INTERIOR DO PAIS

meira visita. "S. Excia., com o espírito voltado para o Brasil, haveria, com o seu patriotismo, a sua visão de estadista e nobreza de caráter, de solucionar os graves problemas da hora atual vencendo as dificuldades que encontrara e não criara."



Casacos modernos

- 1 — Casaco comprido de lã amarela, de corte bastante original. Mangas "raglan" moderníssimas.
- 3 — Casaco "três-quartos" em lã bege, com mangas japonesas, bolsos embutidos e peles na cltura do cotovelo. Grande "cabuchon" na original gola.
- 2 — Casaco de lã escura, cintado, com enfeite de pele e mangas japonesas.
- 4 — Casaco de lã trêto, gola alta, recortes, mangas largas e prêsas aos pulsos. Amarrado na frente formando pontos.
- 5 — De grande efeito é este casaco de lã claro, com bordados em "soutache" prêto. Manga larga, cinto do mesmo tecido.

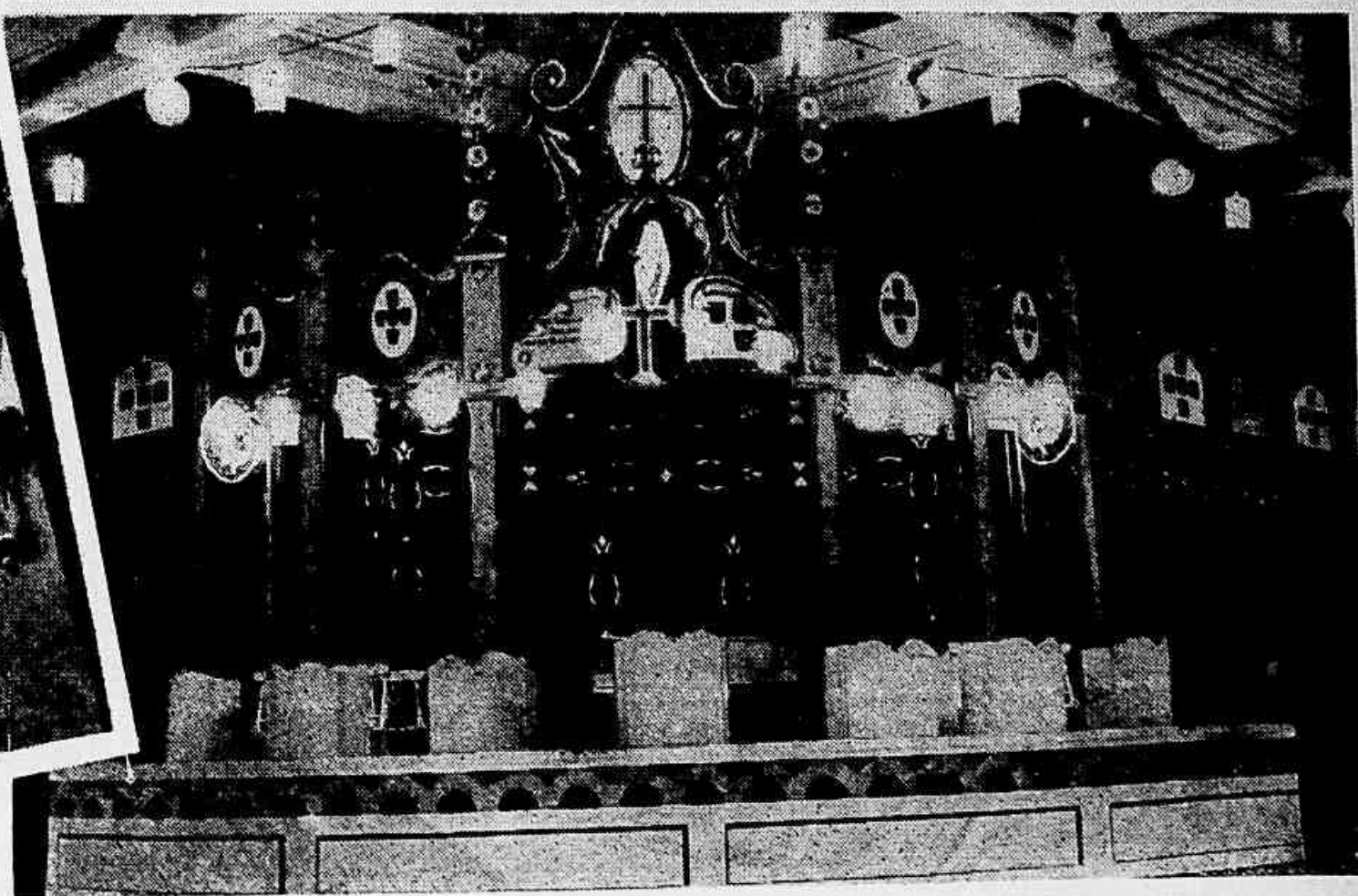
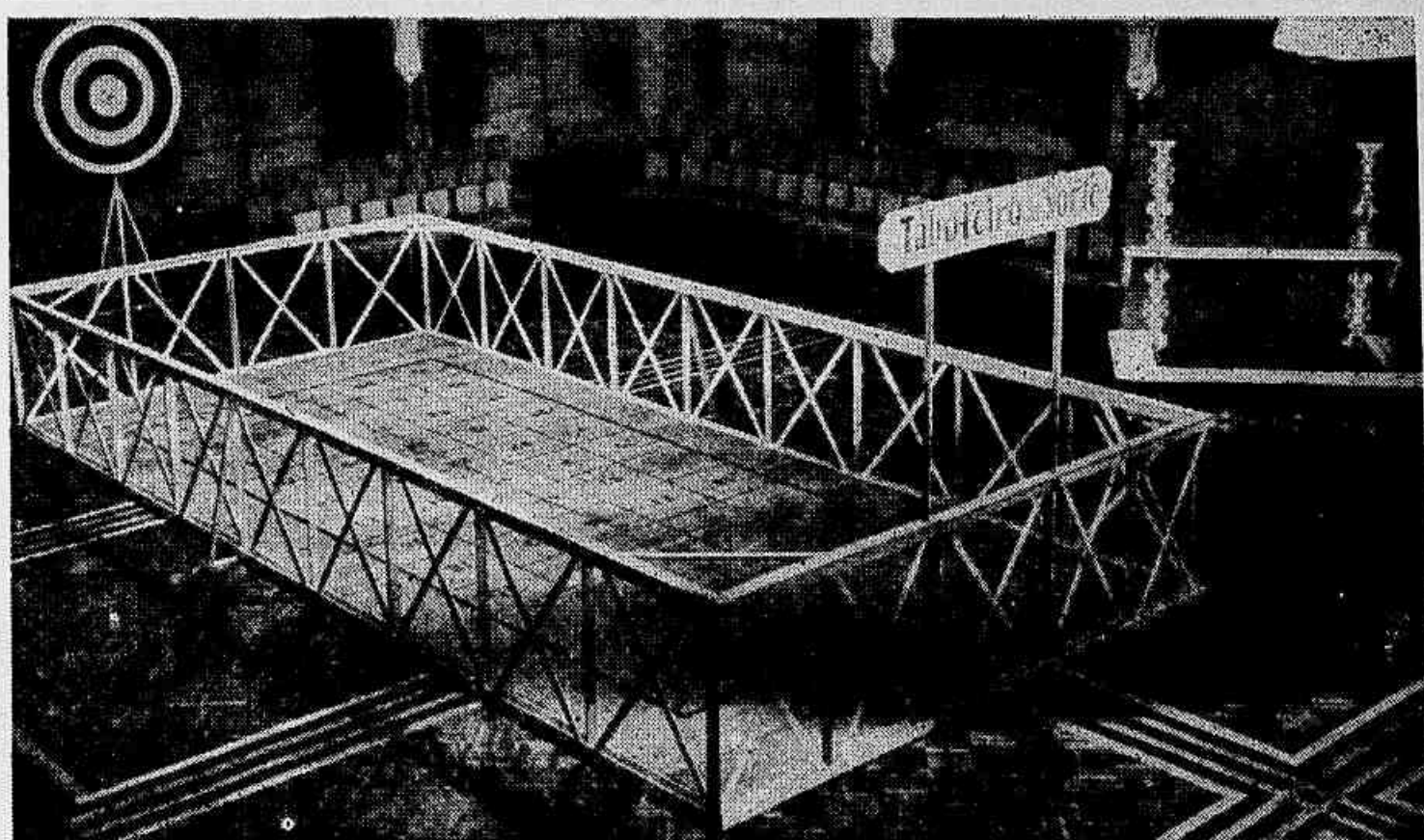




Em continuação ao programa de diversões que o Club Ginástico Português vem apresentando aos seus associados, realizou-se no dia 23 do mês p. passado, nos salões do conceituado clube, a sua tradicional festa junina, à qual compareceram figuras destacadas da sociedade carioca, transcorrendo os folguedos, como sempre, num ambiente de alegria e distinção.

Estampamos nesta página diversos aspectos da magnífica ornamentação e um sugestivo flagrante da assistência, colhidos pela objetiva da REVISTA DA SEMANA.

NOITE JUNINA NO CLUB GINASTICO PORTUGUÊS





SEAGERS
(DIGA SIGA)
DESDE 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

M U S I C A

Very Good, Belarski!

Em recital cujo programa constava principalmente de canções israelitas, apresentou-se ao público carioca, este ano, o cantor russo Sidor Belarski, que já estivera aqui no ano passado, participando da temporada lírica, em papéis de menor destaque.

O baixo revelou boa escola, voz agradável, e sobretudo uma qualidade expressiva excepcional, que ressaltou nas canções russas e israelitas. Já em inglês e mesmo nas árias de ópera que ele incluiu, em italiano, o Lacerato Spirito, do Simon Bocca-

nera de Verdi, a Calunia do "Barbeiro de Sevilha" de Rossini, ele estava menos à vontade. Não sei se foi simplesmente em virtude de sua situação no programa, porém a interpretação que ele deu aos dois trechos me pareceu faltar acabamento: um tanto precipitada, faltou-lhe uma voz mais repousada, indispensável para que todo o conteúdo da música fosse devidamente exteriorizado.

Constituiu uma nota excepcional a confraternização entre o cantor e a platéia. Durante o concerto, um marinheiro ame-

ricano levantou-se entusiasmado e berrou:

— "Very good", Belarski! (Muito bem, Belarski!)

O cantor, imperturbável, limpando a testa com um lenço, retrucou:

— "Thank you".

E prosseguiu.

Mais tarde, ampliou-se o diálogo entre os ouvintes e Belarski. Terminado o programa anunciado, houve uma série de extras: todos queriam ouvir sua preferida e pediam, a altos brados, a canção desejada. Belarski satisfazia, na medida do possível, as solicitações. E o recital se prolongava. Quando saímos, ainda ele estava interpretando, em yiddish, uma melodia simples e comovente. O povo ouvia, encantado.

—:—

Alexandre Borovski, antes de partir, deu mais dois concertos, além do recital dedicado aos sócios da Cultura Artística. O famoso intérprete de Bach ofereceu a um público entusiasmado, não só obras do compositor alemão como algumas páginas de russos contemporâneos como Prokoffief e Stravinski, exteriorizadas com brilho e segurança.

E' verdade que, em Borovski, já se nota que os anos que vão passando pesam-lhe um pouco. Seria injusto, porém, negar que ele conserva ainda a mesma segura intuição interpretativa, a mesma riqueza de sonoridades, o mesmo dinamismo, como ficou amplamente demonstrado quando executou a parte final de Petrushka.

—:—

O maestro Eugene Ormandy recebeu os representantes da imprensa em cordial palestra, depois de um dos ensaios com a orquestra Sinfônica Brasileira, tendo tido ocasião de tratar da questão do programa de seus concertos e, manifestando sua alegria pela cooperação que encontrou por parte dos membros da orquestra a fim de facilitar-lhe o trabalho. O maestro Ormandy, um dos regentes mais famosos do mundo, regerá uma orquestra nacional pela primeira vez.

Roberto Lyra Filho



Sim! Mas isto não acontece se a costura é feita com **PURA SEDA**. Evite aborrecimentos. Use somente retrôs de **PURA SEDA**. Todas as cores estão à venda nas boas lojas

SEDAS GUTERMANN S/A.
São Paulo - Caixa 3294

**Fabricantes da
melhor linha de SEDA
para coser.**

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379 - S. Paulo



Senhoras!
Se a
Natureza Falha
MENACOL
REGULA!

A Maior Garantia de Qualidade.

Em todo o Brasil, de tal forma se firmou a fama de pureza dos produtos marca PEIXE, que não há dona de casa sábia que os dispense, pois conservam todo o sabor dos frutos de que são feitos, mantendo íntegra as suas preciosas qualidades nutritivas.



PRODUTOS MARCA PEIXE

Fabricados de frutos polposos e amadurecidos no próprio pé, selecionados em plantações próprias.

SUCO DE TOMATE - Delicioso e refrigerante. Rico em vitaminas A, B, C, e G.

EXTRATO DE TOMATE - Para o preparo de iguarias. Melhora o sabor dos alimentos.

PICKLES - Combinação de tenros legumes e finos condimentos. Estimula o apetite e alimenta.

KETCHUP - Produto para paladares exigentes. Conserva intactas as vitaminas que o tomate contém.

GOIABADA - Preparada sob processo exclusivos. Sobremesa ideal.

MARMELADA - Alimento leve, indicado para crianças e convalescentes.

★

Use em sua casa os produtos marca PEIXE... e sempre que for lançado um novo produto com essa marca, V. pode prová-lo na convicção de que é BOM!



PEIXE

CARLOS DE BRITO & LID

FABRICANTES DOS PRODUTOS MARCA PEIXE

O ALIBI

(Continuação da pág. 49)

Uma coisa, porém, o preocupava. Mentira com respeito ao divórcio. Não citara o nome de Nelson, o nome do culpado de tudo aquilo. Se eles descobrissem a verdade, seria um ponto a favor da polícia, contra ele. Por que fôra tão estúpido? A verdade é que, no momento em que ia pronunciar aquele nome, não tivera coragem. Sentiu que ia revelar tudo, se dissesse que a esposa queria casar-se com outro, com Nelson.

Parece que foi uma adivinhação súbita. Minutos depois, o detetive surgia na porta da sacada, com uma fotografia na mão. Num relance ele compreendeu: era de Nelson. Esquecera, na precisão dos detalhes do crime, de queimar a única prova de que a esposa não lhe fôra fiel e que havia um outro homem. Seu único recurso, naquele momento, era mentir.

— Conhece este homem? perguntou o detetive.

— Não. Onde estava isso?

— Na gaveta de sua esposa. Olhe a dedicatória: "À minha adorada, Nelson".

James deixou que sua fisionomia adquirisse uma expressão de espanto:

— Então era por isso que ela queria o divórcio?

Era impossível que o policial não tivesse sido enganado pela sinceridade que vibrava naquele tom.

— Sem dúvida.

James estava como que tonto. Aquela fotografia, surgindo à sua frente trazia a recordação das horas amargas da premeditação. Quando soubera que ela se apaixonara por outro, ficara como um louco, mas, certa vez, surpreendera-os abraçados. E desde aquele momento, planejara o crime. Sua natureza profundamente ciumenta não poderia suportar a idéia de que os braços de um outro homem houvessem estreitado sua mulher...

Aquêle crime, tão bem pensado e executado...

— Sabe quem é este homem? Conhece-o?

(Continua na pag. 54)

OS HOMENS MAIS FELIZES DO MUNDO

(Continuação da pág. 25)

mastigar cacos de vidro. A essa altura levantei-me e falei com o secretário do jornal. Perguntei-lhe se não queria fotografar o homem.

— Que fotografar, que nada! — gritou-me ele com maus modos. Com esse é o sexto sujeito que me aparece aqui neste mês comendo vidro e cacos de navalha!

—::—

Eu sou mesmo ingênuo nestes assuntos e tenho uma vasta admiração para gastar com todos estes casos miúdos, mas pitorescos. Eles não existem apenas no Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, é conhecido um tal Mr. Chase, que faz o seu ganha-pão precisamente comendo as coisas mais exquísitas do mundo.

E' um homem terrível, porque come cigarros como se comesse macarrão, devora esponjas com o mesmo apetite com que os mortais ordinários devoram uma couve-flor, come algodão de garfo e faca como se estivesse entrando num saboroso talharim, come cravos com sal como se fossem alcachôfras, engole fósforos como se estivesse comendo "crepe Suzette" e mastiga o próprio peitinho da sua camisa como se estivesse saboreando um "petit four". Esse Mr. Chase e aquele rapaz moreno, que outro dia me visitou na redação, parecem-me figuras extraordinárias, dignas de toda a inveja... Porque, nesta época de inflação, de vida cara e de escassez de alimentos, esses homens são, naturalmente, os mais aptos, os mais aparelhados para sobreviver...



A LUZ QUE SEMPRE BRILHA

DE mãos dadas pelo longo caminho... Iluminado pela luz eterna que mora no coração dos homens: a luz da Esperança.

Que esperam essas crianças que caminham para o Futuro? Terão elas um caminho suave e seguro? Ou lhes será árdua e terrível a jornada?

O futuro é a educação... o direito de trabalhar no ofício de seu gosto... de garantir-se pela Cultura — de um lugar de destaque no meio dos outros homens.

O senhor pode assegurar-lhes essa Educação que dá o triunfo e a segurança.

Um SEGURO DE EDUCAÇÃO garante o custeio dos estudos de seu filho facilitando-lhe, mensalmente, a importância necessária ao pagamento do colégio, livros, etc.

Há 40 anos servindo a família brasileira, a Cia. PREVIDÊNCIA DO SUL oferece-lhe excepcionais garantias. Realize por intermédio de um de seus agentes o SEGURO DE EDUCAÇÃO de seus filhos. Garanta-lhes uma suave caminhada pelo longo e misterioso caminho da vida.



CIA. DE SEGUROS DE VIDA

PREVIDÊNCIA DO SUL

— 40 ANOS DE DEVOTAMENTO AOS LARES DO BRASIL —

PORTO ALEGRE
Andradas, 1049 (Sede)

B. HORIZONTE
R. Rio de Janeiro 418.

R. DE JANEIRO
Candelaria 9, 9.º

SÃO PAULO
Bonifácio 93, 5.º

SALVADOR
Chile 25/27, 4.º

CURITIBA
15 de Nov.º 300, 2.º

RECIFE
Av. 10 de Nov.º 50, 3.º

CORTINAS
"AMERICANAS"
PARA JANELAS - PORTAS - VARANDAS
ORÇAMENTOS GRATIS
FABRICA
RUA SACADURA CABRAL, 291
Tel.: 43-0026



Um GUIA GRATIS para SUCESSOS CULINÁRIOS!

- É o novo livro "Receitas com Maizena Duryea", onde encontrará 74 receitas variadas, saborosas e para todos os paladares.



Ué, outra vez o meu ESTÔMAGO!

• Não sofra inutilmente, quando é tão fácil recuperar a saúde com os Papeis Bankets. Em poucos dias poderá comer de tudo, sem receio. Experimente-os, serão a sua salvação!

AZIA - DISPEPSIA - MÁ DIGESTÃO - MAU HÁLITO
FLATULÊNCIA - LÍNGUA SABURROSA - DORES
DE ESTÔMAGO - ÚLCERAS DO ESTÔMAGO

PAPEIS BANKETS

REVISTA DO COMÉRCIO

**E' O ÓRGÃO DAS
CLASSES PRODUTORAS**

Mensário
magnificamente
ilustrado
com mais de
100 páginas.

Publicidade e assinatura -- 23-0601

O MELHOR ROTEIRO ECONÔMICO DO BRASIL

TEATRO

Entramos no mês forte da temporada, quando todas as casas de espetáculos — e não são muitas — se encontram funcionando com regularidade, ou em vespas de reabertura. Apenas o Regina, porque suas obras estão demorando, não tem ainda marcada a data da estréia de Dulcina-Odilon. Sabe-se que Dulcina deve seguir em outubro para Buenos Aires, onde vai integrar um elenco portenho, motivo por que começa a afirmar-se, não teremos este ano, pelo menos, a peça de Genolino Amado "Avatar". Mas ainda pode acontecer que também o Regina seja entregue ao público, embora para uma temporada mais curta daquele casal de artistas.

Na semana próxima, reabrirá o Ginástico para a temporada de "Os Comediantes", subindo à cena a peça "Desejo", de Eugene O'Neill, na qual reaparecerá a atriz Olga Navarro, há pouco chegada de Itália.

O elenco de "Os Comediantes", para a peça inaugural, também inclui Ziembinski, Sandro Polloni, Orlando Guy e o jovem Jardel, filho do saudoso Jardel Jercolis e de Lodia Silva.

Nos teatros Serrador, Gloria, Rival e Fenix, continuam seus espetáculos comuns, as companhias Eva, Jaime Costa, Déa-Cazarré e Bibi Ferreira.

E no setor do teatro musicado popular, o momento não tem sido menor. A companhia dirigida por Chianca de Garcia, com as "girls" da Urea, mesmo constituindo um espetáculo demasiado luxuoso, mercê das montagens anteriormente realizadas naquele "night-club", tem



Olga Navarro, protagonista da peça de O'Neill, "Desejo", com a qual vão estreiar no Ginástico, "Os Comediantes".



Maria Sampaio, tal como apareceu em "A Família Barrett", que está organizando, com Nelson Vaz, seu novo elenco.

ainda em cartaz a fantasia "Sonho Carioca", enquanto no Recreio, Walter Pinto oferece ao seu público a revista "Não sou de briga", e ultimam-se os ensaios da "Babel", como foi denominada a outra companhia de revistas, essa com Mesquitinha à frente, destinada ao Republica. Sua estréia será feita ainda nesta quinzena, com a revista de Luiz Peixoto "Alvorada do Brasil".

Finalmente, no João Caetano, estão agora Vicente Celestino e Gilda Abreu, realizando uma série de espetáculos populares, com a peça de autoria do primeiro, "Coração Materno".



Ainda que a preços elevados, muito superiores aos das temporadas primitivas, pode dizer-se de um modo geral que todas as companhias ora funcionando no Rio, tem seu esforço compensado. O público habituou-se a pagar mais, desde que também o cinema, espetáculo outrora eminentemente popular, está hoje se abeirando dos dez cruzeiros por poltrona. E o interesse do carioca pelo teatro, desenvolveu-se de modo extraordinário nestes últimos anos. Dir-se-ia que a guerra com o seu cortêjo de efeitos dramáticos ainda não desaparecidos, tenha contribuído para essa necessidade de "pão de espírito" que se faz sentir no nosso público, embora nem sempre o "pão" seja do melhor trigo. Estamos, porém, vivendo o tempo das misturas, e não há porque surgirem as reclamações...



Pelos Estados, outras companhias vão realizando excursões proveitosas. Procopio e Alda Garrido deram espetáculos simultaneamente, me Porto Alegre, e as notícias dali recebidas são animadoras. Também se informa que, de volta ao Rio, Procopio está disposto a realizar teatro mais elevado, projetos igualmente alimentados por Darcy Cazarre, que em entrevista concedida aos nossos confrades do "Diário de Notícias", reconheceu estar em decadência — e já está tarde! — o gênero "chanchada". — C.



Lavender — TÃO FRESCA, TÃO CHIQUE!

Brilhante como uma réplica inteligente, fragrante como a lembrança dos dias que jamais podem ser esquecidos — eis o que é a "English Lavender de Yardley"! Parece conter a própria essência da alegria e da expansão, fazendo-a sentir-se gloriosamente viçosa e radiante. E com que sutileza ela sussurra que você é tão encantadora como o perfume que escolheu!

Yardley
de Londres



YARDLEY, 33 OLD BOND STREET, LONDON

AGENTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL
LEO L. PROCHOWNIK
Rua Sorocaba, 35 ★ Rio de Janeiro



INAUGURAÇÃO DE "LYS" — Realizou-se nos últimos dias do mês p. passado, a inauguração de LYS, moderna e atraente loja do ramo de bijouterias e artigos finos para presentes, luxuosamente instalada na Avenida Rio Branco, 120 — Galeria dos Empregados no Comércio — loja 28. A cidade pode, assim, orgulhar-se de possuir mais um estabelecimento comercial à altura do seu progresso, contando também o mundo elegante feminino carioca com uma casa perfeitamente aparelhada para servir ao seu bom gosto e atender às exigências da moda. A fotografia que acima estampamos foi colhida por ocasião do ato inaugural, vendo-se nela diversas senhoras da nossa sociedade, prestigiosas figuras do nosso meio comercial e representantes da imprensa

Uma noite no Rio

(Continuação da pag. 21)

ver a máquina do fotógrafo, apertou o acelerador. Dentro de poucos minutos o carro deslizava no asfalto da "beira-mar". Glória, Flamengo (e o Parque da Mocidade já estava apagado, silencioso...), Botafogo. O panorama noturno dessas praias adquiriria, à noite, um encanto especial. Tudo iluminado. Os reflexos dos lampeões molhavam-se nas águas da Guanabara... A cidade parecia dormir — com os olhos abertos. Calma. Paz. E quando passávamos por Botafogo, pusemo-nos a meditar...

Com o fechamento do jogo, o Rio ficou privado dos "grills" luxuosos que o público frequentava com prazer, por preços baratíssimos — sem contar, é claro, o que a Roleta e o Bacarat lhes cobrava por fora... Havia ótimos cantores, boa comida, um belo "show", ricamente montado, e que os críticos faziam questão de diminuir. Mas agora...

— Bem feito. Acho que o jogo devia ser mesmo extinto. Era um grande mal!

— Não resta dúvida. Mas hoje ninguém quer pensar em construir um "night-club", sem a vantagem que a jogatina antes oferecia. Dizem que não dá margem. Talvez...

Sem intuito de comparação, na Argentina, as casas comerciais permanecem de portas abertas durante a noite, até o amanhecer. Os empregados são divididos em dois turnos, podendo, qualquer pessoa, efetuar uma compra a qualquer momento. O movimento não cessa. As luzes não se apagam. E tudo porque há vida noturna. Há "night-clubs" em quantidade, cabarés de luxo, cantores, orquestras e não há prejuízo... Nova York, Londres, e até Paris, depois da guerra, tornaram a acender as luzes. O povo quer distração — e sabe onde encontrá-la. Cidade Maravilhosa...

O carro sai do túnel e entra na Avenida Atlântica. O filete luminoso de lampeões estende-se ao redor da grande curva, num abraço amistoso e espetacular. Vários bares estão abertos, mas apenas dois oferecem música e dança. Cerram as suas portas à uma hora, ficando somente um até às três. Muita gente, contudo, acha que é em Copacabana onde a "vida" noturna do Rio é melhor. Há um hotel, também, com um luxuoso "grill" e uma "boite". Apesar de ser extinto o jogo, o ex-casino continua bem frequentado. Lá pelas três horas, Copacabana dorme. Silêncio.

Ao mesmo tempo, a essa hora, as ruas dos subúrbios já estão a sono solto, desde as dez. Depois que os namorados se despedem, nos portões das casas "delas", os raros cinemas mandam seus frequentadores para casa. No dia imediato terão de enfrentar os trens, bem cedinho, a fim de não ouvirem a voz do patrão reclamar o atraso... Desertas, lâmacentas, cheias de buracos, parecem dormir de boca aberta, debaixo de uma luz mais fraca. São os dois extremos da cidade.

Lá pelas quatro ou cinco horas, os primeiros homens que ganham a vida desde cedo, para dormirem uma noite tranquila, abrem as portas de seus botequins, ou puxam carroças para a entrega do leite — que não há... E juntamente com o nascer do sol, as empregadas se dirigem para as portas da padaria, formando filas enormes, para receberem o "pão nosso de cada dia"...

E assim acorda a cidade, depois de uma noite calma e tranquila, não depois de ter gozado um sono necessário e reparador das energias gastas durante o dia anterior... E você, meu amigo, pode ir para casa, descansar.

SIMBOLISMO...

(CONTINUAÇÃO DA PÁG. 5)

— "Sim, mas não vai negar que ha cobras que matam em poucas horas, e aranhas cujo veneno dá frio e tremor, e bichinhos cobertos de pêlo que queimam como vinagre em chaga, de tão venenosos!"

— "Perigos ha, de certo, e muitos e varios — concordou afinal o Torto, mas não ha bichos ferozes também do lado de lá? "E apon-

tou para o ocidente, num vago gesto que queria abranger a Iberica. Olhou para os lados e ciciou: "Não ha em Portugal o João de Melo, o Bernardo da Cruz, o cardeal D. Henrique?" Ao ouvirem os nomes dos três terríveis inquisidores portugueses, o ultimo dos quais — irmão de D. João III — então inquisidor — mór, os dous companheiros estremeeceram. Pedro ciciou baixo: "Virgem!"

— E depois, acrescentou o dispenseiro, vocês queriam riqueza facil, sem sustos nem riscos? Eu irei; quem não quizer, fique..."



A serra do Mar erguia seus erigados contrafortes, cheios de arvores eretas e vegetação alta, de verde cambiante, branquicento aqui, vivo como dorso de sairá ali, quase negro mais além.

Os três desertores sabiam que era preciso galga-la, porque na vertente ocidental a mata já não tinha a mesma feroz agressividade do levante, e um grande planalto se estendia, opulento, com gemas e pepitas faiscando ao sol, qual germinação encantada à flôr da terra maravilhosa.

Atravessaram brejos, matos, chavascas; sofreram o calor, o mosquito, a chuva, até alcançarem as fraldas da serra.

Uma picada ingreme levava para cima e para o desconhecido: antiga vereda dos tupi-niquins, agora usada por um ou outro branco, caminho de Santo André da Borda do Campo. Pior ainda do que a viu Frei Gaspar da Madre de Deus, quando disse ser aquilo "o pior caminho do mundo".

Cipós atrancantes, tão depressa eram arimo na subida como impecilho aos pés.

Muitas vezes seus passos levantavam bandos de borboletas, pequenas como pétalas aladas, grandes como fiapos esvoaçantes de nuvens roseas e brancas, azuis como punhados de anil soltos no ar.

E bailando leves á sua frente, multicores como esvoejantes rubis, safiras, topázios, ametistas, as borboletas desprendiam das asas um pólen louro, que résteas de sol apanhavam em cheio, pondo no crepusculo milenar da mata luciferações microspicas de ouro em pó.

Por que precisam as mulheres de dois reguladores?

A ciência, a razão e o bom senso respondem: porque males diferentes só podem ser tratados com remédios diferentes. E os males próprios do sexo feminino são de duas naturezas diferentes: os que produzem regras abundantes e os que produzem falta ou diminuição de regras. E, portanto, éles exigem remédios diferentes. Este é o critério científico a que obedece o Regulador Xavier, fabricado em duas fórmulas diferentes:

O Regulador Xavier N.º 1: para as regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc.

O Regulador Xavier N.º 2: para a falta de regras, regras diminuidas, atrasadas, suspensas e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flôres brancas, insuficiência ovariana, etc.

Para o bem de sua saúde e de sua vida é necessário que as mulheres deixem o perigosíssimo costume de lançar mão do primeiro remédio que se lhes apresenta. Os seus males precisam ser tratados com toda a atenção e cuidado, pois que qualquer descuido poderá lhes trazer consequências desastrosas. Verifiquem as mulheres a natureza de seus males observando as suas regras. Saberão assim qual dos dois Reguladores Xavier lhes convém. Recorram então a éle. O Regulador Xavier lhes assegura um tratamento racional e eficiente porque é fabricado de acôrdo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier é a garantia da saúde e do bem-estar das mulheres.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2.º Lda

E eles caminhavam então assombrados, perseguidos pelas gemas flutuantes, auriflamadas nas pulverizações mordidas e douradas de luz quente. Uma e outra araucaria indicavam que a altura se fazia maior, a cada passo, e maior também o sacrifício. Roupas em tiras, mantimento escasso, corpos moidos de tombos, de cansaço, sugados por mil insectos hematófagos, dilacerados de espinhos, picados por vespas de ferrão envenenado... Uma tarde, exaustos, os três homens buscaram água fresca e marulhante numa gruta da serra. A mão em concha, Pedro se debruça sobre o olho da água. Apesar da volúpia da linfa gelada, da cama fôfa de ervas convidando o corpo cansado, ele não se deita para beber. Gedeão poderia tomá-lo para os seus trezentos bravos...

Mas a boicininga rasteja entre as pedras, oculta no tufo verde, de fétos. Quando lhe ouve o guisalhar, é quando lhe sente as pre-

sas mordendo o talão nú. Um apelo: "Virgem!", a cabeça lanceolada do repetil coruscando nos olhos de pupilas verticais, silvando com a língua bipartida, um instante, e logo contorsões em espiral, com guisalhar de crótalos, porque o tiro da pistola empastara de sangue o craneo da serpente.

Acodem o Torto e Diogo. Empalidecem de horror: é a "cobra que tine", explica o dispenheiro, apontando a cascavel que se contorce sempre, morrendo.

Foi lenta a agonia: paralisado, cego, surdo, a perna negra e inchada, dessorando sangue. O moço grumete dá urros de dôr, conserva sempre a lucidez, porque a peçanha da boicininga é mais terrível por isto: deixa ao condenado a consciencia da sua condenação, até o final. E durante 16 horas sentiu e soube Pedro que estava morrendo, que aquilo era o irremediável!

As lianas prenderam em cruz dous paus de canafrista sobre a terra remexida de fresco. Diogo, o marinheiro, prendeu nos laços de cipó a melancolica flôr do jacatirão, e continuaram a marcha os dous que ficaram ainda lutando.

Comeram raízes lenhosas e insonsas, que mal disfarçavam a fome; culicideos vorazes e nuvens de motucas não paravam de lhes chupar a pele; carijós os atacaram. Dêsse ataque ficou o Torto com uma brécha no peito, depois que arrancou a custo a haste emplumada de uma flecha. Tiveram que desviar da picada e embrenhar-se na selva virgem, onde menor era o perigo do bugre que espreitava, em guerra, o caminho de Santo André.

Mais subiam, mais se perdiam. Aquilo não tinha fim.

Depois a selva se fez mais clara, pinheirais surgiram, aplanou-se o chão.

(Continua na pág. 55)

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PARA DEFENDER
SUA SAUDE
exija um
refrigerador.

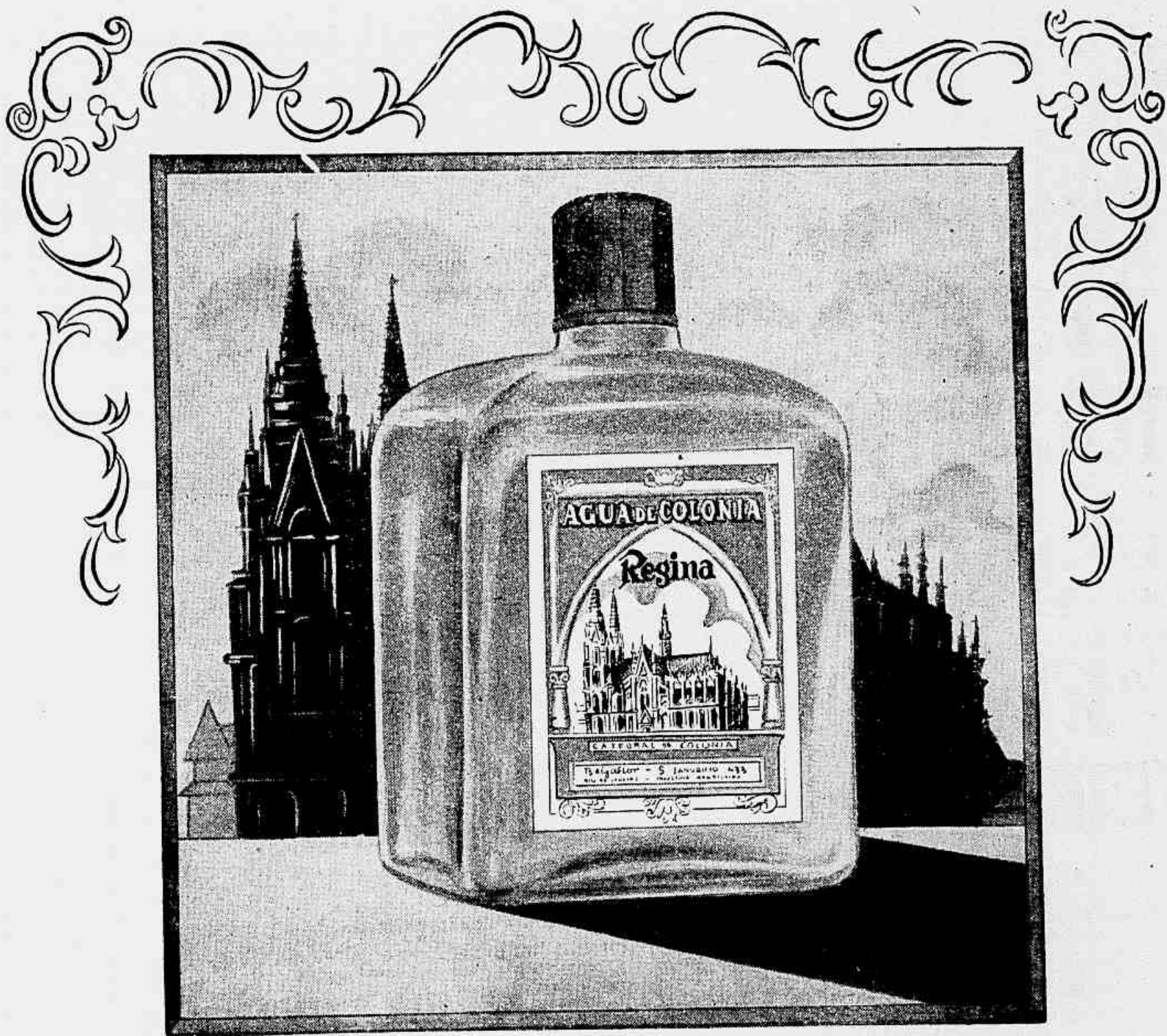


Exposição Permanente
Indústrias Neve Ltda.
Rua Rosa e Silva, 74
(ang. Praça Marechal Deodoro)
Fones: 5-1311 e 5-1322

**UMA DOSE
DE
ALEGRIA**

Não passe pela vida sem viver! Use as "Pílulas de Reuter" para o fígado e tudo lhe parecerá mais agradável. Compostas de ingredientes vegetais puros, são inofensivas e normalizam as funções do aparelho digestivo.

PILULAS de Reuter
PARA O FÍGADO



A RAINHA DAS ÁGUAS DE COLÔNIA!



Regina

O SABONETE MARAVILHA!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

Sua voz poderá
ser ouvida em
VÁRIAS PARTES

do
MUNDO



**através do
TELEFONE
INTERNACIONAL**

Transações comerciais e comunica-
ções familiares - tudo se faz mais
rápida, direta e praticamente
usando o

**"SERVIÇO
INTERNACIONAL"**

Tarifas reduzidas noturnas e aos
Domingos para os EE.UU. e Canadá.



Pelo convênio de Tráfego Mútuo que mante-
mos com a COMPANHIA TELEPHONICA
BRASILEIRA, no Distrito Federal, São Paulo,
Estado do Rio e Minas Gerais, COMPA-
NHIA TELEFÔNICA PARANAENSE no
Estado do Paraná e COMPANHIA TELE-
FÔNICA RIOGRANDENSE no Estado do
Rio Grande do Sul, é dado aos senhores
assinantes desses Estados o conforto de
poderem falar de seus próprios telefones.

RADIOGRAMAS PARA  **TODO O MUNDO**
Informe-se na

**Radio
Internacional
do Brasil**

Av. Almirante Barroso, 91-esq. de Graça Aranha
Telefone 22-5191

SÃO PAULO - PORTO ALEGRE - CURITIBA - VITÓRIA -
SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - BELÉM - MANAUS

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO
VINHO CHICO MINEIRO

MAIS LIGE PEGIME NÃO FAZ MAL E É USADO HA VÁRIOS DE MEIO SÉCULO
MULTIFARMA - Praça Patrocinadora, 26 - Sala 6 - São Paulo - Remessa pelo reembolso postal

S.S. Publicidade

O ALIBI

(Continuação da pág. 49)

Mentir ou não? Uma série de circunstân-
cias imprevistas obrigavam-no a decisões ime-
diatas, o que era mau, uma vez que o seu
plano dependia da execução perfeita segun-
do o traçado.

— Sim. Conhecia-o.

— E nunca suspeitou de que houvesse al-
guma coisa entre ele e sua mulher? Nunca
lhe passou pela cabeça que ele fosse a causa
do pedido de divórcio dela?

— Nunca.

— Está bem. Obrigado.

Quando o detetive se retirou ele ficou
refletindo. Teria cometido algum engano?
Teria sido imprudente confessando que co-
nhecia Nelson? Não. Seu erro fora, em pri-
meiro lugar, não ter falado no verdadeiro
motivo do pedido de divórcio. Mas uma coisa
lhe restava: seu completo e inexpugnável
alibi. De repente lembrou-se de uma coisa:
e o romance? onde o pusera? No cofre. Es-
taria a salvo lá. Mais valeria queimá-lo.
Sim. Assim que o detetive partisse quei-
má-lo-ia.



Poderia dizer que ficara surpreso ao ouvir
aquela frase:

— Em nome da lei, está preso?

Não era verdade que, havia muito tempo,
ele sentia chegar aquele momento, ele sentia
que o cerco estava apertando e que, para
livrar-se, ele só tinha um caminho — a fuga?
Era verdade.

— Em nome da lei, está preso.

Mas era preciso jogar até o último lance.
Voltou-se lentamente e disse:

— Como?

— Está preso pela morte de sua esposa.
Devo avisar-lhe que quaisquer declarações
prestadas dagora em diante poderão ser usa-
das como prova contra o senhor.

— Que tem contra mim?

— Provas.

— Ora! Simplesmente porque discuti com
minha mulher?

— Não. Porque o senhor discutiu com
sua esposa e porque saiu de casa, tremendo
de raiva, como afirma a primeira testemunha.
Porque o senhor, anteriormente, já tivera al-
tercações com sua esposa a respeito de um
cavalheiro chamado Nelson. Porque, quando
foi interrogado, o senhor negou saber das
relações entre sua esposa e ele. Porque,
assim que eu sai deste apartamento, o senhor
correu para o cofre e procurou em vão um
romance que ali escondera — um romance
intitulado "O Alibi", livro policial, no qual
o marido mata a esposa e faz uso de um alibi
a toda prova. Um grupo de amigos... um
jogo de poker...

— E' mentira! Eu não tenho um alibi!
Pelo menos não fabriquei um alibi! Estou ino-
cente. Meus amigos podem provar que es-
tive com eles desde...

— Seus amigos não podem provar nada.
Seus amigos morreram...

— Como?

Era como se uma força maior do que ele
pudera imaginar, desabasse sobre ele.

— Um desastre de automóvel vitimou seus
quatro amigos. Não há provas de que o se-
nhor esteve jogando poker com eles. Não
adiantou, como vê, recorrer ao testemunho
de mortos.

— Mas... mas é a verdade, eu estive lá!

— Esteve lá, ou inventou que havia esta-
do, depois de saber que eles não poderiam
desmenti-lo? Onde jogaram.

— No apartamento de um deles?

— Quem mais estava lá?

— Só nós quatro.

— Algum criado?

Desanimado, sem forças mais para lutar,
James confessou:

— Era o seu dia de folga. Estávamos sós
os quatro.

— Uma história improvável.

— Mas verdadeira.

— O juri decidirá.

Nunca ele poderia imaginar que seu alibi,
preparado com tanto cuidado, não resistiria
à primeira investigação. O destino conspirara
contra ele: não era possível... Todos os pre-
parativos: o revolver preso por um barbante
ao despertador, a fim de disparar na hora
marcada, o aparelho improvisado, colocado na
lareira, a fim de disparar na hora em que ele
sabia que ele viria sentar-se ali. O alibi...
Subitamente surgia o destino e, com um gol-
pe, destruía tudo o que ele construía.

Confessou. Desanimado, confessou tudo.
Quando acabou de assinar a confissão com-
pleta o detetive fez entrar os amigos, que es-
tavam na sala de espera. Fora tudo um ardil.



Aprenda pelo mé-
todo moderno
**POR CORRES-
PONDÊNCIA**, o Curso
completo de Corte e
Costura. Estude EM
SUA PRÓPRIA CASA,
nas horas livres, sem
deixar suas ocupações
habituais.

GRATIS

Cada aluna receberá:
Figurinos da última
moda - Carteira de
Identidade - 100 cartões
de visita - Serviço espe-
cial de consultas sobre
o curso.

Em pouco tempo e com
poucos gastos, será uma
excelente modista, perfei-
tamente preparada para
fazer qualquer trabalho
nessa profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal, 5058 - São Paulo

397

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me GRATIS, o folheto completo sobre
o curso de Corte e Costura por correspondência.

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____

ESTADO _____

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIDINA

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



SIMBOLISMO...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 53)

Não sabiam onde estavam, para onde iam, porque andavam ainda... Perdidos, nós, famintos, agonizando a cada passo.

Até que o Torto, sempre à frente, se apurou de chôfre, e pondo a mão na ferida do peito, como que para não fugisse por ali o

sopro da voz cava, articulou em trejeitos de alegria alguma cousa que o marinheiro não podesse ouvir.

E quando este, arquejante, avançou um pouco mais, cheio de alvoroço, viu o milagre: numa clareira da mata, balouçando, tetricos, as mãos às costas, eternamente mudos, 4 condenados pendiam de 4 forcas, fronteiros dous a dous.

Então Diogo, marinheiro desertor, talvez punível da mesma pena, cravando nos enforcados as pupilas que tinham conhecido todos os horrores da brenha, só soube ajoelhar, abençoando: "Louvado seja Deus! Estamos em terra de cristãos!" O Torto, chamejando o olho só, amparando com ambas as mãos a ferida que sangrava do esforço, corria, tropeçadamente, para as fôrças...

Desperte a Bilis do seu Fígado

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases inebam o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3.00



A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca (Brilhante), ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um de de naturalidade encantadora à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca "Brilhante" permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante". Experimente-o. É um produto dos laboratórios Alzira de Freitas.



Uma carícia perfumada!

De inebriante perfume e suave como uma carícia, o pó de arroz Lady dá maior beleza aos mais lindos rostos... Sua aderência perfeita o mantém sobre a cutis durante longo tempo. Por isso o pó de arroz Lady é o mais usado e preferido no Brasil, há mais de trinta anos.



PÓ DE ARROZ

Nas cores:

- ★ Branco
- ★ Rosa
- ★ Raquel
- ★ Ocre-claro
- ★ Ocre-escuro

Lady

É O MELHOR E NÃO É O MAIS CARO!

A VENDA EM TODO O BRASIL

P. FERRAZ

Paulo de Magalhães vem de editar uma "novela realista" a qual denominou "Cabotino". Damos, abaixo, um fragmento desse trabalho que o autor dedicou a Bernard Shaw, "o Paulo de Magalhães do mundo", na sua própria opinião:

O "TRIANON"

A "sala-de-espera" do Trianon, teatrinho que fez época e foi a verdadeira sede da Comédia brasileira durante muitos anos, era



ÁGUA INGLESA
GRANADO
TÔNICA E APERITIVA
NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS
T. TARQUINO



A TOSSE REBELDE
ENFRAQUECE OS PULMÕES
Evite esse risco! Para bronquite, tosse e coqueluche, use
PEITORAL DE ANACAHUITA
DE KEMP Composto



Óleo Elétrico
O INIMIGO DA DOR!
Efeito instantâneo nas dores reumáticas, nevralgias, torceduras, inflamações, ciática, lumbago etc.
Peça **Óleo Elétrico** do Dr. Charles de Grath

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXO-DENT, um novo pó para polir a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não dá sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA LIDA.
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

Paulo de Magalhães e o "Cabotino"

ponto de reunião dos homens de teatro.

À tarde e à noite reuniam-se ali autores, artistas, jornalistas, para conversar, discutir, trocar idéias e fazer projetos sobre todas as coisas atinentes ao palco nacional.

Léo de Avelar, "autor da casa" e várias vezes seu diretor, era a figura principal daquelas reuniões diárias. Aludindo, certa tarde, a uma crônica insultuosa contra o primeiro ator da Companhia, Léo de Avelar disse:

— "O insulto está desmoralizado no Brasil. Abusaram dele, usaram-no sem conta, sem equilíbrio, sem medida, em excesso..."

Quando Antônio Tórres, que foi um insultador interessante, apareceu achincalhando Deus e todo o mundo, o insulto fez sucesso, o insulto criou fama.

A popularidade, triste popularidade, do insultador provocou até inveja, provocou até ciúmes... Toda a gente atirou-se a imitá-lo. Uns com talento, outros com esparramada estultice.

O insulto passou a ser, então, aguda manifestação de "cabotinismo". Certos indivíduos insultavam outros para serem comentados, para terem os próprios nomes em foco, para conseguir fama...

Criou-se a "nobre classe" dos "profissionais do insulto". Aquele que o vomitasse mais forte e mais pesado era logo proclamado "campeão da falange"...

A patulêia ululava de gozo e ficava resolvido, nas "rodinhas" dos cafés, que o insultador era, simplesmente, genial.

Depois, com a repetição, o "gênero" começou a fatigar. Os adjetivos pejorativos entraram a perder a sua força. Já não exaltava tanto o prazer satânico da "massa" invejosa e má.

De repente, porém, aparecem novos artífices do insulto. Gente que o "refinava", cuspinhando palavrões. A patulêia exaltou-se de novo. Era bonito ver-se um Chefe de Estado ser chamado "cão"; um homem político ser chamado "ladrão"; um homem de situação social ser chamado "rufião".

O insulto fez nova carreira... Chegou a todos os excessos. Os "falhados", os mal-humorados, os de máus fígados e de mau estômago, os raquíticos de corpo e de coração, e, sobretudo, os despeitados, redobram sua faina com entusiasmo frenético.

Mas o resultado foi contraproducente. Os insultados, sem nenhuma reação aparente, começaram a ter a simpatia e o apóio espontâneo dos homens de boa fé. Os que tinha valor, os que tinham prestígio, depois das

campanhas insultantes, como que cresceram no conceito e na admiração de toda a gente. Os insultadores perderam o seu tempo, cansaram-se inutilmente e ficou provado que o insulto não interessa mais, não desmoraliza ninguém, é completamente anodino.

— Coitado do insulto: morreu!

Os circunstantes divertiam-se, enormemente, com essas "tiras" e "à propósito" de Léo de Avelar e era comum afirmar-se que mais valia ir ao Trianon para ouvir as suas palestras na "sala-de-espera" que algumas das peças que se representavam no palco...

O "CAFÉ BELAS-ARTES"

Em 1923, havia nas lojas do edifício do "Jornal do Brasil" um Café denominado "Belas-Artes". Pequeno, mais ou menos sujo, mesas tósas, bancos sem encosto, o "Café Belas-Artes" era o "quartel-general" dos literatos e dos artistas que se consideravam geniais.

Ainda se usavam chapéus de abas largas, gravatas à "La Vallière", unhas sujas, dentes caridos e roupas poídas, como "uniforme" de Poeta...

Ainda se usava "frack" rabudo e grosso para mostrar que o sujeito tinha categoria social ou política.

E porque certa dama passou pela Rua do Ouvidor com um vestido colante, mas perfeitamente decente, houve vaia estrepitosa, paralização do trânsito e títulos garrafais nos jornais da época.

Os centímetros exíguos de paño que cobrem, hoje, apenas os seios — quando cobrem! — e as virilhas das mulheres, nas praças e nas ruas da cidade, provam o grau de atraso e de incivilização do Rio de Janeiro de 1923...

O "Café Belas-Artes" era um ninho de "celebridades". E Cleonídio Palmeira, "o grande e temível Critico", dominava naquele ambiente como um galo novo num terreno de pintainhos.

O poeta de rosto esquelético coberto de "espinhas" precursoras de uma barba rala, cortejava Cleonídio com a esperança de que ele dissesse uma palavra de louvor ao seu futuro livro de sonetos.

Cleonídio dogmatizava no "Belas-Artes" com a solenidade doutoral de quem dá lições na "Sorbonne". E porque era pauroso e tinha voz forte, ele chegava sempre o seu auditorio de literatinhos incubados.

— Ele é genial! — dizia o poeta Secundino, com o que era caído de admiração!...

— "Se fôsse francês — testava outro plúmbeo — era uma celebridade mundial!"

E Cleonídio tomava, então, tude de gênio incompreendido para soltar a frase que supunha ser dele: — "Quem escreve em português, escreve a portas fechadas!"



Como V.S. se protege contra a PIORRÉIA?

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas!

Sendo descuidada, a piorrêia se transforma numa enfermidade repulsiva. A inflamação e o encolhimento das gengivas e o afrouxamento dos dentes, que às vezes devem ser extraídos embora estejam inteiramente sãos, desfiguram a boca. Esteja em guarda contra os primeiros indícios da piorrêia. Não se descuide nunca das gengivas sensíveis e que sangram!

E também não se descuide das precauções necessárias, como o uso diário do dentífrico FORHAN'S — feito especialmente para a limpeza dos dentes e a massagem nas gengivas. FORHAN'S para as GENGIVAS é o único dentífrico que contém o adstringente especial anti-piorrético do Dr. Forhan. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de piorrêia apresentaram notável melhora no fim de apenas um mês de uso do dentífrico FORHAN'S.

Visite seu dentista com frequência. E comece a usar o dentífrico FORHAN'S.

Escove os dentes com

Forhan's



R. J. Forhan D.D.S.
"Não espere sofrer de piorrêia para usar Forhan's — use Forhan's antes da piorrêia."

DEPURE O SEU SANGUE

Salsaparrilha de Bristol é uma excelente medicação auxiliar no tratamento da sífilis. Depurativo vegetal, sem contra-indicação, seu uso é de efeito benéfico a todo o organismo.

SALSAPARRILHA DE BRISTOL

(Medicação auxiliar no tratamento da sífilis)

ROUGE LIQUIDO RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
DÁ AS FACES UM ROSADO INCOMPARAVEL

A VENDA EM TODA A PARTE

sultas. Mas agora quero uma clientela mais fina. E você de turbante provocará maiores comentários que o próprio regente.

JULIA — E qual o vestido, Sonia?

SONIA — O preto, Julia. E chame o cabeleireiro para me fazer um penteado. Quero estar bonita, hoje...

JULIA — Está bem... Com licença. (PASSOS PORTA).

TAG — Haverá alguém no teatro, Sonia? Alguém para que você deseje especialmente parecer bonita?

SONIA — Sei que Roberto reservou lugar na platéia. E desconfio que irá com a Nadir. Por isso vamos...

TAG — E Nadir?...

(Contrôle — Passagem musical)

CARLOS — Nadir!

NADIR — Carlos! Que surpresa!

CARLOS — Tenho que embarcar para São Paulo a fim de visitar meus pais. Volto dentro de oito dias para seguir viagem para os Estados Unidos no Blue Star. Tenho apenas algumas horas para falar com você...

NADIR — Fez bem em me procurar. Estou contente em vê-lo novamente, Carlos. Já começava a sentir saudades de você.

CARLOS — A nossa separação no México foi em circunstâncias tão estranhas...

NADIR — Sim, eu estava desesperada... (OT). Mas que tem feito, Carlos?

CARLOS — Trabalhando e pensando muito em você. Continuo na esperança de que você me queira.

NADIR — E tanto eu desejava poder lhe responder afirmativamente...

CARLOS — Ainda não esqueceu o... o outro?

NADIR — Não sei. Ele ainda parece ter grande influência em meu espírito. Mas começo a ter medo de estar certa. Tenho a impressão de que o vou conhecendo mais intimamente...

CARLOS — Nadir, dentro de oito dias devo embarcar para os Estados Unidos. E ainda uma vez, queri atentar lhe fazer uma pergunta...

NADIR — Faça-a...

CARLOS — Quer tentar recomeçar uma outra vida a meu lado? Você me estima. E eu não lhe peço um grande amor. Serei o marido mais carinhoso e tudo farei para vê-la feliz.

NADIR — Oh! Carlos... O que você me pede...

CARLOS — Já sei, é impossível...

NADIR — Não... Não é essa a resposta. A minha vida toda depende de uma revelação que me fizerem...

CARLOS — E quando?

NADIR — Hoje. Dentro em pouco creio que vão me revelar o segredo que tem me angustiado a vida. Essa revelação irá transformar toda a minha vida.

CARLOS — Quer dizer que ainda devo ter esperanças?

NADIR — Eu não quero iludi-lo, Carlos. Apenas vou sair e não queria conversar com você assim, rapidamente...

CARLOS — Ah! nem sequer havia notado que você estava pronta para sair.

NADIR — Carlos, eu vou para a casa de Madame Sonia...

CARLOS — Ela está novamente no Rio?

NADIR — Está. Na mesma casa. Eu hoje vou tentar arrancar daquela mulher o segredo do meu passado...

CARLOS — Ela sabe então?

NADIR — Sabe. Otavio, o violinista que conhecemos á bordo, escreveu-me uma carta, erquendo parte do mistério que me cerca. Ele... ele era meu pae...

CARLOS — Seu pae?!

NADIR — Sim. E na carta diz que Madame Sonia conhece o resto do segredo.

CARLOS — E você vae procura-la?

NADIR — Agora. Creio que hoje mesmo tudo estará sulucionado. E depois, eu gostaria de conversar com você...

CARLOS — E como deve fazer, então, Nadir?

NADIR — Não embarque hoje. Deixe para viajar amanhã... E agora leve-me até ao carro.

CARLOS — Nadir, são oito horas da noite. Poderei procura-la ás dez?

NADIR — Sim... Até essa hora devo estar de volta. Si por acaso você não me encontrar, telefone-me. Não quero que você embarque amanhã cedo sem ter falado comigo.

CARLOS — E telefonar-lhe para onde?

NADIR — Para a casa de Madame Sonia... Aqui tem o numero. Tome nota... 27... 94... 7...

Controle — passagem musical —

SONIA — Vou telefonar, Téu.

TAG — Não vae esperar o segundo ato?

SONIA — Não. Essa Margarida está insuportavel. Dentro de alguns minutos leve o meu abrigo para o saguao. Tomaremos o carro e iremos para casa...

TAG — Porque essa precipitação, Sonia?

SONIA — Você não viu que Roberto estava na platéia e não voltou para o segundo ato?

TAG — Sim, tem razão...

SONIA — Vou mandar segui-lo. Eu preciso liquidar com isto de uma vez por todas. E será hoje...

TAG — Está bem. E é bom que deixemos o espectáculo. Estou sentindo sono...

SONIA — Dentro de meia hora estaremos em casa. A pobre Julia deve estar se aborrecendo sosinha...

Controle — passagem musical —

JULIA — Encontrou-me sosinha, menina Nadir.

NADIR — E eu precisando tanto falar com Madame Sonia.

JULIA — Minha filha, talvez tenha sido bom não a encontrar.

NADIR — Não compreendo.

JULIA — Eu, si ela estivesse aqui, não poderia estar conversando como estou, com você. Ela iria atende-la, e mais uma vez o problema que as faz sofrer seria protelado.

NADIR — Sim...

JULIA — E é tempo que você conheça tudo o que se passa.

NADIR — A senhora acaso sabe...

SONIA — Sim. Acredito que ninguém mais se recorde de Madame Sonia, a Vidente.

TAG — Não acha interessante trocar de nome para começarmos vida nova?

JULIA — Eu acho que devíamos ir para São Paulo. O Rio já a conhece bastante...

TAG — Eu consegui preparar um novo "truc". É um jogo de espelhos. Você poderá fazer com que o próprio consulente, veja diversas cenas na bola de cristal. Deve dar um resultado formidável...

SONIA — Não acredito. Isso tiraria muito do mistério. O povo só acredita no que não vê.

JULIA — E que pretende fazer?

SONIA — Creio que levarei alguns meses mais sem trabalhar. Estou precisando dêste descanso.

TAG — E quanto aos nossos empregados?

SONIA — Continuarão ganhando... Mais um mês ou dois...

JULIA — Ganhando sem trabalhar.

SONIA — Não será sem trabalhar de todo. Eu quero que Roberto continue vigiado.

TAG — (Rindo) — Pobre Roberto! Não terá um minuto de descanso...

SONIA — Ainda agora informaram que ele está no Casino...

JULIA — Só?

SONIA — Só. Mas sei que Nadir também está lá. Irão se encontrar, com certeza...

TAG — Mas depois do que houve creio que ele não conseguirá falar com ela...

(Controle — Passagem musical — Funde com música

dançante)

ROBERTO — Nadir, quer dançar comigo?

NADIR (Num susto) — Roberto!

ROBERTO — E então, Nadir, dançamos?

NADIR — Ainda tem coragem de vir me falar?

ROBERTO — Estou chamando a atenção aqui, de pé, junto à sua mesa. Não me obrigue a usar outros recursos.

NADIR — Não desejo mais falar com você, Roberto. Deixe-me em paz.

ROBERTO — Venha dançar comigo. Do contrário farei um escândalo. Lembre-se que não tenho medo de coisa alguma.

NADIR — Por favor, Roberto, deixa-me.

ROBERTO — Está bem. Você me verá sair preso daqui...

NADIR — Está bem, Roberto. Vamos dançar.

ROBERTO — Eu estou precisando falar tanto com você!

NADIR — E porque aqui? Sabe onde eu moro. Sabe meu telefone...

ROBERTO — Tenho sido vigiado dia e noite. Aqui, dançando, estou sendo espionado. Mesmo assim, podemos falar à vontade.

NADIR — Não temos nada a nos falar.

ROBERTO — Eu preciso lhe explicar o que aconteceu.

NADIR — Creio que não é possível existir alguma explicação.

ROBERTO — Por favor, Nadir, ouça-me. Eu tinha tudo preparado para descer. Posso provar-lhe. Juro-lhe pelo que você quiser...

NADIR — Eu o esperei ansiosa e quem chegou foi ela...

ROBERTO — Não sei como conseguiram descobrir os nossos planos. Eu não disse uma palavra. Você falou a alguém?

NADIR — Não... Isto é, falei com o sr. Otavio, o violinista...

ROBERTO — Ah! então foi isso.

NADIR — Isso o quê?

ROBERTO — Foi justamente ele quem me reteve à bordo. Imagine que me acusou de ter-lhe roubado a carteira. Na hora de descer à terra fui chamado ao camarote do comandante.

NADIR — Ele nada pôde provar contra você?...

ROBERTO — Naturalmente que não. Eu estava inocente. Tanto assim que pouco depois a carteira aparecia. Ele a havia perdido no bar. Mas enquanto isso não existia mais lanchas que me levassem à terra.

NADIR — Mas porque terá ele feito isso?

ROBERTO — Não sei. Talvez a mandado de Sonia.

NADIR — E que influência pode ela ter sobre ele? Um homem que parece tão digno!

ROBERTO — Quem sabe o que terá acontecido? Sonia é capaz de tudo...

NADIR — Eu gostaria de encontrar novamente o professor Otavio, indagar os motivos que o levaram a fazer isso...

ROBERTO — Não será fácil. Ele atualmente está em Washington, onde realiza um concerto... De lá, irá voar para São Francisco...

(Contrôle — Passagem musical)

JULIA — Seu Otavio deu ontem o seu último concerto em São Francisco e de lá partiu para Boston.

SONIA — Julia, você continua acompanhando a vida de Otávio...

JULIA — E porque não hei de acompanhar? Você sempre se interessa em saber onde ele se encontra, o que faz, se continua no apogeu...

SONIA — Sim, Julia. E agora, mais ainda. Depois de nosso encontro, vi que aquele grande amor havia morrido. E que mesmo o ódio que tanto tempo acalentei havia desaparecido. E nasceu uma pura amizade... Tão bom amigo...

JULIA — E qual foi a reação dele ao saber que Nadir era filha dele?

SONIA — Ficou pensativo, mas contente. Muitas vezes, mesmo, me disse que se sentia orgulhoso em ser pai duma criatura tão encantadora. E sentia desejos de dizer-lhe quem era, contar-lhe toda a nossa história...

JULIA — E deixe lá que seria melhor que o tivesse feito... Talvez tudo tivesse se resolvido.

SONIA — Não sei. E agora é tarde. Ele está tão longe. (PORTA) Olá, Téo, demorou hoje. Quais são as notícias de Roberto?

TAG — Dançou com a Nadir. E parece que chegaram a se entender. Pelo menos ele a foi levar para casa, na saída...

SONIA — Ele sempre vence, o miserável!

JULIA — Que tem você, Teo, parece preocupado?

TAG — E' que trago más notícias...

SONIA — Más notícias? Que mais poderá ter acontecido?

TAG — Trata-se de Otavio. Os jornais de hoje noticiam...

SONIA — Que houve com Otavio?!

TAG — O avião em que ele viajava para Boston caiu em meio da viagem...

SONIA — E ele?

TAG — Ficou muito ferido... Algumas horas depois falecia no hospital...

SONIA (Comovida) — Pobre Otavio...

JULIA — Talvez a morte tenha sido um bem... Ficar inutilizado, um artista como ele...

SONIA — Viveu algumas horas... Talvez tenha se lembrado de mim, da filha e ninguém lá para uma palavra de conforto, de carinho...

TAG — Ele legou toda a fortuna para Nadir...

SONIA — Como?! Então ele?

TAG — Os jornais não sabem o motivo. Dizem apenas que a fortuna dele ficou para uma moça brasileira, e dão o nome...

SONIA — Nadir há de estranhar com certeza que ele a tivesse feito herdeira de uma fortuna, assim, sem motivos que justificassem... E há de indagar. Talvez minha irmã lhe conte tudo... Ah! eu durante tantos anos procurando esconder o meu segredo... O Destino voltou-se contra mim...

(Contrôle — Passagem musical)

NADIR — Não compreendo, titia, não posso compreender. Porque o violinista Otavio teria deixado sua fortuna para mim?

TIA — E' um segredo que a ele pertence. A ele... e talvez a mais alguém. Algum dia você saberá. (OT) Que carta é essa que ainda está por abrir?

NADIR — Chegou-me há pouco. F. Vendo o carimbo estou receiosa de abrir...

TIA — De onde veio?

NADIR — Da América do Norte. Acho que seja do Carlos... mas tenho medo também que seja...

TIA — (Curta pausa) — De quem?

NADIR — De Otavio...

TIA — Mas então abre de uma vez, menina. (ENVELOPE RASGADO). O melhor é saber logo.

NADIR — Ah!?

TIA — De quem é?

NADIR — E' dele... De Otavio.

TIA — E que diz ele?

NADIR — Ouça, titia...

(Controle — Encerramento musical)

NADIR — Ah!?

TIA — De quem é?

NADIR — E' dele... de Otavio.

TIA — E que diz ele?

NADIR — Ouça, titia. (LENDO) Nadir, de meu leito de morte estou lhe ditando esta carta. Vou morrer e

estou contente... Os médicos disseram-me que para me salvar eu perderia o braço esquerdo. Pode imaginar o que isto representa para um artista, um violinista como eu. E' melhor morrer... Nadir, (AFASTANDO-SE) você, com certeza, há de estranhar muito quando souber que eu...

OTAVIO (APROXIMANDO-SE) ...estranhar muito quando souber que eu a fiz minha herdeira. Essa intenção eu tive desde que viajamos juntos. Pretendia fazer um testamento. Não esperava que fôsse tão cedo. E para que você receba esse dinheiro — esse dinheiro que por direito lhe pertence — eu preciso revelar-lhe um segredo. Um segredo que sua mãe escondeu de você. Um segredo que você só irá conhecer quando tiver 25 anos e puder abrir a carta que lhe foi deixada. Que sua mãe me perdôe o que vou fazer, contando-lhe este segredo que é meu também. Nadir, eu sou seu pai... Em pensamento chego a ver o seu rosto cheio de espanto. Mas houve: eu era um artista que começava uma carreira difícil, trabalhosa e precisava comer. Foi quando comecei a dar uma série de recitais. Um dia, em Poços de Caldas, conheci sua mãe. A nossa ligação foi espontânea, irresistível, uma fatalidade quase. Pouco depois eu tive que partir para a Europa em viagens de estudos e deixei essa mulher. Perdoa, nós homens, quando amamos, colocamos 80% do cérebro e menos de 20% de sentimento. As mulheres, quando amam, entregam-se inteiramente. Eu parti e logo o turbilhão que tem sido a minha vida fez com que eu esquecesse essa criatura para quem fui tudo. E nem sabia que você nasceu. Só agora, na minha última viagem ao Brasil fiquei sabendo que existia uma lembrança bonita do meu passado: você. Não me dei a conhecer porque soube-a dona de uma grande fortuna. Uma fortuna que tem sido ganha para você por essa heroína que tanto sofreu, sua mãe. Ela é uma criatura digna do seu respeito, pois mesmo agora, calando o seu segredo, sufocando o seu amor de mãe, tudo tem feito para a sua felicidade. Não posso lhe dizer mais. Apenas isso. O resto do segredo pertence a ela. Mas se quer saber mais alguma coisa do seu passado, procure Madame Sonia, a Vidente. Diga-lhe que lhe escrevi. Mostre mesmo esta carta que lhe envio de um leito do hospital, no estrangeiro, longe de amigos, de todos vocês. Madame Sonia poderá lhe revelar o resto do segredo, se assim achar conveniente. (ENFRAQUECENDO ATE' SE PERDER DE TODO). Ela deve dizer. E para mim, quero o seu perdão... o seu perdão querida... filha...

NADIR (Aproximando-se) — O seu perdão, querida, filha... (CHORANDO). Agora vem uma observação: — Minha senhora, ao dizer estas palavras, o grande artista entregou sua alma a Deus. Eu, uma enfermeira desconhecida, que estive escrevendo a carta que ele ditava, devo-lhe dizer que ele morreu feliz, um sorriso bom nos lábios... (NATURAL-COMOVIDA). E ele era meu pai...

TIA — Sim, Nadir. Era o seu pai. Eu sabia...

NADIR — Então porque nunca me disse?

TIA — Era um segredo que eu prometi guardar.

NADIR — E prometeu a quem, titia?

TIA — A' sua mãe. Minha irmã, quando me entregou você, com poucos meses de vida, pediu-me que nunca lhe contasse a história do seu nascimento.

NADIR — E quem é minha mãe? Você sempre me contou que ela estava morta...

TIA — Foi ela que exigiu de mim essa mentira.

NADIR — Mas agora sei que minha mãe é viva. Quem é ela? Onde está?

TIA — Não sei, Nadir. Juro como não sei onde está.

NADIR — Mas quem é ela?

TIA — Minha irmã embarcou para a Europa, à sua procura. Depois disso só tenho tido notícias dela através de cartas...

NADIR — Como se chamava?

TIA — Nadir... como você. Soube-a em Paris... Depois cada dia num lugar. A última vez que recebi notícias dela foi aqui mesmo do Rio. Um simples bilhete...

NADIR — Não é possível. Nunca mais a viu?

TIA — Nunca. Sempre que lhe escrevo é para Caixa Postal. Há vinte anos que minha irmã está morta para mim.

NADIR — Então serei obrigada a viver sempre na tortura deste mistério?

TIA — Seu pai diz na carta que procure Madame Sonia, a Vidente...

NADIR — E que pode ter essa mulher a ver com minha vida?

TIA — Não sei, Nadir. Só há pouco tempo você me contou que a foi consultar. Eu nem sei quem é ela...

NADIR — Não compreendo... Não posso compreender...

TIA — Eu fico pensando... (OT). Nada, tolices. Você irá vê-la?

NADIR — Sim... À noite irei falar com ela.

TIA — Está bem... E eu...

NADIR — Que pretende fazer, Tita?

TIA — Ainda não resolvi bem... Mas talvez faça uma visita.

(Contrôle — Passagem musical)

SONIA — Que é, Julia?

JULIA — Não quis dar o nome. Disse que desejava urgentemente lhe falar que é negócio do seu interesse...

SONIA — E você não a conheceu, Julia?

JULIA — Não. Mas me fez recordar um retrato de sua irmã que vi quando estávamos em Paris. Naturalmente mais velha... Foi há tanto tempo...

SONIA — Seria ela? Minha irmã teria se lembrado de vir me falar? E se assim fez, o que terá acontecido?

JULIA — Ela sabe que madame Sonia é...

SONIA (Cortando) — Não... Não sabe. Eu nunca lhe disse qual tem sido a minha vida. Escrevo-lhe de vez em quando, mando-lhe dinheiro, mando o cheque para a conta de Nadir...

JULIA — Há quantos anos não se vêem?

SONIA — 19 anos. Muitas vezes tive vontade de procurá-la. Mas evitei. Agora, com a vinda de Nadir à minha casa, creio que esse encontro será inevitável.

JULIA — Mando-a entrar?

SONIA — Sim, é melhor. Seja ela ou não, mande entrar...

JULIA — Está bem... (PASSOS - 2.º PLANO). Faça o favor, minha senhora.

TIA (SEGUNDO PLANO). Com licença...

SONIA — Tenha a bondade, aproxime-se.

TIA — Nadir! Você!...

SONIA — Não, querida. Nadir morreu. C... aqui é Madame Sonia, a vidente.

TIA — Eu tendo visto retratos seus, nos jornais, você mudou a cor do cabelo, engordou... Eu não poderia reconhecê-la.

SONIA — E agora, ao entrar...

TIA — Mesmo quando entrei não a reconheci quando você falou.

SONIA — Já sei o que a traz aqui...

TIA — Naturalmente, uma vidente...

SONIA — Não brinque. Eu já esperava cedo ou mais tarde você viesse me ver. Nadir lhe fez confidências. E você, com certeza, de estranhando que eu, uma qualquer, me envolvi na vida sentimental de Nadir.

TIA — Realmente, estranhei. Mas fiquei que fôsse interesse da mulher que amava o mesmo. Nunca poderia imaginar...

SONIA — E por que desconfiou?

TIA — Pela carta de Otávio.

SONIA — Como? Então Otávio escreveu para você?

TIA — Escreveu e contou tudo a ela.

SONIA — Tudo? Então ela ficou sabendo de tudo...

TIA — Não. Isso ele não revelou. Contou-lhe que era o pai dela. E que tudo o que ela tem a ver com a mãe e que esta é viva...

SONIA — Nesses casos continua o mistério.

TIA — Mas Otávio diz também que a mãe está viva. E aconselha-a a que procure você.

SONIA — A mim?

TIA — Sim. Diz que Madame Sonia, a vidente, lhe revelará o segredo.

SONIA — E ela, Nadir, o que disse?

TIA — Virá procurá-la. E para isso vim eu.

SONIA — Que pretende que eu faça?

TIA — Nadir... Bem, desculpe-me, custou-me acostumar em chamá-la de Sonia. Eu acho que sofreu muito, que lutou bastante e que, agora, tem de dizer tudo à sua filha.

SONIA — Seria uma decepção para ela. Não. Eu não devo lhe dizer.

TIA — E que irá dizer-lhe então?

SONIA — Não sei... Não sei... Estou totalmente tonta... Não sei o que devo fazer.

(Contrôle — Interlúdio)

TAG — Vai sair, Sonia?

SONIA — Sim, Teo. Vista-se para irmos ao teatro.

TAG — Qual o teatro?

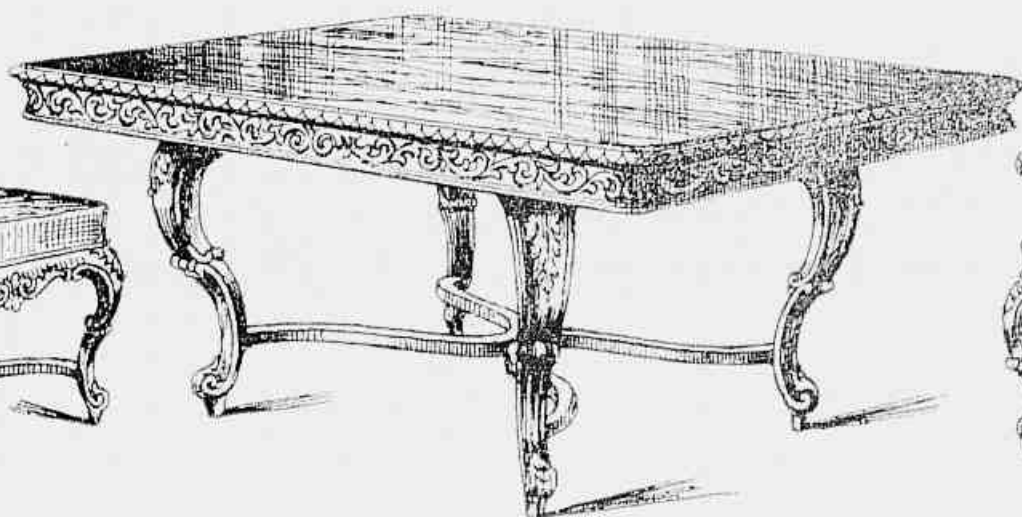
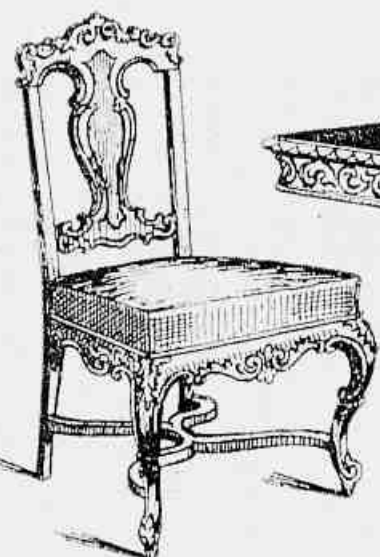
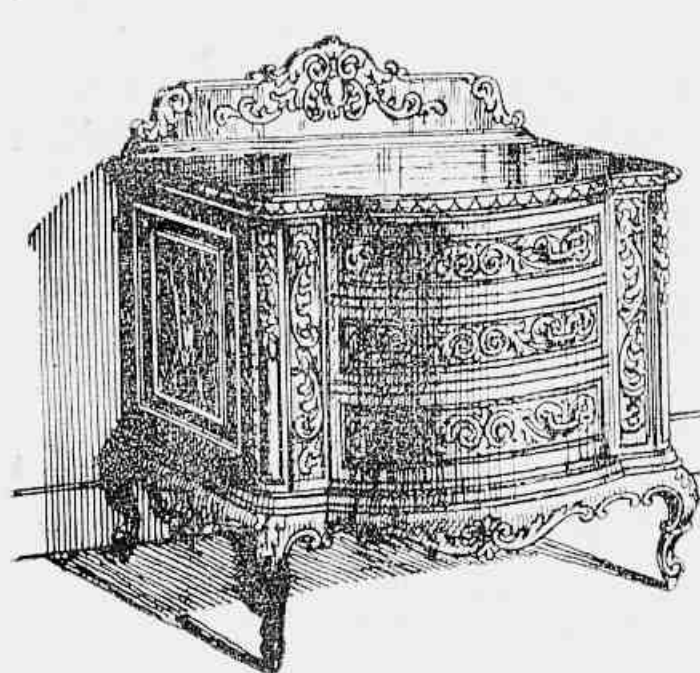
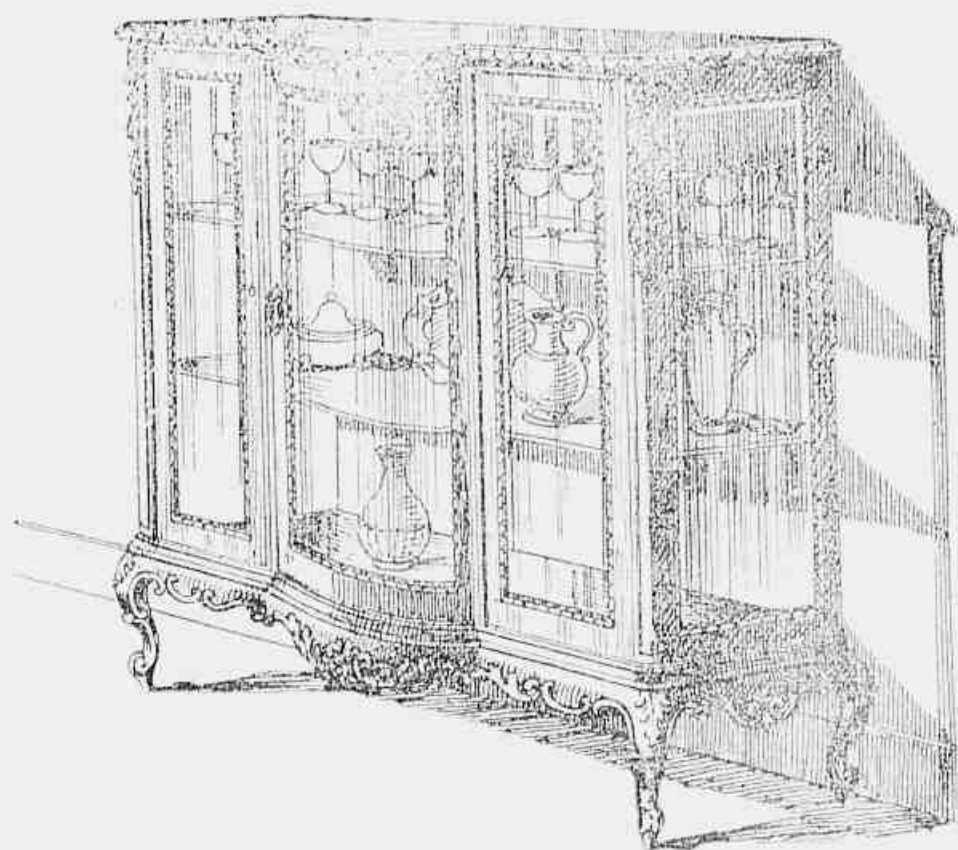
SONIA — Municipal. Temporada de ópera com vontade de ver o Fausto. Dizem que o tenor não obstante o soprano seja fraquinho...

TAG — Está bem. Vou me enfiar no "smoking".

SONIA — Um pequeno sacrifício, Teo.

TAG — Como devo ir? Fantasiado de indiano?

SONIA — Sim. Use o turbante. Será interessante chamar a atenção da platéia. Pretendo voltar a



« DINING-ROOM REGENCE »

Esta sala de jantar, em puro "regence", merece ser aproveitada em um grande palacete, onde tôdas as peças obedeam à uniformidade e pureza de estilo que são as suas características próprias. Trabalhada em talhas genuínas e originais, os móveis que aqui aparecem não deixam transparecer a mínima distonância do estilo primitivo da Regência. Cadeiras de assento amplo, "buffet" de 2,50 metros de largura, faqueiro baixo e cristaleira quase quadrada. A mesa, de pés recurvos, deve ser posta sempre no centro da sala.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS ASTORIA



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz